U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Um Hotel na “Praia das Rosas”: Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)

Ismael Filipe Moura e Sousa

M

2021

U.PORTO

Ismael Filipe Moura e Sousa. Um Hotel na “Praia das Rosas”: Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)

Um Hotel na “Praia das Rosas”: Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)

Ismael Filipe Moura e Sousa

M.FAUP **2015**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Um Hotel na ‘Praia das Rosas’

Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)

Ismael Filipe Moura e Sousa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
sob a orientação dos docentes Ana Alves Costa e António Neves.

Ano lectivo 2020/2021

Agradecimentos

aos meus pais, aos meus avós, aos meus irmãos, aos meus tios e tias, e toda a minha família, por todo o apoio incondicional, sem eles não seria possível ter completado este percurso.

aos docentes orientadores da dissertação, Ana Alves Costa e António Neves, pelo apoio, disponibilidade e ajuda durante todo este trabalho,

a todos os meus amigos, mas em especial, ao Rui, à Sara, ao Filipe e à Ana, um obrigado por todos os momentos e apoio.

a todos, um especial obrigado.

Abstract

This dissertation, entitled “Um Hotel na ‘Praia das Rosas’: Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol) emerged from a close relationship with the coastal landscape of the municipality of Vila Nova de Gaia, specifically Praia de Miramar. Thus, the selected object of study, Hotel do Sol (Mirassol), is inserted along this landscape and was an important milestone in the development of a tourism and leisure narrative in Miramar.

Built during the forties, this well-known hotel was closed in the late nineties and is currently in an advanced state of disrepair. However, the interest in this building has never faded. In recent years, several projects have been presented for this site, nonetheless, in many cases, they do not respect the symbolic value of this ruin.

Throughout this dissertation, it is proposed to carry out a documentary and graphic investigation on the history and characteristics of this unique hotel and the territory where it is located. The ultimate goal is to present an intervention proposal. Thus, the ruin was the starting point of all reflections of this dissertation.

In conclusion, the final proposal presented provides a synthesis of all the issues and refletions addresed throughout this work, seeking respect for the value of the ruin and its memory, without ever forgetting the need to adapt it to contemporary requirements.

Keywords

Ruin | Transformation | Construction | Landscape | Rehabilitation

Resumo

A presente dissertação intitulada "Um hotel na 'Praia das Rosas': Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)" surgiu de uma relação de forte proximidade com a paisagem costeira do concelho de Vila Nova de Gaia, especificamente a Praia de Miramar. Deste modo, o objeto de estudo selecionado, o Hotel do Sol (Mirassol), insere-se ao longo desta paisagem e foi um marco importante no desenvolvimento de uma narrativa de turismo e lazer em Miramar.

Construído durante a década de quarenta, este conhecido equipamento hoteleiro foi encerrado no final dos anos noventa, encontrando-se, actualmente, em avançado estado de degradação. No entanto, o interesse por este edifício nunca desapareceu. Nos últimos anos, têm sido vários os projectos apresentados para este lugar, que em muitos casos, não respeitam o valor simbólico da ruína.

Ao longo da presente dissertação propõe-se a realização de uma investigação documental e gráfica sobre a história e as características deste equipamento singular e do território onde se insere, com o propósito final de elaborar uma proposta de intervenção. Deste modo, a ruína foi o ponto de partida para todas as considerações da presente dissertação.

Por fim, a proposta final apresentada concretiza uma síntese de todos as questões e reflexões abordadas ao longo deste trabalho, procurando o respeito pelo valor da ruína e da sua memória, sem nunca esquecer a necessidade de adaptá-la às necessidades contemporâneas.

Palavras-Chave

Ruína | Transformação | Construção | Paisagem | Reabilitação

Agradecimentos 5
Abstract 6
Resumo 7

SUMÁRIO 9

Introdução 10
Metodologia 10
Estrutura 11

I. Contextualização 13
1.1. De Arcozelo a Miramar 19
1.2. Consolidação Urbana de Miramar 29
1.3. Miramar e o Turismo 39

II. O Turismo 49
2.1. A Indústria do Turismo 51
2.2 A Procura de uma Tipologia de Hotel Nacional 57

III. O Hotel 67
3.1. A História do Hotel do Sol (Mirassol) 71
3.2. A Ruína 89

IV. O Projecto 99
4.1. O Processo de Trabalho 101
4.2. A Proposta Final 111

Considerações Finais 125

Referências Bibliográficas 127

Lista de Imagens 131

Anexo - Desenhos da Proposta Final 139

Introdução

O tema de investigação da presente dissertação surgiu da procura de um caso de estudo prático, que permitisse a concretização de uma solução projectual, numa aproximação ao contexto real.

O objecto de estudo abordado é o Hotel do Sol, também conhecido como Hotel Mirassol, projecto por Jerónimo Ferreira Reis, arquitecto radicado na cidade de Espinho, onde podemos encontrar uma quantidade significativa da sua obra.

Inserido numa paisagem singular, o Hotel do Sol (Mirassol) foi construído durante a década de quarenta, pela iniciativa de dois irmãos com ligações a Miramar, conscientes das qualidades singulares deste lugar. Durante o seu período de funcionamente, foram inúmeros os problemas que afectaram o Hotel do Sol, entre projectos de expansão falhados, várias mudanças de proprietários e a descaracterização completa do edíficio original.

Localizado numa posição de excelência, junto à praia, no encontro de dois dos arruamentos principais do lugar de Miramar, o Hotel do Sol foi, ao longo da sua existência, um importante factor de dinamização deste importante episódio urbano costeiro. Consequentemente, o Hotel esteve sempre presente na construção de um narrativa única para o lugar de Miramar.

Metodologia

Dado que a presente dissertação incide sobre a intervenção num edíficio com uma forte história e um carácter único, a sua elaboração passou por conhecer a história do edíficio e, inerentemente, do lugar onde este se insere. Esta opção revelou-se muito importante para o desenvolvimento do trabalho, devido à escala do episódio urbano onde se insere e a influencia que ambos produzem um ao outro.

Ao longo deste trabalho, a documentação recolhida no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner e no Arquivo Municipal de Espinho foi de extrema importância para uma melhor compreensão destas temáticas. Deste modo, procurou-se estruturar a dissertação para dar a conhecer ao leitor as característica singulares deste território e compreender a importância do hotel para o mesmo.

Estrutura

Devido aos temas abordados, a presente dissertação foi dividida em quatro capítulos distintos. A partir das necessidades levantadas para uma melhor compreensão do caso de estudo, o processo de trabalho hierarquizou-se da seguinte forma.

O primeiro momento consiste na aproximação ao enquandramento territorial do objecto de estudo. Deste modo, foi realizada uma investigação sobre o territorio - a freguesia de Arcozelo - e o lugar - a Praia de Miramar. Procurou-se compreender a sua evolução histórico e social, permitindo estabelecer alguns princípios importantes para o consequente desenvolvimento do trabalho. Esta fase foi muito importante para uma melhor compreensão das dinâmicas interterritoriais e a importância deste equipamento hoteleiro.

O segundo capítulo relaciona-se com a temática do turismo, procurando entender a evolução histórica deste fenómeno, com foco no caso portugês. Ao mesmo tempo, procurou-se abordar esta temática de um ponto de vista arquitectónico. Deste modo, abordaram-se os problemas que afectaram a indústria hoteleira, durante a primeira metade do século XX, o que permitiu compreender melhor as escolhas tipológicas para este tipo de equipamentos, durante o período de construção do caso de estudo.

O terceiro capítulo focou-se na analíse do caso de estudo. Com apoio no material recolhido nos arquivos referidos anteriormente, foi possível compreender a evolução histórica do edifício, os vários projectos propostos ao longo das décadas e os inúmeros problemas que afectaram a sua operabilidade. Ainda neste capítulo, realizou-se um estudo das condições existentes da ruína, com vista ao desenvolvimento da proposta prática.

Por último, o quarto capítulo é a síntese de todo o trabalho realizado. Ao longo deste capítulo, apresentou-se as várias fases do processo de trabalho da proposta de reabilitação do edíficio, concluindo com a apresentação final do projecto.

I. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. | De Arcozelo a Miramar
1.2. | Consolidação Urbana de Miramar
1.3. | Miramar e o Turismo

A Lenda da "Costa das Rosas"

Das lindas praias que tem,
Granja, Aguda e Miramar,
Arcozelo é doce mãe
Com três filhas para cuidar

Praias de finas areias
Cheias de rara beleza,
Com encanto de Sereias,
Fascínio da Natureza

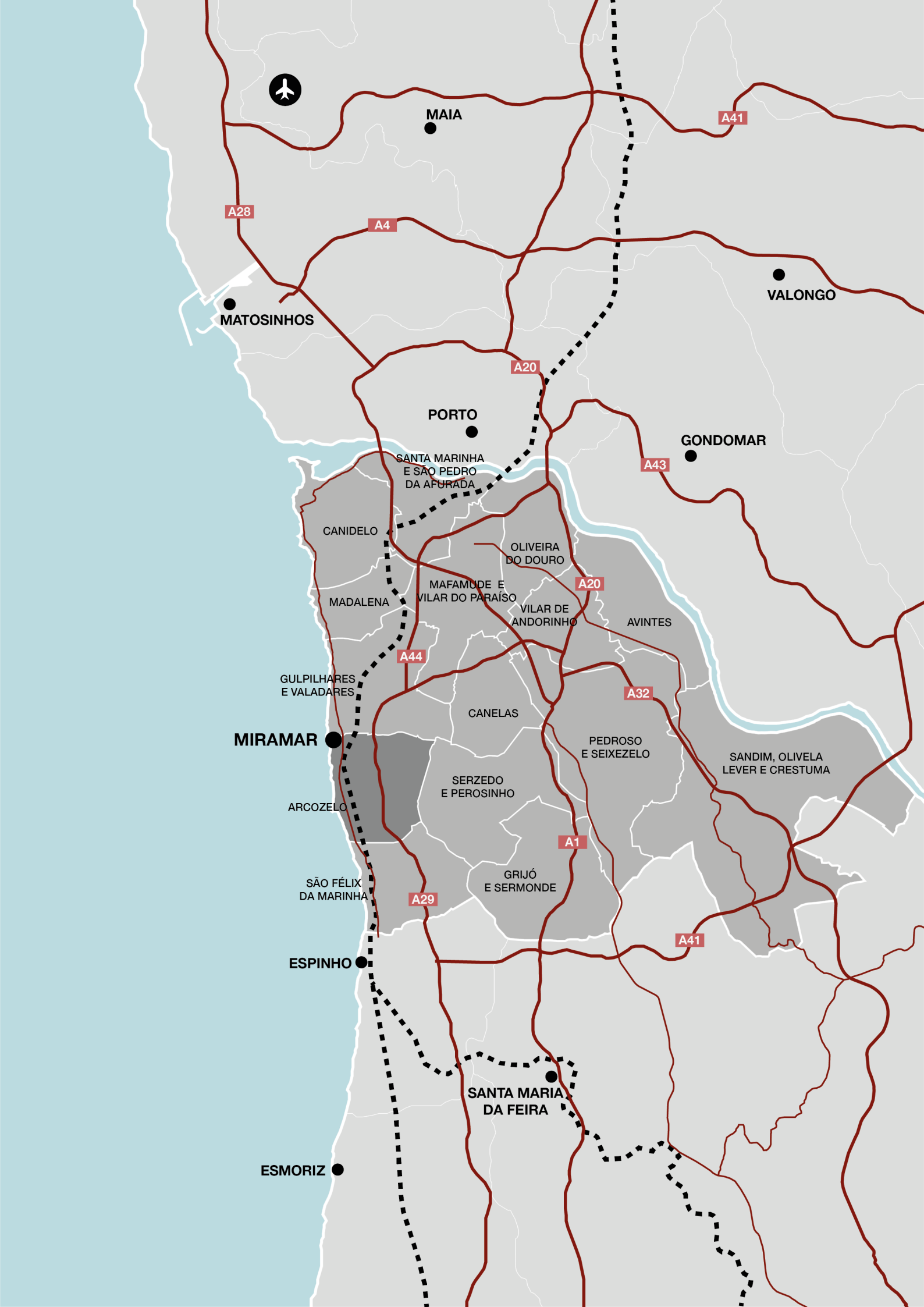
Nasceram de Pai velhinho,
Nas areias da Marinha;
O Sol foi seu padrinho;
Tendo a Lua por madrinha.

Uma fada abençoou
Essas Sereias formosas,
Com carinho as transformou
Na bela 'Costa das Rosas'.[1]

1 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 28



001 | Mapa de Vila Nova de Gaia. Concelhos, Freguesias, Autoestradas, Linha férrea


MAIA
A41
A28
A4
VALONGO
MATOSINHOS
A20
PORTO
GONDOMAR
A43
SANTA MARINHA
E SÃO PEDRO
DA AFURADA
CANIDELO
OLIVEIRA
DO DOURO
MAFAMUDE E
VILAR DO PARAÍSO
A20
MADALENA
VILAR DE
ANDORINHO
AVINTES
A44
GULPILHARES
E VALADARES
A32
CANELAS
MIRAMAR
PEDROSO
E SEIXEZELO
SANDIM, OLIVELA
LEVER E CRESTUMA
SERZEDO
E PEROSINHO
ARCOZELO
A1
GRIJÓ
E SERMONDE
SÃO FÉLIX
DA MARINHA
A29
A41
ESPINHO
SANTA MARIA
DA FEIRA
ESMORIZ



002



003

002 | Centro de Arcozelo, com a Antiga Igreja Paroquial de Arcozelo, a Igreja Matriz de Arcozelo e a Capela de Santa Maria Adelaide.

003 | Parque de Santa Maria Adelaide e início do Corredor Verde do Espírito Santo.

1.1. | De Arcozelo a Miramar

"Os senhores das terras, religiosos ou leigos, nem sempre abertos à partilha e à justiça, os homens da terra, possidente ou servos, cavadores sacrificados do seu pão, dos seus e dos outros, os artífices que foram desabrochando para as artes, como os mestres ferreiros artísticos do Corvo, orgulho desta terra e desta região, os mercadores de bens e de quimeras, os lavradores dos mares, lá para Miramar, Aguda e Granja, arrancando ao mar traçoeiro o duro alimento, aqui e além, pago com a própria vida e tantos outros, noutras artes e em muitos serviços, na terra natal, na cidade próxima ou na mais distante, ou ainda para além do mar, os desvendadores e comunicadores de saberes como o Padre Madureira, pedagogo paladino primeiro do Metodo da Cartilha Maternal e de um outro da sua autoria, e de tantos outros mestres de ler e contar de sucessivas gerações, apoiados por mecenas generosos como o Visconde de Arcozelo".[2]

Junto à costa atlântica, encontra-se a freguesia de Arcozelo, à qual pertence o lugar de Miramar. Localizada a escassos quilómetros a sul da cidade de Vila Nova de Gaia, Arcozelo insere-se num "valle d'onde se vê S. João da Foz (a 10 quilómetros a ONO.), várias serras, o convento de Grijó, várias freguesias e o mar".[3] Com uma área de 7,82km2, o seu território é delimitado a oeste pelo oceano atlântico, a norte pela União de Freguesias de Gulpilhares e Valadares, a este pela União de Freguesias de Serzedo e Perosinho, e, a sul pela freguesia de São Félix da Marinha. Estes limites geográficos surgiram da união de quatro povoações distintas: Arcozelo, Enxomil, Mira e Vila Chã.

"Esta freguesia, como tantas de características rurais, correspondia geralmente a uma villa ou pequeno agrupamento de casais e encontravam-se, a maior parte das vezes, na dependência de padroeiro particulares."[4]

Arcozelo insere-se num território com caractéristicas naturais favoravéis à fixação humana, sendo que os primeiros registos sobre a ocupação desta região remontam ao período neolítico.[5] Ao longo dos séculos, o seu território testemunhou a presença de vários povos e culturas, que transformaram a paisagem e influenciaram as tradições da população local.

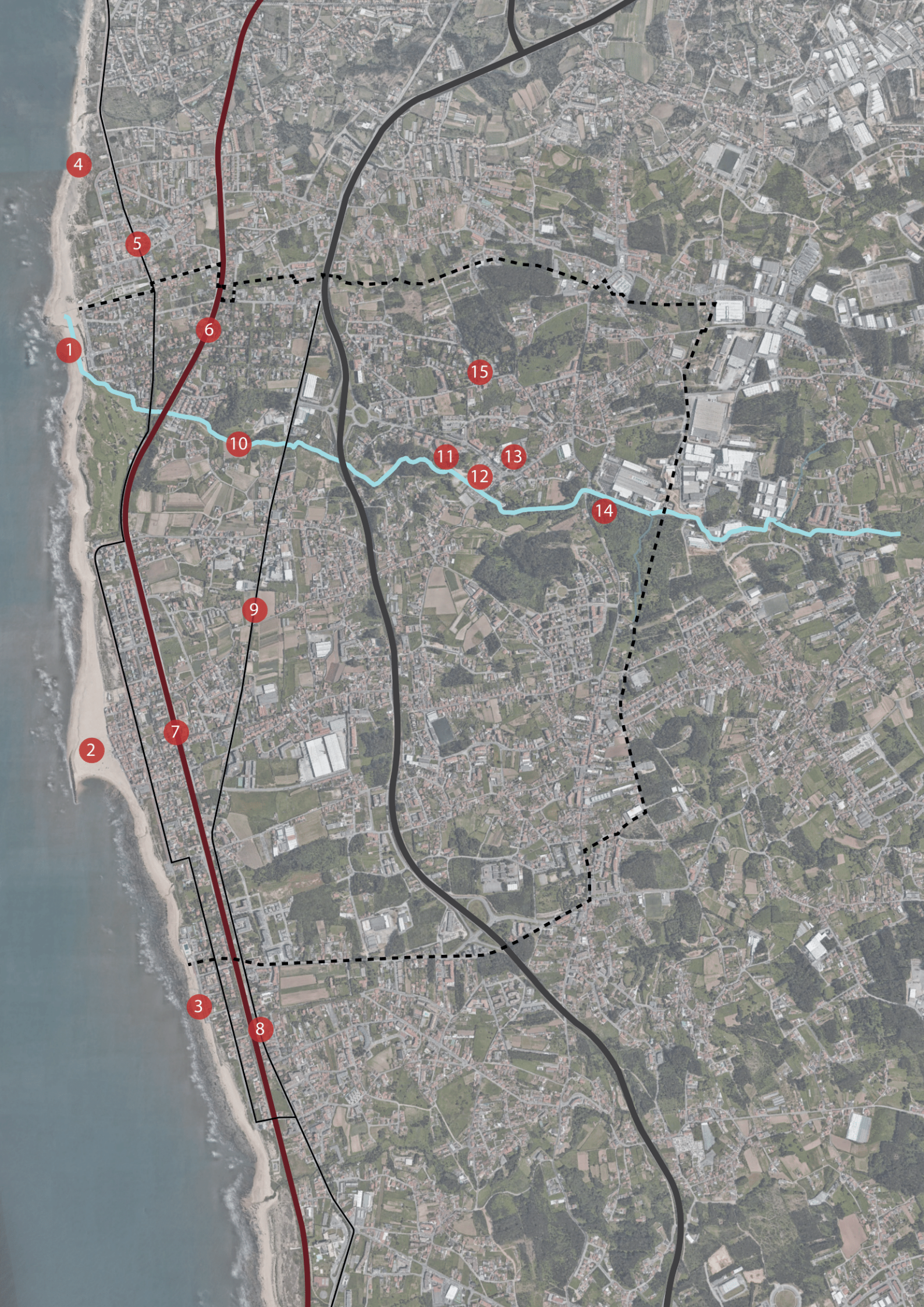
---

2 COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo. pág. 11

3 LEAL, A. (1990). *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estadístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, vilas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.* pág. 238

4 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 28

5 COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo. pág. 49


4
5
6
1
15
10
11
13
12
14
9
7
2
3
8



005



006



007

1. Praia de Miramar
2. Praia da Aguda
3. Praia da Granja
4. Praia de Francemar
5. Estrada Marginal
6. Apeadeiro de Miramar
7. Apeadeiro da Aguda
8. Estação de Comboios da Granja
9. Antiga EN109
10. Ribeiro do Espírito Santo
11. Jardim de Santa Maria Adelaide
12. Capela de Santa Maria Adelaide
13. Igreja Matriz de Arcozelo
14. Capela do Espírito Santo
15. Quinta de Enxomil



004 | Mapa da freguesia de Arcozelo.
005 | Capela do Espírito Santo.
006 | Capela de Santa Maria Adelaide.
007 | Capela da Aguda.

Ainda que não exista uma data exata da fundação de Arcozelo, a freguesia foi referenciada pela primeira vez num documento do século XI.[6] Durante este período, Arcozelo passou a integrar o padroado do Mosteiro de São Salvador de Grijó, localizado a poucos quilómetros a sul do território da freguesia. É ainda de salientar, como importante registo histórico, a Carta Foral de Vila Nova de Gaia de 1518, onde são referidos os valores das rendas e direitos reais que deveriam ser cobrados na freguesia.

Historicamente, o seu território era escassamente povoado[7],possuindo um forte carácter rural, sendo que para a larga maioria da população, o seu sustento económico provinha de actividades ligadas à agricultura e à pesca.[8] No entanto, com o desenvolvimento dos últimos séculos, "subsistem poucas marcas rurais, tendo-se alterado a paisagem, mercê da instalação de unidades industriais relevantes e de um urbanismo galopante que descaracterizou a paisagem natural".[9]

Devido às particulares da ocupação da região, Arcozelo encontrava-se relativamente afastado do grande eixo rodoviário de ligação norte-sul, localizado no interior do concelho. No entanto, a partir de meados do século XIX, a freguesia ficou directamente ligada aos grandes centros populacionais, devido à inauguração da Linha do Norte, a principal via do sistema ferroviário português, passando Arcozelo a contar com dois apeadeiros no seu território. Já no final do século XX, foi construída a A29, a Auto-estrada da Costa da Pedra, que faz a ligação entre as cidades de Aveiro e Vila Nova de Gaia. Até então, o principal eixo rodoviário era a EN109 que, face ao crescimento da região, mostrava-se incapaz de responder às necessidades da população.

---

6 *"A primeira delas remonta a 1050, mais propriamente à 'villa de arcuzelo', num documento do Mosteiro de Pedroso. Trata-se de uma descrição feita por Cid das muitas herdades de D. Gundisalvo e de sua mulher D. Flâmula, quando reinava D. Fernando, o Grande".*

COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo. pág. 58

7 *"Devido a guerras e pestes, a nossa freguesia, que hoje tem mais de doze mil habitantes, chegou a ter apenas onze habitantes."*

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 50

8 *"Produzia-se, na época, trigo, centeio, cevada, milho míudo, painço, milho grosso, linho, vinho verde, castanhas e pouco azeite. É referida a existência de carvalhos, salgueiros e amieiros, criação de gado e míudo de lã, caça rasteira designadamente coelhos, perdizes e rolas, pescando-se robalos, chupais, capões, fanecasm douradas, congros e várias espécies de mariscos".*

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 40

9 COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo. pág. 478

Fruto da sua história milenar, Arcozelo possuí fortes tradições imaterias e um riquissímo património construído. No seu território, encontram-se oito quintas e doze templos religiosos, entre igrejas, capelas, alminhas e altares, de diferentes valores patrimoniais. Dos vários exemplares, é pertinente destacar a Quinta do Enxomil que consiste "numa mansão senhorial do período barroco composta por um conjunto de edifícios adossados entre si originando um complexo habitacional e da actividade da lavoura digno de nota pela sua amplitude e sobriedade"[10]. Sobre os vários templos religiosos, é importante referir a Capela do Espiríto Santo, localizada no lugar do mesmo nome, que "é a mais antiga e a de mais fina traça dentre todas as capelas da freguesia, salientado-se o seu interior, simples, mas de uma dignidade comovente."[11]

Deste modo, torna-se impossível abordar Arcozelo sem mencionar as ricas tradições religiosas da freguesia. Actualmente, a freguesia tem como orago São Miguel, ainda que existam registos de uma antiga veneração a Santa Maria.[12] Nesta freguesia, desde do ínicio do século XX, também existe a devoção popular a Santa Maria Adelaide, uma conhecida moradora da freguesia, que morreu no final do século XIX. O calendário religioso da freguesia é marcado por várias festas e romarias, que formam parte da identidade local, das quais se destaca a Romaria do Senhor da Pedra, realizada na praia de Miramar.

Um dos maiores atributos da freguesia é a costa atlântica. Apesar da sua curta extensão territorial, a faixa costeira de Arcozelo engloba algumas das praias mais prestigiosas da região: a Praia da Granja[13], a Praia da Aguda e a Praia de Miramar. Assim, este motivo torna-se num aspecto de forte dinamização do seu território e atraí, principalmente durante o período estival, grandes contigentes de veraneantes.

---

10 COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo.pág. 359

11 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 63

12 Idem., pág. 14

13 *"Se é certo que a Granja nasceu na freguesia de São Félix da Marinha, a verdade é que, pouco a pouco, se foi alongando para norte, penetrando grandemente na freguesia de Arcozelo, dela fazendo parte integrante"*

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 208



008



009



010

1. Alameda do Senhor da Pedra
2. Club de Golf de Miramar
3. Antiga EN109

0 100m

008 | Alameda do Senhor da Pedra.

009 | Antiga EN109.

010 | Mapa dos limites geográficos de Miramar.

"Miramar, talvez a mais formosa das cinco praias (por vezes designadas os Estoris do Norte) que, na transição do século passado para o corrente surgiram ao sul do Porto. Toda ela é um mimo de recato e de frescura envolvida pela atmosfera balsâmica dos pinheirais. Os coloridos chalets e as luxuosas vivendas espreitam por todos os lados, entre tufos de folhagem e guirlandas de trepadeiras. A artéria principal é uma extensa alameda que liga a praia à estrada ampla e moderna de Espinho do Porto. Ao longo dessa frondosa via de acesso, se encontram algumas moradias de luxo, com aprazíveis alpendres e balcões, escadarias e pérgulas. (...) Junto da praia situa-se o moderno Hotel do Sol (25 quartos), com um terraço aberto à vastidão atlântica."[14]

Em virtude das características únicas do seu território, Miramar é considerado um dos locais de eleição da costa atlântica do norte de Portugal, possuíndo uma tradição secular como local de veraneio e descanso. Se até ao século XX, o seu território era pouco humanizado, com o crescimento da popularidade das zonas costeiras, Miramar experienciou uma transformação completa da sua paisagem, sendo actualmente, um dos episódios urbanos de maior interesse na região.

"Nascida no extremo norte das marinhas de Mira, a esta deve a sua denominação toponímica. Porque daquele lugar, dos mais antigos da freguesia de Arcozelo, se avistava o mar."[15]

O lugar da praia de Miramar localiza-se no limite noroeste do território de Arcozelo, junto à fronteira com a União de Freguesias de Gulpilhares e Valadares. Tratando-se de um lugar de uma freguesia, Miramar não constitui uma unidade administrativa própria e, consequentemente, não possuí limites geográficos oficiais. No entanto, a analíse da sua evolução histórica e urbana permite estabelecer uma série de marcos geográficos importantes: a norte, a Alameda do Senhor da Pedra; a sul, os extensos terrenos do Club de Golf de Miramar; a este, a antiga EN109; e, a oeste, o oceano atlântico.

A área delimitada pelos pontos geográficos referidos anteriormente contém a totalidade do núcleo urbano primitivo de Miramar, construído na sua totalidade dentro do território de Arcozelo. Nas últimas décadas, o crescimento da procura imobiliária na região levou à expansão do núcleo original para além dos limites da freguesia. Apesar de constituírem um tecido urbano contínuo, os dois núcleos urbanos são diferenciados pela sua morfologia urbana e formas de consolidação.

---

14 DIONÍSIO, S. (1994) *Guia de Portugal - Entre o Douro e Minho. Douro Litoral - Vol. IV.* Cap. 2, pág. 7

15 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 217



011



012



013

011 | Praia de Miramar e a Capela do Senhor da Pedra.

012 | Ribeiro do Espírito Santo, junto à linha férrea.

013 | Ribeiro do Espírito Santo, junto à praia de Miramar.

Um dos factores de maior dinamização deste lugar é a riqueza das suas paisagens e as qualidades do seu património natural. A freguesia de Arcozelo é atravessada pelo rio do Espírito Santo, um pequeno curso de água, que, antigamente, era conhecido pelas supostas qualidades curativas das suas águas. O rio nasce nas terras altas da freguesia, nas Pedrinhas Brancas[16], correndo em direcção a oeste, acabando por desaguar nas águas do oceano atlântico, na praia de Miramar.

Apesar de Miramar ser muito frequentada devido à qualidade da sua praia, o seu território possuí um forte caractér residencial. Inicialmente, face às caractéristicas dos primeiros habitantes, Miramar foi idealizada como comunidade residencial, muitas vezes de moradias secundárias. Assim, durante as primeiras décadas do século XX, observou-se a construção de habitações de tipologia unifamiliar, de quatro frentes, enquandradas em terrenos de grandes dimensões. No entanto, a partir do final da década de 1960, alteraram-se as tipologias de construção. Face ao crescimento do mercado imobiliário, a necessidade de uma maior rentabilização dos terrenos teve como consequência a construção de vários edifícios plurifamiliares, de vários pisos, nas zonas de desenvolvimento mais recente.[17] Ainda assim, o seu núcleo original preserva, até aos dias de hoje, muitas destas características que o tornam num episódio urbano de relevo.

16 *"Sabe-se, contudo, que as Pedrinhas Brancas era um lugar remansoso, que convidava ao repouso. Ali se juntavam as três nascentes que formam o Rio do Espírito Santo, contando-se que foi nas suas proximidades que a Rainha Santa Isabel repousou alguns dias e se banhou nas águas milagrosas desse rio."*

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 52

17 SILVA, A. (2001). *A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística.* pág. 160



014 | Planta de Miramar. Esc. 1/7500

1.2. | Consolidação Urbana de Miramar

"De entre todas as praias que marginam a costa marítima de Vila Nova de Gaia, a Praia de Miramar é aquela que reúne maior beleza e mais sedutores atractivos naturais. As suas ruas, avenidas e alamedas, povoadas de frondoso arvoredo e muitas e belas roseiras, fazem dela uma preciosa jóia de que todos os gaienses se devem orgulhar."[1]

Devido à singularidade do seu plano urbanístico, Miramar destaca-se no território pela racionalidade do traçado das suas ruas e pelo seu ambiente único, tornando pertinente o estudo da evolução e consolidação deste fenómenomo urbano.

Durante longos séculos, o litoral foi um território abandonado, pouco desenvolvido e escassamento povoado. No imaginário popular, o mar era "associado a más experiências como o ataque de piratas, naufrágios, temporais e invasões de mar"[2], o que levou ao afastamento da população destas regiões. Além disso, a fraca qualidade dos solos litorais e a incerteza das actividades relacionadas com o mar, impossibilitavam a rentabilidade económica das povoações costeiras. Assim, até meados do século XIX, a ocupação do litoral português dividia-se em dois panoramas diferentes: os grandes centros urbanos do litoral, geralmente localizados em pontos naturalmente protegidos; e, o restante território, composto por pequenas comunidades pescatórias.[3]

A partir de meados do século XIX, Portugal começou a despertar para as qualidades e benefícios das zonas costeiras, despelotando a transformação e urbanização destes locais. Em Vila Nova de Gaia, os primeiros lugares a sofrerem esta pressão e a ganharem destaque foram as praias de Lavadores e a da Granja, sendo esta última a mais marcante. Situada a poucos quilómetros a sul de Miramar, a praia da Granja tornou-se um símbolo deste período, tanto pela qualidade do seu núcleo urbano, como pelo requinte dos que a frequentavam.[4]

---

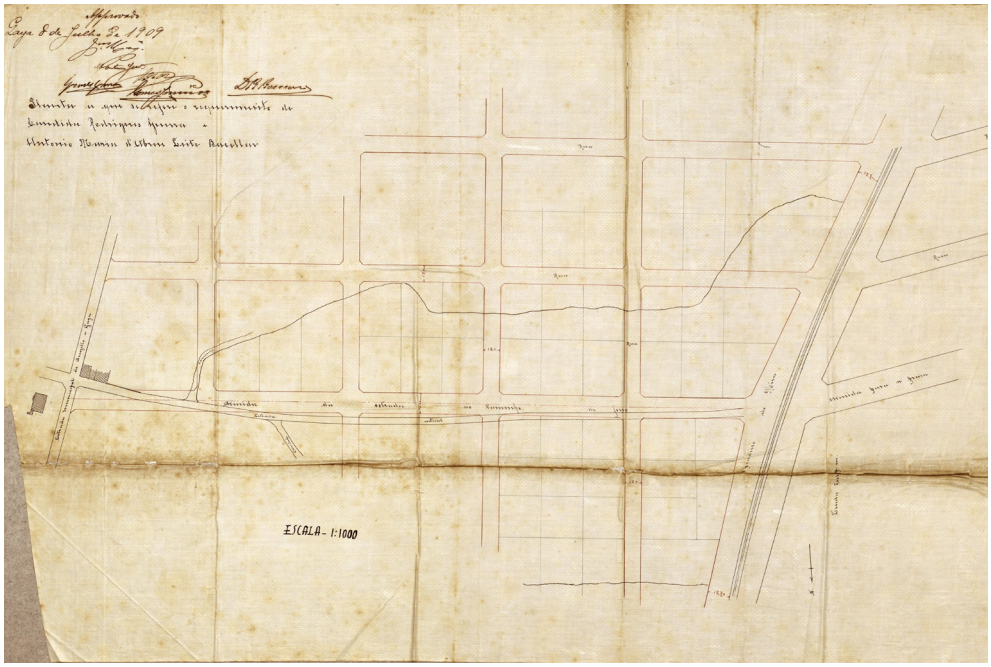
1 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 217

2 FREITAS, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve.* pág. 41

3 Idem*.*, pág. 107

4 *"Não vai muito longe o tempo em que a Granja era considerada a 'Sintra do Norte', não pela sua configuração geográfica, mas pelo escol e elitismo dos seus frequentadores, uma vez que era ali que se reunia a mais fina flor da nobreza e da alta burguesa."*

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 207



015



016



017

015 | Planta de Urbanização da Praia de Miramar
Secção entre a linha férrea e a EN109, com o arranque das ruas a poente da linha

016 | Rua Luís de Camões.

017 | Avenida Vasco da Gama, a nascente da linha férrea.

Até ao início do século XX, o território de Miramar era muito diferente do panorama urbano actual, sendo caracterizado por caminhos seculares, de pequenas dimensões, que, na maioria dos casos, seguiam as linhas de separação das várias propriedades.

"Entre finais do século XIX e princípios do seguinte, a uma modernização arquitectónica dos centros urbanos. No caso das povoações costeiras estas orientações traduziram-se sobretudo na delimitação de ruas mais largas, rectilarmente traçadas e orientadas em função do mar, na centralização dos espaços de animação sobre o litoral e na conversão das áreas adjacentes à praia em zonas privilegiadas e merecedoras das maiores atenções em termos de renovação (e melhoramento) urbanístico."[5]

Durante o ano de 1911, perante a pressão de vários proprietários locais, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia aprovou favoravelmente o plano de urbanização de Miramar. Este foi o primeiro gesto racional de estruturação urbana do território de Miramar e consistiu na construção de um sistema de arruamentos, composto por uma avenida principal e um conjunto de ruas secundárias.[6] Com um forte carácter geométrico, a abertura destes arruamentos dotou Miramar de uma malha urbana ortogonal, muito semelhante ao observado noutros lugares costeiros.

Tal como nas urbanizações da praia da Granja e da praia da Aguda, o traçado da linha férrea existente foi bastante relevante para a elaboração do desenho do plano. Nestes dois lugares, a linha férrea assume um traçado regular e praticamente paralelo à linha de costa, resultando no alinhamente geométrico das ruas com a linha de comboio. Já em Miramar, a irregularidade do desenho da linha férrea levou a formas distintas de consolidação da malha urbana.

O plano propôs uma transformação radical da escala dos arruamentos de Miramar. Assim, os pequenos caminhos foram substitúidos por ruas espaçosas com largos percursos pedonais, que variavam entre os 20 m de largura na avenida principal e os 15 e 12 m nos arruamentos secundários. Como eixo monumental do lugar, o traçado da avenida principal foi idealizado de forma a ligar os principais pontos de acesso a Miramar - o apeadeiro de comboios e a estrada nacional - com a praia.

---

5 FREITAS, J. (2010) *O Litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve,* pág. 142

6 A.M.S.M.B., *Processo de alienação e cedência a qualquer titulo de Candida Rodrigues Guerra, António Maria de Abreu e Bacelar*, pág. 7



018



019



020

018 | Avenida Vasco da Gama, a poente da linha férrea.

019 | Rua Abreu Bacelar.

020 | Planta de Miramar, durante a década de 1930.
Forte consolidação habitacional ao longo da Av. Vasco da Gama e da linha férrea. Hipótese de urbanização da Quinta do Senhor da Pedra e do Club de Golf.

Este plano teve maior expressão no território a nascente da linha férrea, sendo que a intervenção a oeste da linha, limitou-se à continuação da avenida principal até ao encontro com a praia e duas ruas parelalelas à avenida.[7]

Após a conclusão das obras de construção dos arruamentos, procedeu-se à sua arborização, atribuindo a Miramar um carácter muito semelhante ao da Granja. Assim, ainda hoje é possível identificar facilmente esta primeira fase de desenvolvimento urbano, dado a arborização das ruas não se repetiu nos arruamentos construídos nas últimas décadas. Recentemente, em virtude das obras de modernização da Linha do Norte, foi decidido o abate de algumas árvores centenárias e a construção de um túnel rodoviário sob a linha férrea, que irá descaracterizar profundamente este local.

Ao longo dos anos seguintes, as intervenções urbanas cingiram-se a pequenas acções de consolidação da malha urbana. Em 1934, no decorrer da conclusão de alguns arruamentos secundários, foi construída a rotunda de Miramar, localizada no encontro da Av. Vasco da Gama com as Av. Sacadura Cabral e Av. Gago Coutinho.[8] Denominada como Praça da Índia, a rotunda é um momento único na malha urbana, resultando do encontro dos dois eixos rodoviários principais que atravessam Miramar.

"Do lado nascente da Esplanada foi recentemente construído o Hotel do Sol, esperando-se que muito em breve outras construções sejam levadas a efeito neste local, completando-se assim o arranjo urbanístico de uma zona de turismo de vários recursos, muito visitado por turistas e estrangeiros, especialmente na época balnear."[9]

No final da década de 1930, tornou-se pertinente a consolidação da frente litoral de Miramar. Ao longo da praia, o único espaço humanizado era o momento de chegada da Av. Vasco da Gama à praia, concretizado numa pequena praça octogonal. No entanto, o crescimento da sua frequentação balnear tornou urgente a urbanização deste espaço, essencial para qualquer lugar balnear.[10]

---

7 A.M.S.M.B, *Obra municipal de projecto de instalação de quatro fontanários e construção de um reservatório na Praia de Miramar,* pág. 20

8 A.M.S.M.B., *Obra municipal de planta topográfica da Rotunda de Miramar, junto da Avenida Vasco da Gama e acima do apeadeiro,* pág. 2

9 A.M.S.M.B., *Obra municipal de projecto de terraplanagem, pavimentação e muro de suporte para a construção de um esplanada na Praia de Miramar,* pág. 26

10 *"(...) a avenida paralela ao mar tornou-se um equipamento urbano essencial, convertendo-se no espaço público por excelência de qualquer praia distinta, proporcionando aos banhistas o prazer de passer e apreciar ao longe a paisagem marítima."*

FREITAS, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve.*, pág. 142



021



022

021 | Esplanada de Miramar.

022 | Planta de Urbanização da Quinta do Pinhal do Senhor da Pedra.

Deste modo, em 1946, começou a ser construída a Esplanada de Miramar, a "obra pública mais emblemática da praia de Miramar, já que permitiu o ordenamento da área de acesso à praia, criando uma frente de praia que permite um ampla perspectiva de toda a praia".[11] Para a realização deste obra, foi de importância extrema a acção da Junta de Turismo de Miramar, que, durante longos anos, reclamou a intervenção neste espaço. Relativamente ao desenho proposto, a esplanada assume uma escala e desenho que a convertem num momento único da malha urbana. Com uma extensão total de 85 metros de comprimento, este espaço foi idealizado com ênfase nos percursos pedonais e zonas de estar.

Simultaneamente, o processo de urbanização a poente da linha férrea focou-se nos terrenos a norte da avenida principal, na Quinta do Pinhal do Senhor da Pedra. Com uma localização de excelência, estes terrenos eram cobertos por um pinhal extenso, onde, tradicionalmente, era realizado o arraial da romaria do Senhor da Pedra.

Consciente da valorização imobiliária do lugar, o seu proprietário propôs a urbanização destes terrenos à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. O projecto propôs a construção de dois novos arruamentos: a rua Prof. Egas Moniz, orientada de nascente para poente, e, a avenida Fernão de Magalhães, de norte para sul. O desenho das ruas manifesta a preocupação de manter a unidade da malha urbana, adaptando a sua geometria e escala ao existente. Apesar da planta procurar refletir a ortogonolidade da malha existente, faz sentido salientar a inflexão que a rua Professor Egas Moniz faz após o cruzamente com a avenida Fernão de Magalhães. Quebrando o paralelismo do seu traçado, a rua alinha-se axialmente com a capela do Senhor da Pedra, no momento de chegada à praia.[12] Também é importante mencionar que nesta proposta estava incluída a intervenção nos terrenos a norte do pinhal, a actual Alameda do Senhor da Pedra.

O processo de urbanização da Quinta do Senhor da Pedra foi a última intervenção de grande escala na malha urbana de Miramar, concluíndo um período de quatro décadas de forte transformação do território. No entanto, a consolidação total da malha não foi conseguida. Passado quase um século desde do lançamento da primeira rua, ainda hoje é possível observar momentos de fragmentação da malha urbana, principalmente na periferia do núcleo.

---

11 SILVA, A. (2001). *A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística.*, pág. 107

12 A.M.S.M.B., *Processo de Obras particulares em nome de Alberto Ferreira Pinto Bastos*., pág. 5



023



024



025

023 | Rua Prof. Egas Moniz.

024 | Avenida Fernão Magalhães.

025 | Vista aérea de Miramar e da sua envolvente próxima.

Ainda que as intervenções referidas anterioremente não sejam as únicas obras urbanas aqui realizadas, estas foram as de maior consequência e valor para a construção e consolidação do sistema urbano de Miramar.

A partir da década de 1950, as intervenções na malha limitaram-se à continuação de arruamentos existentes, procurando respeitar o traçado original do plano. No entanto, o desenvolvimento urbano das últimas décadas levou à construção de novas ruas que, em muitos dos casos, não respeitam os príncipios referidos anteriormente, comprometendo o carácter singular da sua malha urbana.



026 | Folheto publicitário de Miramar, encomendado pela Junta de Turismo de Miramar, realizado por Jaime Isidoro, pintor portuense.

1.3. | Miramar e o Turismo

"Se a importância do lazer na Granja é indiscutível, tanto à escala nacional como regio- nal, essencialmente na transição do século XIX para o século XX, concorrendo para o grande prestigio alcançado pelo litoral de Gaia e contribuindo para divulgar as qualidade da frequentação balnear, já em relação a Miramar se pode afirma que é durante o século XX que se assiste à sua ascensão, apogeu e declínio em termos de excelência de oferta e de procura turísticas. Estas duas praias foram as que mais assumiram durante o século vinte a responsabilidade de representar o litoral de Gaia no que concerne a uma imagem passível de constituir referencia no exterior."[1]

Reputado pela suas caractéristicas naturais, Miramar é o resultado da forte associação deste lugar com as actividades ligadas às actividades balneares e ao lazer. Quase desda da sua fundação, houve uma preocupação com a promoção turística deste lugar. Assim, até à década de 1970, observou-se a existência da Junta de Turismo de Miramar, encarregue de impulsionar o seu desenvolvimento e promover junto da população as qualidades de Miramar.[2]

Se em todo o concelho de Vila Nova de Gaia a praia é um espaço de forte dinamização[3], em Miramar é indubitavelmente o seu maior atributo. Integrada na região da Costa Verde, a reputação da praia de Miramar já há muito tempo que transcendeu as fronteiras do seu território, tornando-se num dos símbolos da região. Inserida numa zona de clima temperado, "o clima da freguesia é muito saudável se bem que se sintam os ardores do Verão e a baixa temperatura do Inverno"[4], permitindo uma utilização balnear consistente durante os meses de verão.

---

1 SILVA, A. (2001). *A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística.*, pág. 154

2 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal. pág. 225

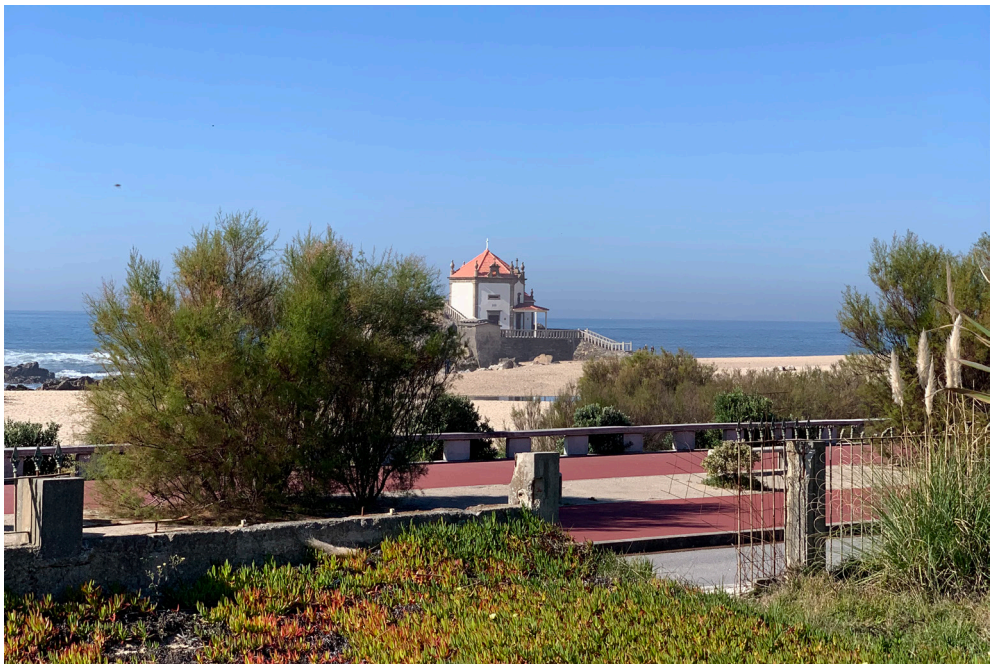
3 *"Gaia que tem área seca e área molhada, que é fabril e que é embarcadiça, que é lavreira e que é mercadora, resumes nas suas praias esse acondicionamento de riqueza para todos as emergências: praias para misantropos, praias para pessoas de propósito, praias para príncipes."*

LEAL, A. (1990). *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estadístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, vilas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias"*, pág. 68

4 COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo, pág. 35



027



028

027 | Praia de Miramar, nos anos sessenta.

028 | Capela do Senhor da Pedra, a partir do Hotel do Sol.

A frequentação balnear da praia de Miramar remonta ao início do século XX. Influenciada pela proximidade com a praia da Granja, durante as primeiras décadas do século XX, Miramar[5] era frequentada por famílias de maiores recursos económicos, numa época em que o turismo era um luxo de uma minoria.[6] No entanto, graças à melhoria da situação económica e dos sistemas de transporte públicos, a partir dos anos sessenta, observou-se a diversificação do perfil da população que frequentava este lugar.

Ao longo das últimas décadas, Miramar assumiu-se como uma das praias de eleição da população local. No início dos anos 2000, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia levou a cabo uma grande empreitada de renovação dos espaços de lazer localizados junto à praia, demonstrando, mais uma vez, a importância desta zona para o desenvolvimento sócio-económico do concelho. Recentemente, com o crescimento do turismo nacional, a praia de Miramar tornou-se numa das mais célebres praias do país, tendo vindo a adquirir maior visibilidade em publicações estrangeiras ligadas ao turismo.

É, também, na praia que se localiza outro dos motivos de maior atração turística de Miramar: a capela do Senhor da Pedra. Construída no século XVIII[7], a singularidade da sua implantação faz com que seja o símbolo induscutível de Miramar, sempre presente nas representações deste lugar.

Para além da Capela do Senhor da Pedra, em Miramar existe outro templo religioso: a Capela de Miramar. Com projecto do arquitecto António Júlio Teixeira Lopes[8], a capela foi construída na Praça da Índia, sendo inaugurada em 1938.[9]

---

5 O areal de Miramar encontra-se dividido administrativamente em várias praias, para além da divisão entre a freguesia de Arcozelo e Gulpilhares: a Praia de Miramar Norte e Miramar Sul, em Arcozelo; e, a Praia do Senhor da Pedra, em Gulpilhares.

6 *"A intensificação do uso do litoral não significou, porém, a mistura entre classes naquele espaço. Cada localidade organizou-se então em função daqueles que ali se instalavam sazonalmente e do tipo de distracções que procuravam, pois as diferentes classes sociais imprimiam ritmos distintos à vida nas praias."*

FREITAS, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve*. pág. 74

7 ROCHA, Manuel, *Fundação da Capela do Senhor da Pedra em Gulpilhares: um espaço centralizado junto ao mar*, Poligrafia No6: pág. 66

8 António Júlio Teixeira Lopes nasceu em 1903, na freguesia de Mafamude, em Vila Nova de Gaia. Filho de José Teixeira Lopes e sobrinho do escultor António Teixeira Lopes. Ingressou no curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto em 1919, terminando os estudos em 1926. Possuí basta obra edificada no lugar de Miramar. Faleceu em 1971.

9 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal. pág. 69



029



030



031

1. Praia de Miramar
2. Jardim de Santa Maria Adelaide
3. Passadiço Litoral

0 100m

029 | Alameda do Senhor da Pedra.

030 | Antiga EN109.

031 | Mapa dos limites geográficos de Miramar.

Intrinsecamente ligado à Capela do Senhor da Pedra está a Romaria do Senhor da Pedra, que muitos caracterizam como uma das mais tradicionais na região.[10] Atraíndo anualmente um grande número de participantes, a romaria é um dos eventos de maior relevo para a população local, realizando-se durante o Domingo da Santíssima Trindade.

"Linda, desde o arraial à beira-mar, com o vestígio perfumado da lenda na concavidade da ferradura do burrico da Virgem aberta no mesmo rochedo onde está erigida a Capelinha, com as suas danças de roda, as suas corridas de cavalos às segundas-feiras, os seus merendeiros no recato sobreiro do pinhal, os descantes pelas estradas bailando o caminho a pé, ou no tejadilho dos chars-à-bancs, - a romaria do Senhor da Pedra, é uma estuada de paganismo por entre os místicos fervores do cristianismo."[11]

Até meados do século XX, as actividades não religiosas da romaria realizavam-se no extenso pinhal, localizado junto à praia. Como foi referido anteriormente, na década de 1940, esse local foi alvo de um processo de urbanização. Assim, as actividades da romaria passaram a realizar-se na Alameda do Senhor da Pedra.

A Alameda do Senhor da Pedra é um dos maiores espaços de lazer e estar do lugar. Localizada no limite norte de Miramar, a Alameda resulta das intervenções realizadas ao longo de todo a costa do concelho, no início dos anos 2000. As obras procuraram transformar o espaço numa enorma área pública de estar e lazer, com espaços ajardinados, espelhos de água, percursos pedonais e zonas dedicadas à prática do desporto.

A partir da praia, acede-se a um dos espaços mais frequentados de Miramar: o Corredor Verde da Ribeira do Espírito Santo. Inaugurado em 2005, trata-se de um percurso pedonal, com um extensão de 2,5 quilómetros, que liga a praia de Miramar com o parque de Santa Maria Adelaide, no centro de Arcozelo. Com ligação aos passadiços que percorrem todo o litoral do concelho, este espaço é cada vez mais utilizado pela população local.

Apesar da sua curta extensão, o passadiço permite percorrer uma grande variedade de paisagens. Com início junto à foz da ribeira do Espírito Santo, o percurso segue em direcção a oeste, acompanhando o leito da ribeira, e atravessa áreas de vegetação natural, campos agrícolas e de pastoreio, e, um moinho de água.

---

10 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal. pág. 69

11 ARROYO, Antonio, FORTES, José; QUEIROZ, José; MONTEIRO, Manuel; LEITÃO, Joaquim, Mea Villa de Gaya, Porto, 1909, pág. 67



032



033

032 | Club de Golf de Miramar.

033 | Sport Clube Alberto de Sousa - Parque da Gândara.

Para além de todos estes equipamentos e espaços, existem duas instituições que são indissociáveis da imagem da Miramar como local de turismo e lazer: o Club de Golf de Miramar e o Sport Club Alberto de Sousa.

Inicialmente localizado na Av. Vasco da Gama, o Sport Club Alberto de Sousa foi fundado em 1930, como Associação Recreativa e Cultural, de forma a promover o convívio entre as famílias locais.[12] Em 1937, após adquirir a Quinta da Gândara, uma propriedade a escassos metros da sede original, o Sport Club levou a cabo a construção de novas instalações, com um projecto da autoria do arquitecto António Júlio Teixeira Lopes.[13] Inserido num parque de 14 mil m2, o Sport Club Alberto de Sousa possibilita a prática de vários desportos, consiliada com uma forte dinamização cultural.

Imediatamente a sul do Sport Club Albert de Sousa, encontra-se o Club de Golf de Miramar, um dos mais antigos clubes de golfe do país. Fundado por Frank Gordon e dois irmãos de Vila Nova de Gaia, Cláudio e Mário Martins, desde de 1932, ano da sua fundação, o Club de Golf de Miramar ocupa os terrenos localizados no limite sul de Miramar, entre o mar e a linha férrea. As suas instalações são da autoria do arquitecto António Júlio Teixeira Lopes, e, incluem piscina, restaurante, bar e zonas de convívio.

Apesar de não terem o destaque dos equipamentos referidos anteriormente, é importante referir o CEAR- Centro de Educação Ambiental das Ribeiras de Gaia, a Casa-Oficina Oliveira Ferreira e o Apeadeiro de Miramar.

Podemos concluir que na promoção e representação túristica de Miramar, estão presentes três grandes temas: o lazer, a religião e a natureza. Embora sejam realidades diferentes, a escala de Miramar não permite a sua autonomização. Deste modo, a sua narrativa turística surgiu do confronto e articulação destes temas, criando um lugar imprescendível para o desenvolvimento do turismo no terrritório onde se insere.

---

12 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal. pág. 181

13 *"Em 1 de julho de 1939 são inauguradas oficialmente as novas instalações do club, com a realização de um baile de gala. Estas passam a ter bar, restaurante, sala de jogo, sala de convívio, salão de festas, para além das instalações exteriores, que incluíam dois campos de ténis em terra batida, um ringue de patinagem, o lago, e uma pequena alameda que atravessava o parque de norte a sul. Posteriormente, são construídos mais dois campos de ténis em terra batida e um parque infantil. Na passagem da década de 70 para a de 80 é construída a piscina exterior, numa área adquirida pelo clube junto ao edifício sede".*

SILVA, A. (2001). A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística., pág. 80


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11



035

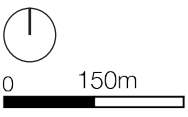


036



037

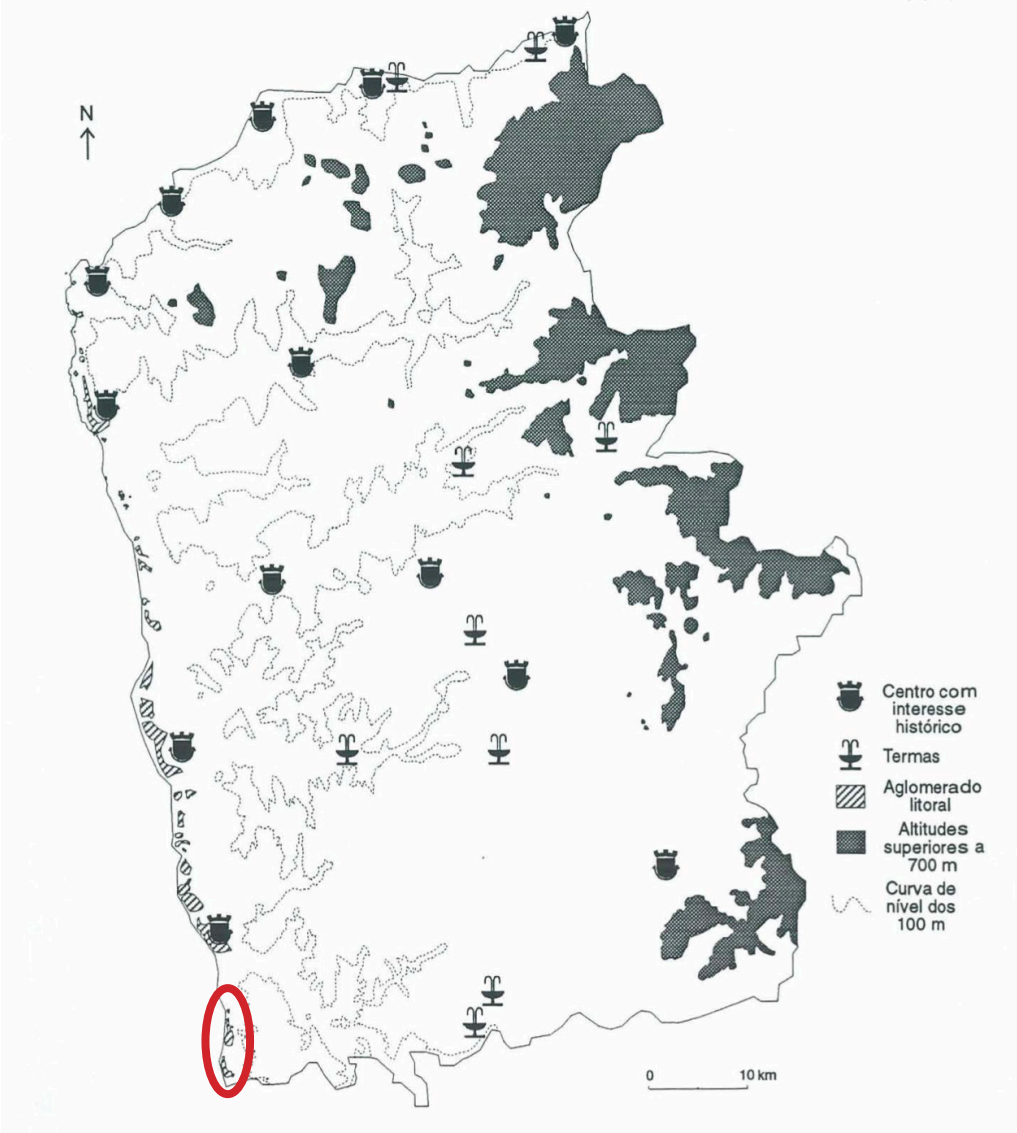
1. Capela do Senhor da Pedra
2. Praia de Miramar
3. Esplanada de Miramar
4. Alameda do Sr. da Pedra
5. Corredor Verde do Espírito Santo
6. Club de Golf de Miramar
7. CEAR
8. Capela de Miramar
9. Sport Club Alberto de Sousa
10. Apeadeiro de Miramar
11. Casa-Oficina Oliveira Ferreira



034 | Mapa de Equipamentos de Miramar.
035 | Apeadeiro de Miramar.
036 | Capela de Miramar.
037 | Casa-Oficina Oliveira Ferreira.

II. O TURISMO

2.1. | A Indústria do Turismo
2.2. | Consolidação Urbana de Miramar



038 | Principais centros de actividade túristica, no noroeste português.

2.1. | A Indústria do Turismo

"Veiculado por religiões, civilizações, crenças, por pensadores, por gente de fé, imperadores, por políticas e políticos, pelo homem comum, o descanso é um acto de viver e, insofismavelmente, nas suas formas mais evoluidas, um direito adquirdo pelas populações de civilização ocidental."[1]

Para uma grande maioria da população, o turismo é considerado indissociável dos períodos de férias e descanso. No entanto, este fenómeno é relativamente recente, sendo resultado das transformações sócio-económicas, que, a partir do século XIX, alteraram profundamente o ritmo de vida da população.

Desde do período clássico, é possível observar o interesse pela viagem, como veículo de instrução e desenvolvimento intelectual e ferramenta de reforço da espiritualidade. Porém, até ao século XIX, a viagem era associada raramente ao descanso e lazer. Durante este período, as actividades de lazer eram uma prerrogativa quase exclusiva das elites sócio-económicas, sendo que, para a maioria da população, os momentos de lazer eram escassos.

Em Portugal, o turismo começou a ganhar popularidade no final do século XIX. Segundo Susana Lobo, durante este período aparece "um novo conceito: a vilegiatura. O prazer da viagem pela viagem, privilégio de uma minoria abastada, generaliza-se ao longo do século XIX, ainda que associado a um sentido religioso, a uma insaciável procura de conhecimento ou a uma crescente atenção ao corpo."[2]

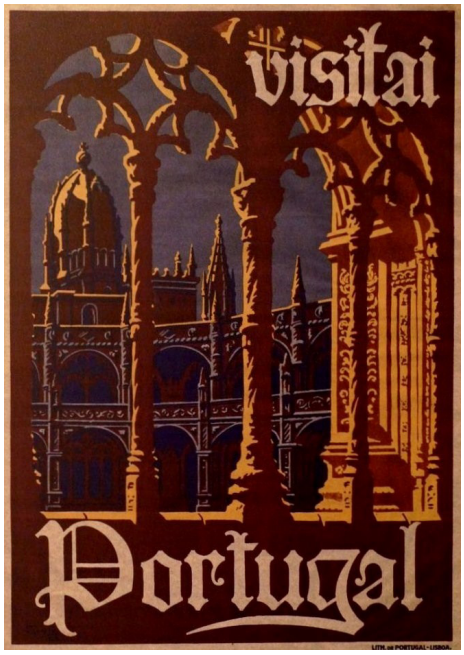
Ao longo deste período, Portugal era considerado um país instável, com baixos níveis de industrialização e desenvolvimento sócio-económico. Procurando a modernização do país, o governo português embarcou numa onda de investimento público, deixando Portugal profundamente endividado. É neste contexto que, pela primeira vez, o turismo foi encarado como agente dinamizador da economia.[3]

---

1 MARTINS, L. (2004). *Espaços de lazer e de turismo no noroeste de Portugal.* Porto: Edições Afrontamento. pág. 2

2 LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 10

3 CUNHA, L. (2010). *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios.* Fluxos e Riscos: nº1, pág. 130



039



040



041

039 | Cartaz publicitário da Sociedade de Propaganda de Portugal.

040 | Cartaz publicitário da Sociedade de Propaganda de Portugal.

041 | Sede da Sociedade de Propaganda de Portugal, em, Lisboa.

"Se a nível mundial se aponta o século XX como o século do turismo, em Portugal tal é particularmente verdade, uma vez que anteriormente as correntes turísticas para o nosso país eram muito reduzidas. Foi neste século que o turismo conheceu a sua expansão e se transformou numa actividade com um significativo peso económico e capaz de proporcionar uma dinâmica regional particularmente atractiva para regiões carenciadas de outros serviços e indústrias."[4]

Em 1906, foi fundada a Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP), a primeira organização portuguesa dedicada à promoção do turismo nacional, sobre a liderança de Leonildo de Mendonça e Costa.[5] A Sociedade procurou promover, junto da população nacional e estrangeira, as qualidades de Portugal enquanto país de turismo: "A SPP tomou então várias iniciativas que se vieram a traduzir no estabelecimento de ligações diárias com Paris, (...) na atracação de barcos transatlânticos ao cais de Lisboa (...) e no estabelecimento de carreiras regulares entre Lisboa e Nova Iorque (...) Publicou e distribuiu folhetos, financiou publicidade, afixou cartazes em vários países, editou o 'Guia Sociedade de Propaganda de Portugal', fomentou a visita e o estudo do nosso país por jornalistas e escritores estrangeiros."[6]

Após participar nos primeiros Congressos Internacionais de Turismo, em 1911, Portugal acolheu o IV Congresso Internacional de Turismo. Abordando questões variadas, desde de hotelaria aos sistemas de transporte, o congresso teve um grande impacto no desenvolvimento do turismo. Durante a realização do evento foram adoptadas medidas relevantes para a indústria, sendo a mais consequente, a criação de uma repartição de turismo nacional, sendo Portugal pioneiro neste sector.[7]

Apesar de todos estes esforços, a instabilidade social e política do país dificultou o crescimento estável do turismo nacional. Em 1926, um golpe militar levou à instauração de um regime dictatorial, facto que teve inúmeras consequências no sector.

---

4 MILHEIRO, E., SANTOS, J. (2005). *O turismo em Portugal: que passado? Que futuro?.* Aprender: nº30, pág. 1

5 *"Foi o seu inspirador Leonildo de Mendonça e Costa, jornalista de mérito, proeminente ferroviário, viajante apaixonado e patriota dedicado, que, influenciado pela promoção turística da Áustria e a Suiça, decidiu tomar uma iniciativa para que Portugal fizesse o mesmo".*

CUNHA, L. (2010). *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios.* Fluxos e Riscos: nº1, pág. 131

6 CUNHA, L. (2010). *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios.* Fluxos e Riscos: nº1, pág. 133

7 MATOS, A.; BERNARDO, M.; SANTOS, M. (2011) *A Sociedade Propaganda de Portugal e o Congresso de Turismo de 1911*. ROLLO, M (Eds.) Congresso Internacional I República e Republicanismo - Atas. Lisboa, Assembleia da República - Coleção Parlamento. 401



042



043

042 | I Congresso Nacional de Turismo (1936), em Lisboa.

043 | António Ferro.

O novo regime encarou o turismo como uma ferramente de propaganda, que "desempenhou uma função tão relevante como qualquer outra área da sociedade civil na validação ideológica do Estado Novo".[8]

Procurando a renovação 'espiritual' do país, o turismo foi utilizado como veículo de educação ideológica, apelando-se a uma prática do lazer que enfatizasse o sentimento nacionalista do regime, que procurava controlar todos os aspectos da vida social, cultural e política dos seus cidadãos. Nas palavras de Maria Cadavez, "podemos compreender a preferência do Estado Novo em usar a indústria turística como instrumento de divulgação das suas lições ideológicas, pois, como demonstrámos neste trabalho, as representações das nações e os quadros turísticos sobrevivem à custa de argumentos semelhantes que evocam tradições, histórias, autenticidades e memórias de comunidades."[9]

Em 1936, realizou-se o I Congresso Nacional do Turismo, em 1936, cujo objectivo foi discutir e propor soluções para os problemas que afectavam a indústria. Foi proposto que o Estado deveria assumir um papel mais activo no sector.[10] Consequentemente, a pasta do turismo foi transferida para o Secretariado de Propaganda Nacional, orgão de propaganda do regime, dirigido por António Ferro.[11]

Durante a Segunda Guerra Mundial, apesar das quebras na actividade túristica, Lisboa tornou-se num importante ponto de passagem para os refugiados do conflito. Após o fim da guerra, numa fase inicial, Portugal não benificiou do crescimento explosivo do turismo internacional, apesar do crescimento do mercado interno.[12] A partir de meados da década de 1960, o turismo começou a crescer, principalmente na região do Algarve.[13]

---

8 CADAVEZ, M. (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Edições 70, pág. 96

9 Idem., pág. 328

10 LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 13

11 *"O grande impulsionador da propaganda da 'Nação' foi, porém, António Ferreo e a direcção que fez dos dois secretariados, criados para arquitetarem as representações mais adequadas para mostrar Portugal. As suas maõs criativas e românticas terão marcado indelevelmente as imagens que ainda hoje criamos para exibir o país".*

CADAVEZ, M. (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Edições 70, pág. 328

12 GONÇALVES, C. (2005) "Portugal, Territórios e Turismo". X Colóquio Ibérico da Geografia. Évora, pág. 2-3

13 Idem,, 2005, pág. 2-3

Em 1974, com a queda do Estado Novo, a instabilidade política e social do período pós-revolucionário afectou este crescimento, assistindo-se a quebras profundas do número de turistas em solo português.[14] Após a estabilização social do país, os sucessivos governos, conscientes da importância do sector para a economia nacional, fomentaram o seu desenvolvimento. Durante os anos 2000, com o país a atravessar um período de crise económica, o turismo foi uma das alavancas da retoma económica, assistindo-se a um forte crescimento do sector. Para além das regiões turísticas tradicionais, o turismo cresceu por todo o território nacional. Recentemente, a epidemia mundial da COVID-19 teve um impactor devastador na economia nacional, sendo a indústria do turismo uma das mais afectadas, devido às medidas de combate à epidemia.

14 MILHEIRO, E., SANTOS, J. (2005). *O turismo em Portugal: que passado? Que futuro?.* Aprender: nº30, pág. 5

2.2. | A PROCURA DE UMA TIPOLOGIA DE HOTEL NACIONAL

"A indústria hoteleira exerce um papel de tal modo importante na vida de uma nacionalidade e tem, em Portugal, um lugar de tal destaque na indústria das viagens, que se torna absolutamente necessário e inadiável sujeitá-la a uma tutela ou a uma direcção superior, para que produza os efeitos que lhe são legitamente exigidos da sua acção dentro não só das forças vivas do país, mas especialmente, do vasto círculo do turismo, que não pode manter-se sem um boa e prática exploração hoteleira"[1]

Em Portugal, as primeiras décadas do século XX foram fortemente marcadas pela construção dos Palace Hotel. Até 1930, observou-se a construção de cinco destes grandes hotéis: o Hotel Avenida Palace, o Palace Hotel do Buçaco, o Palace Hotel de Vidalgo, o Curia Palace Hotel e o Palace Hotel do Estoril.[2] Influenciados pelos hoteís de luxo europeus, estas estruturas são símbolos de uma época em que o turismo era praticado quase exclusivamente pelas classes sociais mais abastadas[3], sendo que "ainda hoje nos transportam, sob majestosos pés-direitos, para o imagínário cosmopolita de fin de siècle, com as suas fachadas imponentes, elegantes escadarias e extensos salões de baile".[4]

Apesar do luxo destes grandes estabelecimentos, o panorama geral da grande maioria dos hotéis portugueses era muito diferente, chegando mesmo a serem considerados como os "peores da Europa",[5] situação que prejudicava seriamente o desenvolvimento do turismo nacional. Para além da falta de qualidade da oferta, os de equipamentos hoteleiros existentes eram insuficientes para albergar o número crescente de viajantes, principalmente nas grandes cidades.[6]

---

1 LISBOA, J. (1919) *O Turismo em Portugal - A Magna Questão Hoteleira.* Revista de Turismo: nº66, pág.138

2 O Hotel Avenida Palace foi construído entre 1890 e 1892, com projecto de José Luís Monteiro; o Palace Hotel do Buçaco foi construído entre 1888 e 1907, com projecto de Luigi Manini; o Palace Hotel de Vidago foi construído entre 1908 e 1910, com projecto de José Ferreira da Costa; o Curia Palace Hotel foi construído entre 1917 e 1926, com projecto de Norte Júnior; e, o Palace Hotel do Estoril foi construído de 1915 e 1930, com projecto de Henry Martinet.

3 *"Estes Palaces, se assim lhes podemos chamar, são os salões de visitas para os nossos hóspedes mais ilustres e para meia dúzia de afortunados (...)"*
Pouzadas, Francisco de Lima, pág. 4

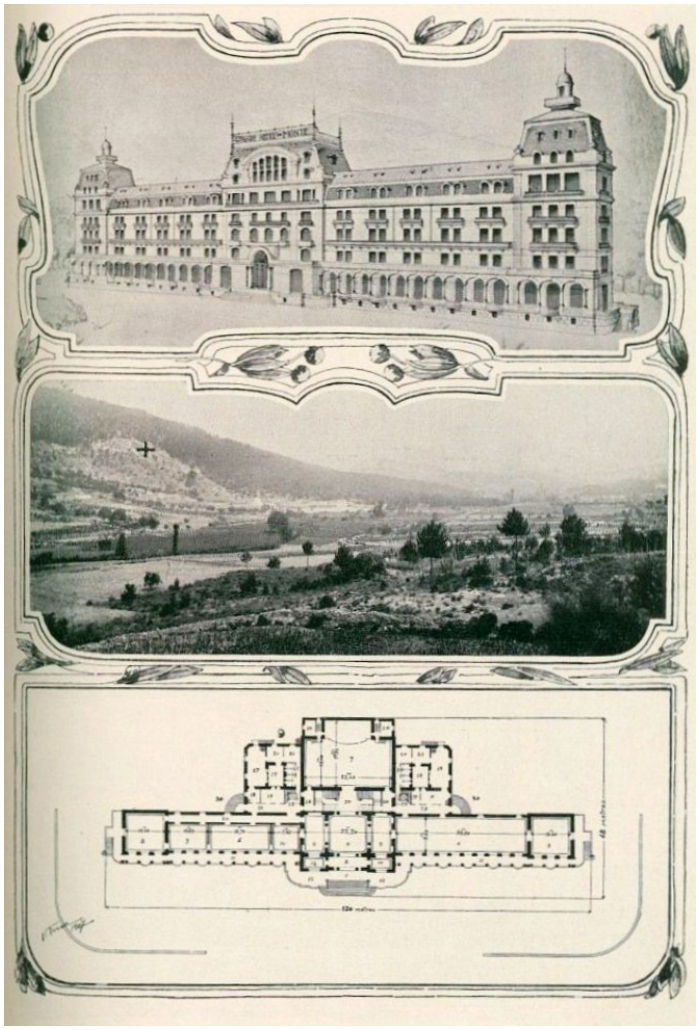
4 LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 22

5 S.A. (1917) *Hoteis*. Revista de Turismo: nº30, pág. 50

6 LISBOA, J. (1919) O Turismo em Portugal - A Magna Questão Hoteleira. Revista de Turismo: nº66, pág. 138



044



045

044 | Hotel Avenida Palace.

045 | Vidalgo Palace Hotel.

A partir dos anos trinta, os Palace Hotel entraram numa fase de declínio, "quando as qualidades curativas das 'Termas' e os 'mundanismos de salão' são progressivamente suplantados por uma indústria farmacêutica em forte crescimento e por uma filosofia de vida, mais voltadas para a vivência ao ar livre e para a prática desportiva (...)".[7]

No entanto, muito antes dos Palace Hotel ultrapassarem o seu auge comercial, eram criticados por várias personalidades da época. Raúl Lino, apologista de uma arquitectura que refletisse "a imagem e a alma do pensamento e do sentir português"[8], considerava que a solução para o problema hoteleiro português passaria pela criação de um modelo de hotel verdadeiramente nacional, e não pela reprodução de modelos estrangeiros, como eram os Palace Hotel.[9]

A partir de meados da década de 1920, este problema começou a ser cada vez mais discutido no meio governativo e no seio da indústria do turismo, numa época em que os ritmos destas práticas começavam a sofrer alterações. Durante este período, são introduzidos os primeiros regulamentos nacionais da hotelaria, que procuraram introduzir critérios de higiene e limpeza e fomentar a construção de novos hoteís[10].

Após a instauração do Estado Novo, a intervenção estatal no turismo aumentou consideravelmente, procurando que a população portuguesa viajasse e descobrisse o território nacional. No entanto, o panorama hoteleiro português continuava a ser incapaz de receber o número crescente de turistas.

Em 1933, o jornal 'Notícias Ilustrado' lançou o "Concurso do Hotel Modelo", que procurava a formalização de uma nova tipologia de hotel, "contra a proliferação de palaces pretensiosos e burocráticos, com a sua arquitectura e ambientes de espírito internacionalista."[11]

---

7 LOBO, S. (2012) *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1o república à democracia,* pág. 428

8 TOSTÕES, Ana Cristina, Arquitectura Portuguesa do século XX, pág. 514

9 CADAVEZ, M. (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Edições 70, pág.194

10 Idem., pág. 191

11 LOBO, S. (2012) *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1o república à democracia,* pág. 430.



046



047

046 | Cartaz da exposição do Concurso do Hotel Modelo.

047 | Vagão da exposição itinerante do Concurso do Hotel Modelo.

O concurso propunha a criação de um modelo de hotel para cada uma das provínicias portuguesas, segundo um programa criado pelo arquitecto Raúl Lino[12], procurando introduzir na hotelaria nacional opções formais e decorativas inspiradas na arquitectura tradicional portuguesa e em motivos regionais. No final de 1933, os vários projectos foram apresentados e resultaram numa exposição itinerante que percorreu todo o país e gerou bastante interrese. Contudo, apesar do sucesso da experiência, o concurso não produziu efeitos a longo prazo, dado que "a escala do programa proposto por Raúl Lino para estes hotéis 'tornara a fórmula inviável' para a sua aplicação ao panorama regional português."[13]

No final da década de 1930, após a transferência da pasta do turismo para a tutela do SPN, o Secretariado da Propaganda Nacional, o Estado debruçou-se ainda mais sobre a situação da hotelaria nacional, procurando encontrar soluções tipológicas, formais e decorativas que conciliassem os problemas que a indústria enfrentava com a imagem ideológica do regime.

Em 1936, durante o I Congresso Nacional de Turismo, um episódio marcante na evolução do debate nacional sobre a indústria do turismo, foram apresentados vários discursos sobre os problemas que assolavam a indústria hoteleira portuguesa. Entre as várias teses e propostas apresentadas, uma das mais consequentes foi a de Francisco de Lima, intitulada "Pouzadas", onde colocava a hipótese de um novo conceito de hotelaria "para a grande massa, para o viajante mais modesto, para o empregado público, para o industrial que deseja conhecer o seu país e instruir-se".[14] Apelando ao desenvolvimento turísticos das regiões interiores do país, Francisco de Lima propôs que esta nova tipologia deveria adaptar-se à escala da paisagem, com "um ambiente simples, de contornos vincadamente regionais e, por isso, de cunho nacional"[15], chegando mesmo a sugerir um limite máximo de 10 quartos por estabelecimento.

---

12 *"Cada unidade deveria ter vinte e cinco quartos (duplos e individuais), dez casas de banho privadas, um átrio ou uma sala de estar com aquecimento, uma sala de leitura e de escrita, um refeitório com capacidade para o dobro da ocupação disponível, uma cozinha, uma copa, arrecadações, locais com acesso independente para funcionários, e espaço para recolha de automóveis. Os materiais usados na construção e na decoração de cada pequeno hotel deveria adequar-se à região e replicar os elementos tradicionais da mesma."*

CADAVEZ, M. (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Edições 70, pág. 196

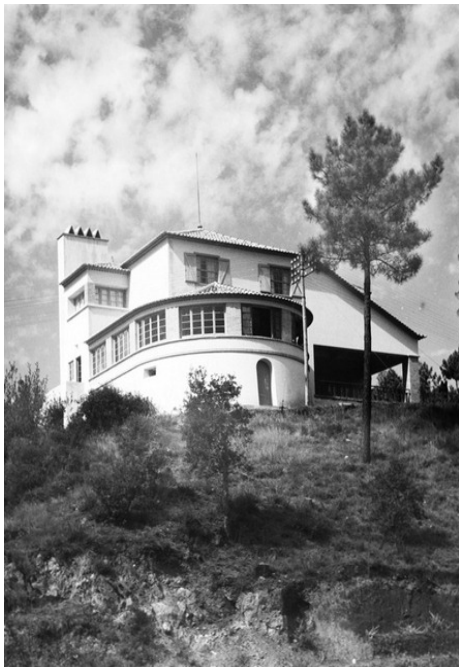
13 LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 24

14 Lima, F. Pouzadas, pág. 5

15 LOBO, S. (2012) *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1o república à democracia,* pág. 446



048



049



050

048 | Pousada de Santa Luzia (1942), Arq. Miguel Jacobetty Rosa.

049 | Pousada de Santo António (1942), Arq. Rogério de Azevedo.

050 | Pousada de Santiago (1945), Arq. Miguel Jacobetty Rosa.

Consequentemente, em 1939, inserido no plano de comemorações do Duplo Centenário de 1940, foi anunciado a construção de um conjunto de pousadas, fortemente influenciado pela tese de Francisco de Lima. No entanto, antes da formalização deste plano, António Ferro, Presidente do SPN, propôs a intervenção numa antiga pensão de Óbidos, procurando encontrar um "protótipo experimental da imagem que pretendia que viesse caracterizar as pousadas."[16]

Após este primeiro exercício, procedeu-se à realização do primeiro plano de pousadas, localizadas por todos o país, em ponto turísticos estratégicos, de forma a criar um sistema verdadeiramente nacional que refletisse a variedade de paisagens do país, "passível de ser utilizada por todos os sectores sociais"[17]. A elaboração dos projectos foi entregue a três arquitectos portugueses, que já tinham realizados diferentes projectos sobre a alçada do Estado: Rogério de Azevedo, Miguel Jacobetty Rosa e Veloso Reis Camelo.[18]

"Em edíficios, como o gesto da Pousada do Marão, a estabilidade de Serém e a organização da Serra da Estrela, o dinamismo da composição volumétrica, a articulação orgânica dos volumes com a topografia, o controlo da escala e o uso de materias de construção típicos de cada região refletem-se no expressionismo das texturas e no toque. Estas construções estão ancoradas solidamente no chão, cuidadosamente embutidas no terreno, criando continuidade com a topografia, o que resulta no domínio estratégico do território envolvente." [19]

Como fora proposto por Francisco Lima, o foco principal deste sistema de pousadas seria o interior do país, que marcou "de forma inequívoca o discurso e panorama turístico português desta altura".[20] Apesar das restrições conceptuais impostas, dado que deveriam "pelo seu estilo e côr local, integrar-se tanto quanto possível no pitoresco das regiões", os arquitectos conseguiram conciliar com sucesso uma estética inspirada em motivos tradicionais com opções tipológicas e formais assumidamente modernas.

---

16 LOBO, S. (2012) *Pousadas de Portugal. Reflexos da Arquitectura Portuguesa do século XX*, pág. 43

17 Contributos para um metodologia de intervenção no património construído.

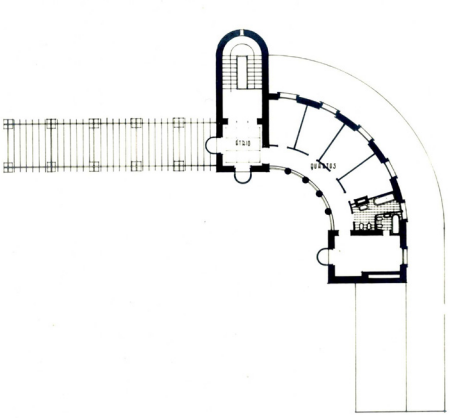
18 Rogério de Azevedo: a Pousada de São Gonçalo, no Marão (1942), a Pousada de Santo António, em Serém (1942) e, a Pousada de São Lourenço, em Manteigas (1948); Miguel Jacobetty Rosa: a Pousada de Santa Luzia, em Elvas (1942), a Pousada de São Brás, em São Brás de Alportel (1944) e, a Pousada de São Tiago, em Santiago do Cacém (1945); Veloso Reis Camelo: a Pousada de São Martinho, em Alfeizerão (1943).

19 PIMENTEL, Jorge Cunha, Rogério de Azevedo's Regionalist Drift, 2018, pág. 35-36 - (tradução livre do inglês).

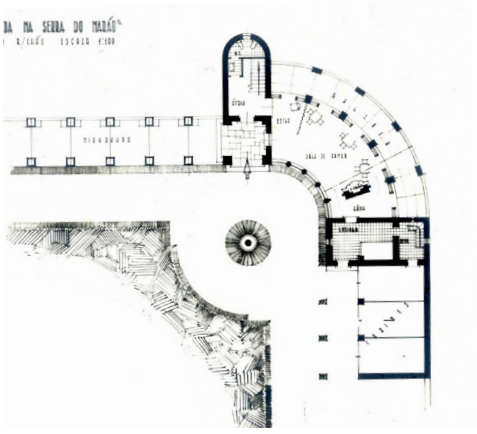
20 LOBO, S. (2012) *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1o república à democracia,* pág. 462



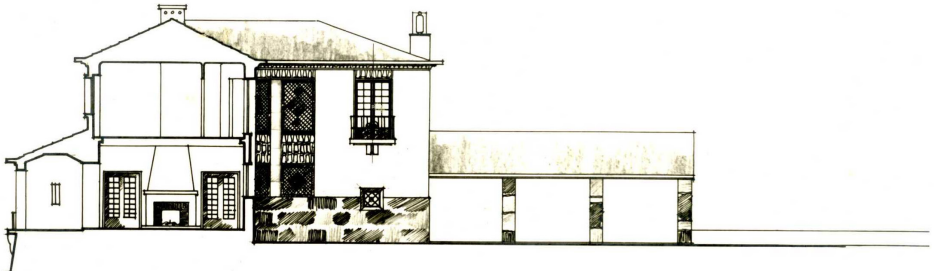
051



052



053



054

051 | Perspectiva da Pousada de São Gonçalo (1942) Arq. Rogério de Azevedo.

052 | Pousada de São Gonçalo - Planta do 1º Andar (1942), Arq. Rogério de Azevedo.

053 | Pousada de São Gonçalo - Planta do Rés-do-chão (1945), Arq. Rogério de Azevedo.

054 | Pousada de São Gonçalo - Corte (1945), Arq. Rogério de Azevedo.

Em contraste com o 'Concurso do Hotel Modelo', um "exercício algo abstrato e académico, na medida em que trabalha objectos contextualmente descontextualizados"[21], o objectivo do programa era que cada uma das pousadas refletisse as características singulares do território onde se inseriam, adaptando os princípios de acção a essas mesmas condições. Ainda assim, apesar da variedade das soluções propostas, existem três grandes temas que coordenaram o desenvolvimento conceptual das diferentes pousadas: a escala, contida e familiar, que procura situar-se entre a habitação e o hotel; a separação programática das zonas públicas e dos quartos, por pisos; e, a abertura da sala de jantar para a paisagem.[22]

Durante a década de 1940, a concretização das pousadas tornou possível a codificação de uma nova tipologia de hotel, fundamentanda nas várias teses publicadas, procurando encontrar uma solução que correspondesse às necessidades do sector e os ideais do regime político. Nos anos seguintes, este novo conceito influenciou as escolhas tipológicas e formais dos hoteís de tamanho pequeno e médio construídos em Portugal.

O sucesso deste novo conceito de estabelecimento hoteleiro levou a que, ainda hoje, continue "a ser utilizado pela hotelaria e pelo turismo portugueses do século XXI, apesar de se ter afastado muito daquilo que foi idealizado na década de Trinta. (...) a marca criada por António Ferro permanece e continua a atrair os viajantes contemporâneos e a motivar roteiros turísticos.".[23]

21 LOBO, S. (2012) *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1o república à democracia,* pág. 462

22 LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pág. 50

23 CADAVEZ, M. (2017) *A Bem da Nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. Lisboa: Edições 70, pág. 286

III. O HOTEL

3.1. | A História do Hotel do Sol (Mirassol)
3.2. | A Ruína



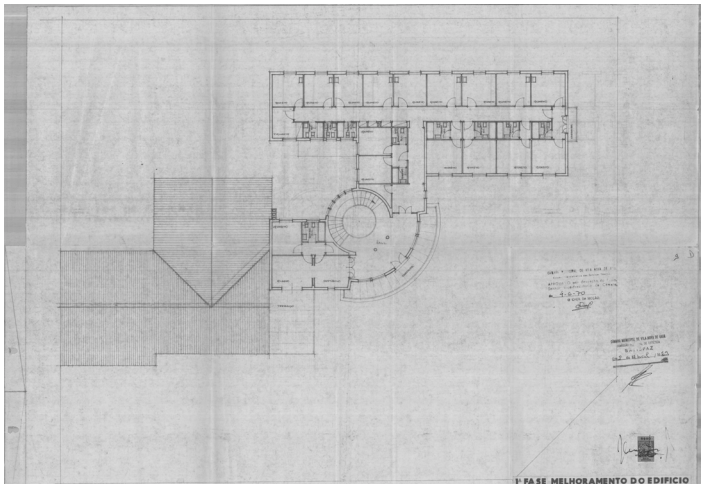
054



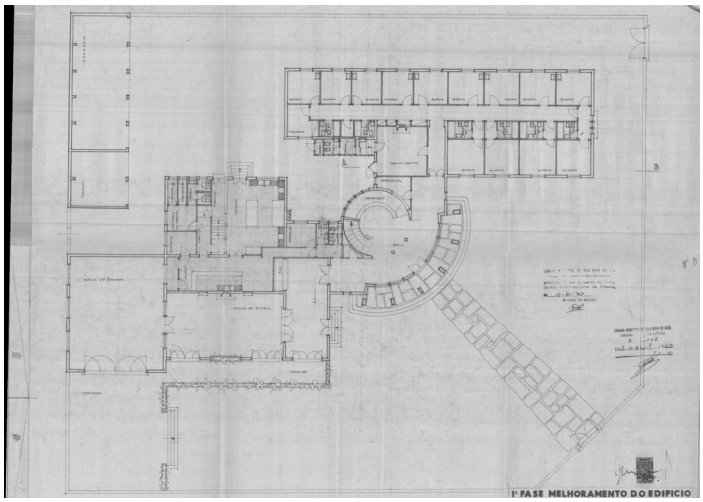
055

054 | Perspectiva do Hotel do Sol, nos anos 40.

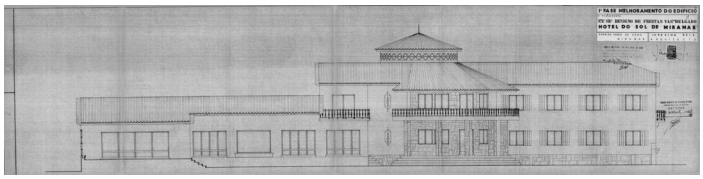
055 | Perspectiva do alçado sul e nascente, do volume dos quartos, nos anos 40.



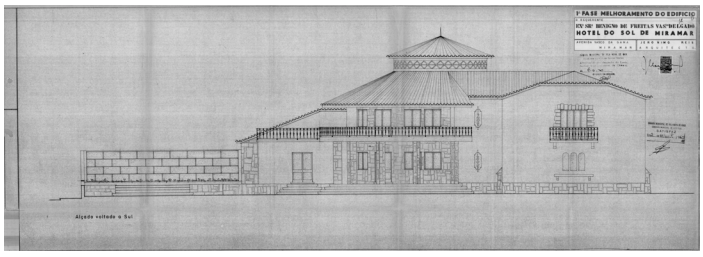
056



057



058



059

056 | Planta do 1º Piso. Projecto Original.

057 | Planta do Piso Térreo. Projecto Original

058 | Alçado Poente. Projecto Original.

059 | Alçado Sul. Projecto Original.

3.1. | A História do Hotel do Sol (Mirassol)

O início do século XX testemunhou alterações profundas no paradigma urbano, social e constructivo de Miramar. Durante este período, o crescimento da crescimento da afluência às praias da região despertou o interesse por este território turístico. Até aos anos quarenta, Miramar não possuía qualquer tipo de estabelecimento hoteleiro, capaz de albergar o número crescente de visitantes, o que prejudicava seriamente o desenvolvimento do turismo no seu território. Este problema foi encarado seriamente por alguns dos seus habitantes, conscientes das qualidades de Miramar enquanto lugar de lazer. Assim, durante os primeiros anos da década de 1940, iniciou-se a construção do primeiro equipamento hoteleiro de Miramar: o Hotel do Sol.

"O Hotel do Sol constituiu um empreendimento de certo arrôjo para a época, projectando a Praia de Miramar para um nível turístico que a destacava entre todas as praias da zona."[1]

O Hotel foi construído pela iniciativa de dois irmãos, Amândio e Afonso Almeida[2], ficando a elaboração do projecto a cargo do arquitecto Jerónimo Ferreira Reis.[3] O local escolhido para a edificação do hotel foi o terreno localizado na articulação da Av. Vasco da Gama com a Esplanada de Miramar, um lugar central na paisagem costeira de Miramar.

O edíficio desenvolvia-se a partir de um corpo central, de planta circular, que articulava duas volumetrias, uma com maior relação com a Esplanada de Miramar e outra com a Av. Vasco da Gama, ambas orientadas para a Esplanada, no sentido nascente-poente. O programa do hotel incluía 30 quartos, de diferentes tipologias, e uma série de zonas públicas: bar, sala de estar, sala de convívio e sala de jantar. Se no caso das Pousadas a divisão programática era, geralmente, realizada ao nível dos pisos, no Hotel do Sol, esta realizava-se ao nível das volumetrias.

---

1 AMENDOEIRA, A. (1994) *Vila de Arcozelo - História e Monografia.* pág. 220

2 Idem. pág. 220

3 Jerónimo Ferreira Reis nasceu em 1916, em Argousile, no distrito de Aveiro. Ingressou no curso de Arquitectura da Escola de Belas Artes do Porto em 1931, concluindo os seus estudos em 1945. Habitou grande parte da sua vida na cidade de Espinho, onde se localiza a maioria da sua obra. Após a sua morte, em 1984, a família doou o seu espólio ao Arquivo Municipal de Espinho.

MARQUES, J. (2015) *"Reconstituição biográfica dos arquitectos representados na exposição de 1953: 'Marques da Silva: Exposição conjunta das principais obras do mestre e de alguns dos seus discípulos'"*, pág. 158-159



060



061

060 | Interior da sala de estar, anos 50.

061 | Festa de Inauguração do Hotel - Sala de Jantar. 1 de Junho de 1957.

Assim, as zonas públicas encontravam-se no corpo com maior relação com a Esplanada de Miramar, os quartos, encontravam-se no volume com maior relação com a Av. Vasco da Gama, sendo o corpo central o espaço de entrada e distribuição para as duas zonas do hotel. Devido ao forte carácter residencial de Miramar, o arquitecto procurou balançar a complexidade do programa de um hotel com a escala do lugar, procurando a integração harmoniosa do edíficio na paisagem.

O edíficio foi implantado numa plataforma, ligeiramente elevada em relação à cota do terreno. Possuía dois pisos no volume central e dos quartos, e um piso no volume das zonas públicas, para além de um piso de cave, que incluía dependências técnicas. No desenho do hotel, o arquitecto procurou refletir a simplicidade das formas com a sobriedade de escolhas nos motivos decorativos.

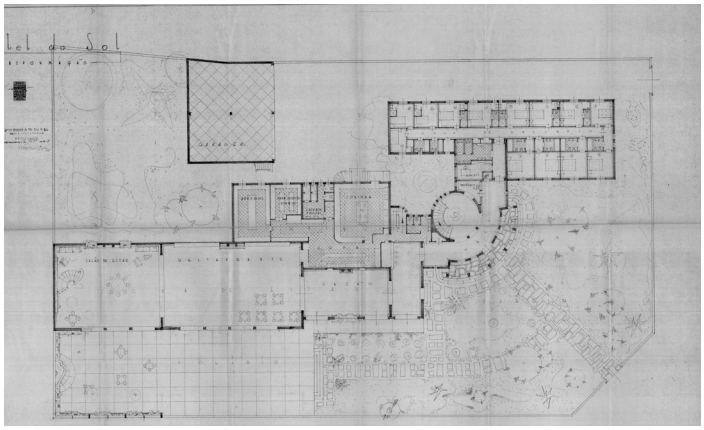
Apesar da importante dinamização que a sua abertura produziu em Miramar, o hotel encerrou pouco tempo depois. A escassez de documentação relativa a este período tornou impossível estabelecer as razões para o seu encerramento prematuro. No entanto, devido à importância deste equipamento, imediatamente houveram movimentações com vista à sua reabertura. Devido à acção preponderante da Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas', o Hotel do Sol foi reaberto em 1957, "com uma festa que implicou convites a individualidades destacadas da sociedade e da política regionais, nomeadamente o Governador Civil do Porto e o presidente da Camara Municipal de Gaia, e que foi divulgada pela Emissora Nacional, também presente."[4] Durante o encerramento, foram realizadas algumas obras de renovação, sendo a obra de maior expressão a substituição das escadas de acesso à sala de jantar na fachada poente por uma extensão do pátio da sala de estar.

Logo em Fevereiro de 1958, a Sociedade de Expansão e Turismo apresentou na Câmara Municipal uma proposta de renovação e expansão das instalações do hotel. Numa carta enviada aos serviços camarários, os requerentes referem que "trata-se de um aumento muito considerável ao edifício já existente e que esta sociedade, com vista ao rápido e maior desenvolvimento turístico desta zona, pretende levar a efeito tão cedo quanto possível"[5], a partir de um projecto do arquitecto António Júlio Teixeira Lopes, personalidade ligada a Miramar e com várias obras realizadas no seu território.

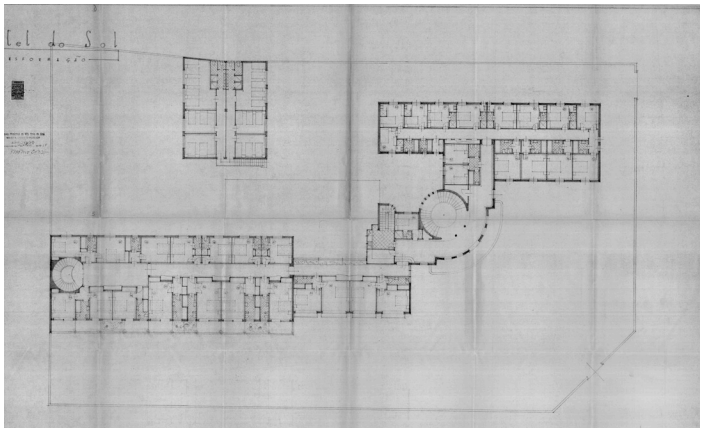
---

4 SILVA, A. (2001) *"A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia - Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística"*, pág. 85

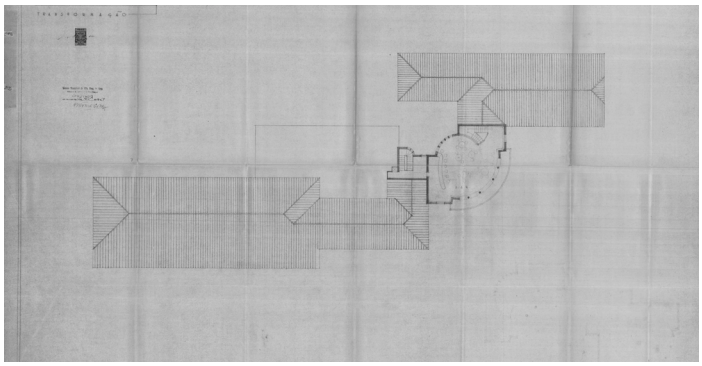
5 A.M.S.M.B., *Processo de obras particulares - Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas'*, 213811, pág. 10



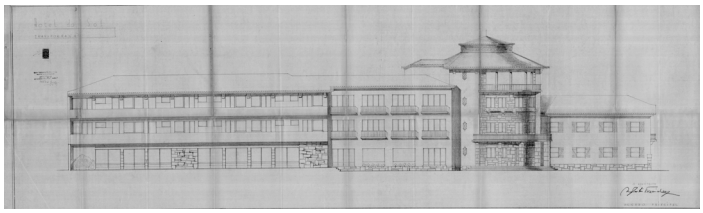
062



063



064



065

062 | Planta do Piso Térreo. *Projecto do Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*

063 | Planta do 1º Piso. *Projecto do Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*

064 | Planta do 3º Piso c/ bar panorâmico. *Projecto Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*

065 | Alçado Poente. *Projecto Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*

O projecto procurou alterar profundamente a escala do edíficio e a sua relação com a paisagem, propondo a construção de uma expansão, nos terrenos localizados ao longo da Esplanada de Miramar, a norte das instalações existentes. A acção proposta incidiu principalmente no volume das zonas públicas e no volume central. Sobre o primeiro foi proposto o prolongamento da sua volumetria para norte, paralelo à Esplanada, com a adição de dois novos pisos. Esta opção projectual, *"*em planta, com eixo longitudinal - norte-sul - permite, que todas as peças de estar, recreio, e quartos principais, tenham um ponto de vista sobre o mar, base fundamental deste aprazível local."[6] No piso térreo, era proposta a transformação da organização e dimensão dos espaços de estar. Com vista para poente, em direcção ao mar, todos estes espaços comunicavam entre si através de um grande pátio exterior - o solário -, idealizado como local de estar exterior do hotel. Os dois novos pisos eram compostos, exclusivamente, por quartos, com casa de banho e espaço exterior privado. Devido à sua localização privilegiada, os quartos orientados para a fachada poente foram idealizados com maiores dimensões. No volume central, o projecto procurou acentuar a sua verticalidade, com a adição de dois pisos, num total de quatro. Esta volumetria mantinha a função de espaço de entrada e de transição vertical entre os vários pisos. No entanto, no último piso, com uma vista panôramica única, foi idealizado um bar. Era, também, proposta a transformação do espaço de garagem, com a adição de mais um piso, com espaços de repouso para os empregados do hotel. Por fim, a volumetria dos quartos existente "com as naturais beneficiações se irá integrar no conjunto arquitectónico projectado".[7]

Ao nível da forma e dos motivos decorativos, as escolhas conceptuais do arquitecto revelam uma vontade de conciliação entre o existente e o novo, procurando a unificação de todas as volumetrias através da expressão de uma linguagem única. Nas palavras de António Júlio Teixeira Lopes, o projecto possuía as "características decorativas correspondentes em valor, ao ambiente cosmopolita de Miramar".[8]

Apesar da proposta ter sido aprovada pela Câmara Municipal, o projecto não foi concretizado e o hotel manteve as suas instalações existentes, sem quaisquer alterações de relevo.

---

6 A.M.S.M.B., *Processo de obras particulares - Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas',* 213811, pág. 16

7 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares - Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas'*, 213811, pág. 16

8 A.M.S.M.B *Processo de obras particulares - Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas'*, 213811, pág. 16



066



067

066 | Hotel do Sol, na década de 1970.

067 | Hotel do Sol, na década de 1970, com a Capela do Senhor da Pedra, ao fundo.

A década de 1960 testemunhou um forte desenvolvimento do turismo nacional, democratizando-se cada vez mais as práticas do lazer e a ocupação dos espaços a si associados. No entanto, durante este período, o hotel enfrentou longos períodos de encerramento, deixando Miramar sem a sua única unidade hoteleira. No final da década, face ao insucesso da exploração do hotel, a Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas' procurou vender este equipamento.

Num primeiro momento, o Hotel foi adquirido por um grupo hoteleiro inglês[9], sendo posteriormente vendido a Benigno de Freitas Vasconcelos Delgado, residente em São Félix da Marinha, na Praia da Granja.

O seu novo proprietário levou a cabo uma série de acções que procuraram revitalizar e dinamizar o hotel. No espírito de transformação da sua imagem, Benigno Delgado alterou o nome do hotel, passando este a denominar-se Hotel Mirassol, nome que manteve até ao seu encerramento definitivo.

Em 1969, submeteu um pedido de licenciamento de obras, com vista à sua reabertura, que procurava "aumentar a lotação do hotel, num projecto bastante semelhante, em termos de objectivos ao que tinha sido elaborado pelo arq. António Julio Teixeira Lopes"[10], ficando o projecto a cargo de Jerónimo Ferreira Reis, autor do projecto original do hotel.

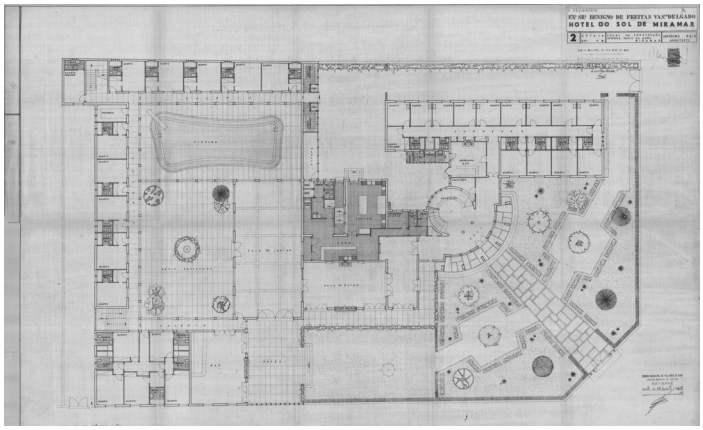
Na Memória Descritiva e Justificativa, o arquitecto declara claramente que: "Benigno de Freitas Vasconcelos Delgado, no louvável intuito de valorizar consideravelmente as condições turísticas da Praia de Miramar, resolveu, por em funcionamento, o Hotel do Sol (...), desde há muito encerrado ao público, o que muito prejudica o turismo desta praia dadas as circunstancias de ser este, no local, o único estabelecimento hoteleiro".[11]

De forma a estruturar melhor a intervenção, o arquitecto Jéronimo Ferreira Reis propôs a divisão das obras em três frases distintas, sendo a segunda fase a mais ambiciosa de todo o projecto. Uma das principais preocupações na sua elaboração era a manutenção da actividade do hotel durante o período de intervenção. Assim, a primeira fase do projecto era dedicada ao "restauro completo do imóvel existente, a fim de proporcionar as condições necessárias, para perfeito alojamento de hóspedes

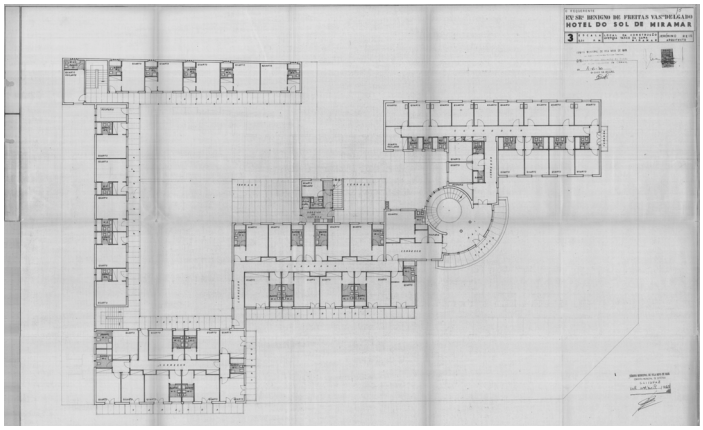
9 AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia*. Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal, pág. 220

10 SILVA, A. (2001). A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística. pág. 87

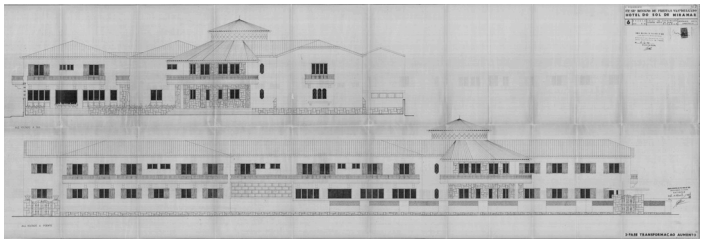
11 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado,* 99796, pág. 6



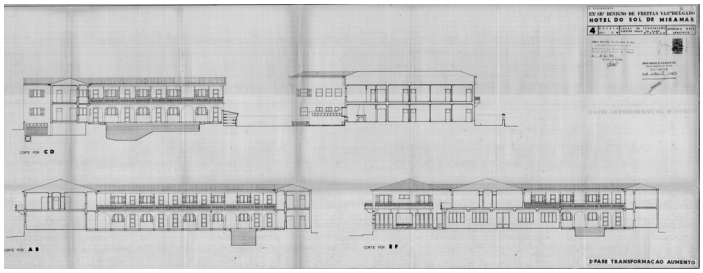
068



069



070



071

068 | Planta do Piso Térreo. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis*

069 | Planta do 1º Piso. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis.*

070 | Alçados. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis.*

071 | Cortes. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis*

na parte existente"[12], possibilitando uma futura expansão que não comprometesse a operabilidade das suas instalações. Deste modo, a primeira fase de intervenção focou-se principalmente em trabalhos de manutenção e na instalação de novas infra-estruturas, imprescindíveis ao conforto moderno procurado pelo novo proprietário. Após a conclusão da 1ª fase, previa-se a reabertura do hotel, de forma a acomodar hóspedes imediatamente e torna-lo rentável.

Com o hotel a funcionar normalmente, era proposta uma 2ª fase de intervenção, a mais ambiciosa de todo o projecto. Esta consistia numa expansão das instalações do hotel, nos terrenos a norte do edíficio, o que permitiria o aumento significativo do número de camas disponíveis no hotel. O novo edíficio desenvolvia-se a partir do volume das zonas públicas, em forma de U. Deste modo, "a orientação norte, será defendida por este aumento, cujo vento norte, afecta consideravelmente esta região costeira, e de forma a permitir no interior do Hotel a instalação de atrativos para hospedes do hotel."[13] O pátio interior criado pela implantação do edíficio continha uma série de novos equipamentos e zonas de lazer: o "pátio sevilhano" e a piscina, a par de uma nova sala de jantar e bar. Ao longo deste pátio, desenvolvia-se uma galeria interior, que permitia o acesso aos quartos e às restantes instalações. De forma a acomodar a ligação com a parte existente do edifício, previa-se, também, a transformação do volume das zonas públicas, que passava a ter dois pisos e uma maior dimensão. Procurando manter a coerência entre as duas partes, o arquitecto propôs manter "as mesmas linhas do estilo rústico contemporâneo e a mesma forma de construção do já existente, o qual representa para o local, um ambiente característico."[14]

Por último, a 3ª fase de intervenção focava-se exclusivamente no edíficio original, onde era proposta a eliminação dos quartos sem casa de banho privada, que até então eram servidos por um conjunto de casas de banho comunitárias.

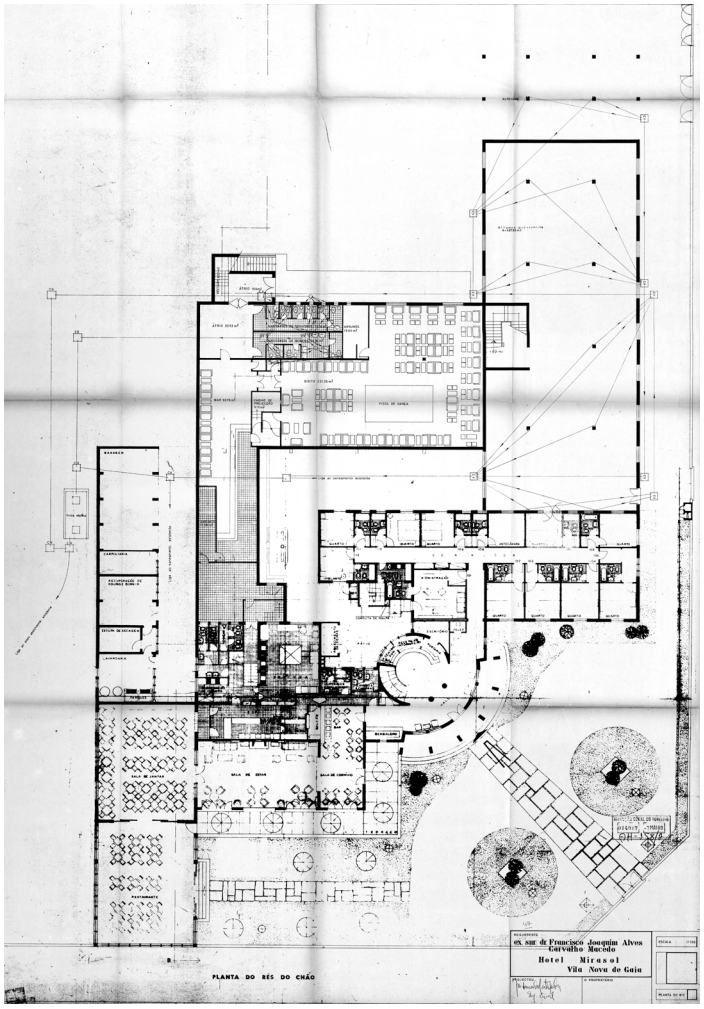
Apesar da ambição do projecto, só as intervenções propostas para a volumetria existente foram executadas, tendo o projecto da expansão sido abandonado. Com a construção de casas de banho em todos os quartos, as casas de banho públicas foram substituídas por novos acessos verticais de serviço. É importante mencionar que a extensão do pátio da fachada poente foi enclausurada, de forma a funcionar como uma continuação interior da sala de jantar.

---

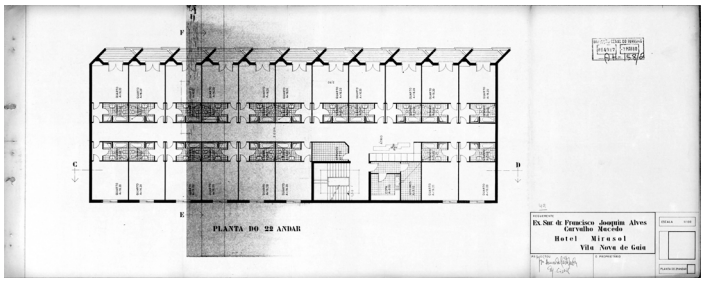
12 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado,* 99796, pág. 6

13 A.M.S.M.B *Processo de obras particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado,* 99796, pág. 8

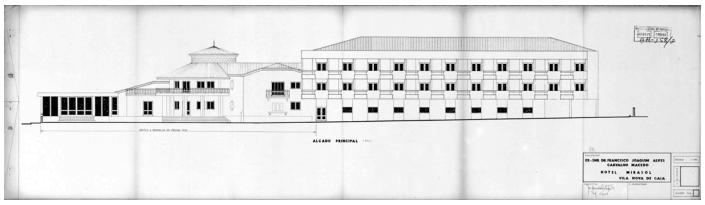
14 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado*, 99796, pág. 9



072



073



074

072 | Planta do Piso Térreo. *Discoteca e Expansão.*

073 | Planta do 3º Piso. *Discoteca e Expansão.*

074 | Alçado sul. *Discoteca e Expansão.*

Assim, após o fracasso da tentativa de expansão, o seu proprietário vendeu o hotel. Em 1975, era propriedade de Francisco Joaquim Alves Carvalho de Macedo, residente na cidade do Porto, que "lhe introduziu significativas alterações arquitectónicas, e, se é certo que, interiormente, o benificiou com boas e espaçosas instalações, não é menos certo que, exteriormente, o deformou enormemente, transformando a bonita e airosa traça que o caracterizava num feio e incaracterístico bloco de cimento e tijolo".[15]

Seguindo o exemplo dos seus antecessores, submeteu na Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia uma nova proposta de expansão, que causou grande controvérsia.

Esta proposta consistia na construção de um nova expansão do hotel, nos terrenos localizados a nascente do edifício original. Composta por duas novas volumetrias, com dois pisos, a expansão possuía uma nova atração: a discoteca.[16] O primeiro volume desenvolvia-se paralelamente às garagens exteriores, a partir do volume da cozinha, funcionando como a ligação entre o hotel e o novo espaço. A segunda volumetria, de maiores dimensões, desenvolvia-se paralelamente ao volume dos quartos, a oeste. O piso térreo continha todas as zonas públicas do novo espaço e o 1º piso era constituido por um grande espaço de arrumos e por casas de banho públicas.

Subsequentemente, em 1980, com o processo de licenciamento da discoteca interrompido por falta de documentação, o proprietário depositou nos serviços municipais uma proposta para a 2ª fase de intervenção.

Este projecto foi radical na abordagem à conservação do edíficio, sendo "que a parte mais antiga da unidade será demolida e reconstruída (...) motivo pelo que não houve preocupação de integração com a referida parte antiga."[17] Consequentemente, a escala e estética da nova proposta contrastavam significativamente com a linguagem do edíficio existente.

---

15 AMENDOEIRA, A. (1994) *Vila de Arcozelo - História e Monografia.* pág. 221

16 *"A atração maior e porventura mais dispendiosa do novo hotel será a discoteca de patins, de que apenas há uma pálida ideia no Porto. Segundos nos foi adiantado o modelo da nova discoteca será decalcado das mais ousadas dos Estados Unidos com uma decoração inédita e muito provavelmente inaudita."*

A.M.S.M.B, *Processo de Obras Particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho Macedo,*104507, pag. 16-17

17 A.M.S.M.B, *Processo de Obras Particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho Macedo,*104507, pag. 58



A ESCASSOS 15 MINUTOS DO CENTRO DA CIDADE

COMÉRCIO DO PORTO — Pag. 10 — 30.11.81

Novo conceito de hotelaria vai passar a servir o Porto

Numa zona privilegiada deve surgir muito em breve um novo conceito de turismo, em moldes europeus

Uma nova unidade hoteleira, dimensionada em moldes desusados para os padrões portugueses e com características pouco comuns na Europa, vai ser instalada a cerca de 15 minutos do centro da cidade do Porto, numa zona de lazer privilegiada e servida de bons acessos.

Texto de MÁRIO MOREIRA
Fotos de RICARDO PEREIRA

ALTIS APRESENTADO À CÂMARA

DISCOTECA DE PATINS

DESINTERESSE OFICIAL

ABANDONAR A TRADIÇÃO

«É preciso ser um bocado louco para investir desta maneira aqui e agora, mas creio que vai valer a pena», mais que um desabafo é também uma opinião avalizada de Francisco Macedo em favor do novo «Mirassol».

“Uma nova unidade hoteleira, dimensionada em moldes desumanos para os padrões portugueses e com características pouco comuns na Europa, vai ser instalada a cerca de 15 minutos do centro da cidade do Porto, numa zona de lazer privilegiada e servida de bons acessos (...) O novo Mirassol incluirá um centro de estágio para desportistas, equipado com o mais recente figurino internacional, diversos salões e auditórios polivalente com capacidade até 2000 lugares sentados, uma ‘roller- discoteca’ de modelo americano, 36 novas surtes, amplos estacionamentos e, em fase de estudo no momento, uma piscina de água do mar aquecida. (....) venha a albergar uma vasta área para fins públicos (...) centro de estágio para atletas onde (...) poderá encontrar do restaurante ao massagista”

075 | Artigo sobre o hotel no jornal ‘Comércio do Porto’.

Foi proposto a construção de uma nova volumetria, paralela à Av, Vasco da Gama, com 3 pisos. O piso térreo era provisoriamente destinado a arrumos[18] e os dois restantes pisos incluíam 38 quartos com casa de banho privada. Exteriormente, a proposta ignorava por completo os princípios do edíficio existente.

No início da década de 1980, o projecto de intervenção encontrava-se ainda em fase de licenciamento. Apesar disso, o proprietário avançou com a construção da 1ª fase, sendo a Câmara Municipal informada desta situação em 1981.[19]

Nesse mesmo ano, as obras do hotel foram alvo de um extenso artigo, publicado no "Comércio do Porto", na edição de 30 de novembro:

"Segundo este empresário, é preciso repensar a finalidade da hotelaria, abandonando-se cada vez mais uma perspectiva que vise o alojamento puro e simples, em favor de outras que se inclinem pelo acolhimento de um sector entendido como público. Um hotel, segundo os novos moldes europeus, não deve esquecer a sua finalidade tradicional, mas pode e tem que conseguir uma exploração rentável: da sua estrutura publica, sob pena de sucumbir, quer em termos sociais quer em termos económicos. A implantação de sectores de convívio, de interesse lúdico, surge agora associada à de áreas de trabalho para terceiros."[20]

Por decisão da Câmara Municipal, as obras foram embargadas e, posteriormente, foi decidida a demolição de todas as novas estruturas. Em 1984, o seu proprietário procurou legalizar as estruturas da discoteca, com vista à reabertura deste espaço, porém, os moradores de Miramar demonstraram-se fortemente contra a concretização desta empreitada:

"Já escrevemos diversas cartas e telefonamos ao Sr. Presidente da câmara alertando-o para o agravo que representam as 'obras clandestinas' que o Hotel Mirassol está a levar a efeito, destruindo criminosamente o equilíbrio arquitectónico do nosso lindo hotel que, na sua singeleza, enquadra-se harmoniosamente no conjunto arquitectural e urbanístico do nosso lindo lugar - é que Miramar representa não só a nível concelhio, mas

---

18 Posteriormente, o piso do rés-do-chão seria destinado à realização de *"congressos, reuniões, banquetes, exposição, etc, (...)"*. O proprietário alegava que só assim *"seria sustentável a unidade nos períodos mortes (Novembro a Abril ou Maio)".*

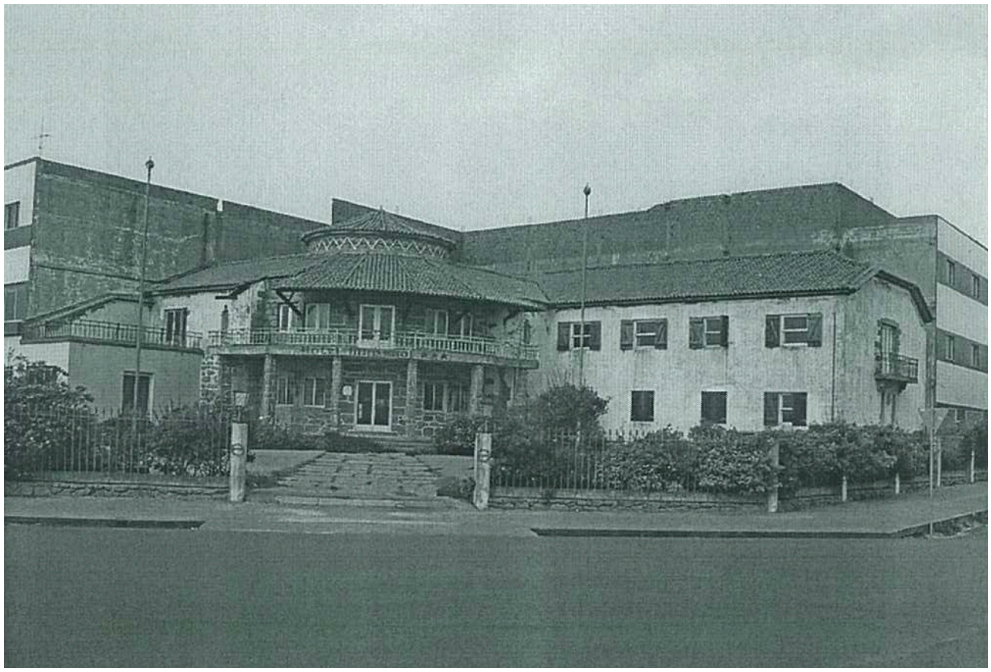
A.M.S.M.B, *Processo de Obras Particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho Macedo,*104507, pag. 266

19 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho de Macedo*, 104507, pág. 53

20 A.M.S.M.B, *Processo de obras particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho de Macedo*, 104507, pág. 56



076



077

076 | Vista aérea de Hotel do Sol, anos oitenta.

077 | Perspectiva do Hotel do Sol, início dos anos 2000.

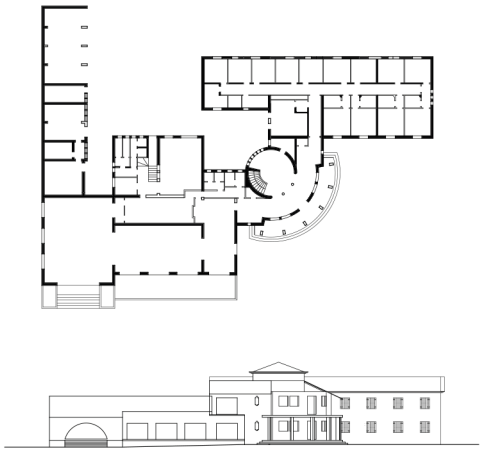
nacional, um lugar sem paralelo entre nós, de equilíbrio urbanístico e arquitectónico, que urge preservar. Precisamente numa altura em que se fala, e ainda bem, salvaguardar o centro histórico da nossa cidade e de acautelar os seus bens naturais da conspurcação clandestina seja ela de que natureza for, não dá para entender a atitude do sr. Presidente da câmara em consentir este estado de coisas, contrariando mesmo o parecer do gabinete urbanístico."[21]

Apesar de toda a polémica envolta deste projecto, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia acabou por autorizar o projecto, ainda que, o presidente da Câmara tenha referido, numa carta aos moradores de Miramar, que o "*aspecto estético da obra não seja o desejável"*.[22] Durante os anos seguintes, o proprietário levou a cabo a construção de mais estruturas no hotel, acentuado a descaracterização completa deste edíficio.

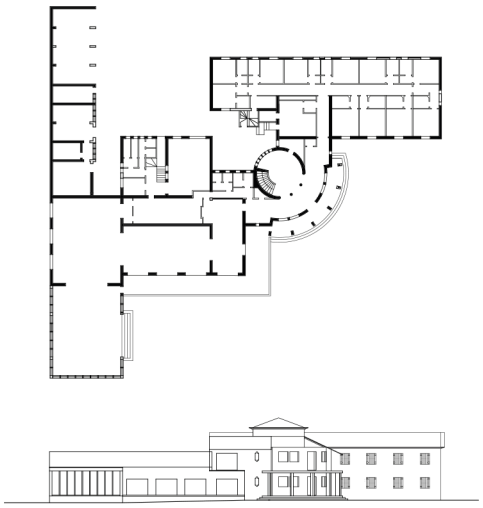
Após o insucesso das obras de expansão, a década de 1990 testemunhou o encerramento definitivo do hotel. Desde de então, o edíficio encontra-se ao abandono. Apesar do edíficio estar em avançado estado de degradação, o cenário único deste hotel manteve aceso o interesse na sua reabertura ou na reutilização do edíficio. Nos últimos anos, foram apresentadas várias propostas para este local: um empreendimento de férias privado, uma nova unidade hoteleira, e, um aparthotel dedicado ao turismo sénior. No entanto, o edíficio mantêm-se sem qualquer utilização, estando sujeito a frequentes actos de vandalismo.

21 A.M.S.M.B., *Processo de obras particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho de Macedo*, 104507, pág. 238

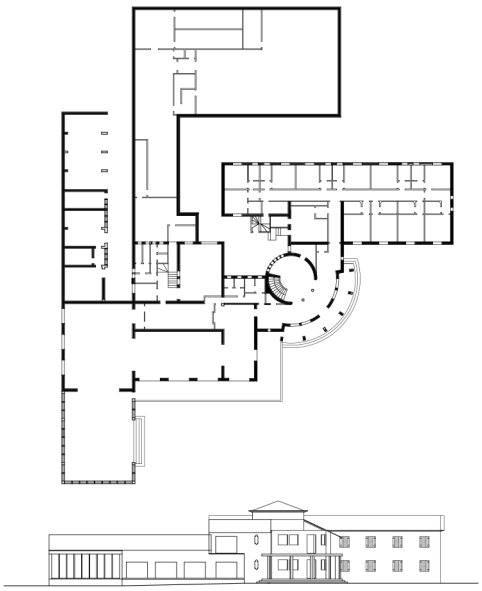
22 A.M.S.M.B., *Processo de obras particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho de Macedo,* 104507, pág. 318



1945
CONSTRUÇÃO DO HOTEL
Projecto da autoria do arq. Jerónimo Ferreira Reis.
Composto por dois pisos e cave, possuía 18 quartos simples, 8 quartos com casa de banho e 3 suítes duplas.
No piso térreo, existia um bar, sala de estar e sala de jantar.



1968
INTERVENÇÃO
Transformação do volume dos quartos, dotando todos os quartos com casa de banho privada.
Construção de uma extensão da sala de jantar, sob o pátio.



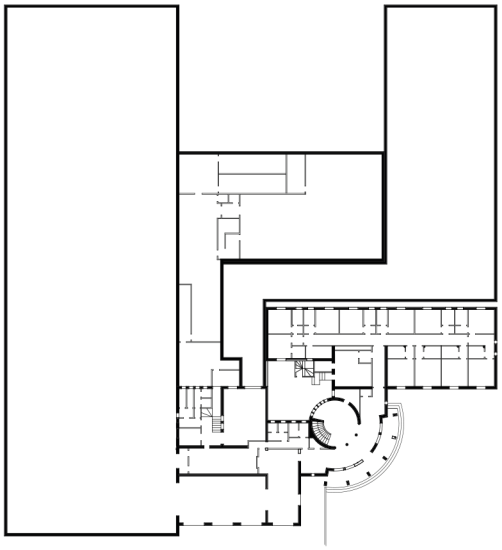
1975
DISCOTECA
Construção da discoteca, a nascente do hotel, integrada num futuro projecto de expansão das instalações das suas instalações.

078 | Síntese da evolução constructiva do hotel.

1980’s

DESCARACTERIZAÇÃO

Projecto de expansão do hotel.
Construção de duas volumetrias de 3 pisos.
Descaracterização formal do hotel e da paisagem da envolvente urbana.

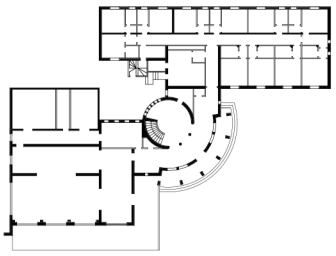




2002

DEMOLIÇÕES

Demolição de todas as estruturas construídas a partir dos anos 70.
Preservação da estrutura original, embora em avançado estado de degradação.







079



080

079 | Vista aérea da ruína do Hotel do Sol e a sua envolvente próxima.

080 | Perspectiva do volume de entrada, com a Capela do Senhor da Pedra ao fundo.

3.2. | A RUÍNA

Apesar da grande quantidade de registos históricos e visuais recolhidos, na fase inicial de abordagem ao exercício de projecto, tornou-se imprescindível a realização de uma primeira visita de campo, com vista à realização de alguns registos fotográficos e esquiços.

Como já foi referido anteriormente, embora tivesse uma forte relação de convivência com o objeto de estudo, esta primeira visita revelou-se crucial para uma melhor compreensão do edificado, da sua relação com o terreno e o meio urbano em que se insere. Ainda que o edifício se encontre em avançado estado de degradação, foi possível entrar e percorrer a maioria dos seus espaços, permitindo uma análise sensorial impossível de apreender, a partir da leitura dos desenhos existentes.

Consequentemente, de modo a confirmar os registos gráficos recolhidos no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner e no Arquivo Municipal de Espinho, foi necessário proceder à realização de um levantamento métrico inicial, com foco nos principais espaços do edifício. Ao confrontar os resultados com alguns dos desenhos do arquivo, este primeiro registo de levantamento revelou incoerências em algumas das medidas e na organização das múltiplas divisões. Deste modo, procedeu-se ao levantamento métrico de todo o edificado e da sua relação de implantação com o terreno, de forma a garantir a exatidão dos desenhos rigorosos realizados posteriormente. Dada a dimensão do edifício, este registo métrico foi realizado ao longo de várias visitas, que testemunharam, também, alterações na conservação da estrutura e os efeitos do clima na mesma. Ainda que tenha sido possível aceder a uma grande parte do edifício, o avançado estado de degradação de algumas zonas da ruína tornou o seu acesso impossível ou demasiado perigoso.

Como foi referido anteriormente, o Hotel do Sol insere-se numa zona de grande qualidade urbanística, ocupando uma grande parte do alçado da marginal de Miramar. Trata-se de um ambiente urbano com fortes níveis de frequentação durante todo o ano, sendo a época do verão a mais concorrida.

O lote onde se insere é delimitado pelo cruzamento da Esplanada de Miramar com a Avenida Vasco da Gama e pelas "traseiras" do casario da Rua Prof. Egas Moniz e Avenida Fernão Magalhães. É importante mencionar que, originalmente, as dimensões do terreno eram muito mais diminutas, sendo que, ao longo das décadas, por ação dos vários processos de expansão e intervenção no hotel, a sua área foi sendo consecutivamente aumentada.



079



080

079 | Alçado tardoz do volume dos quartos.

080 | Perspectiva das salas comuns do hotel.

Devido à demolição de grande parte do edificado do hotel, actualmente, a apreensão destes limites é quase imediata, tanto presencialmente como ao observar uma fotografia de satélite, criando um forte contraste entre o vazio do terreno e a densidade construtiva da envolvente urbana. Esta relação de contrastes leva a que a ruína ganhe um forte destaque sensorial na vivência deste ambiente urbano. Ao mesmo tempo, devido à sua implantação, esta assume-se e autonomiza-se em relação à métrica e solidez do edificado habitacional do quarteirão.

Este forte contraste aplica-se também no desenho dos limites do terreno. A geometria das ruas que o delimitam atribuem-lhe limites ‘exteriores’ regulares, que diferem do desenho irregular do limite ‘interior’ do terreno, que nasceu a partir do loteamento realizado na Quinta do Pinhal do Senhor da Pedra, referido anteriormente. Esta frente ‘interior’ é constituída, na sua grande maioria, pela fachada tardoz de vários pequenos anexos, localizados nas traseiras dos vários lotes.

Foi possível aceder ao terreno através do acesso principal do hotel, localizado no cruzamento da Esplanda de Miramar com a Avenida Vasco da Gama, sendo, também, possível entrar no lote através de várias aberturas no muro existinte de delimitação do terreno. Devido à vegetação presente no terreno foi impossível realizar registos em algumas àreas.

Apesar das dimensões do lote, tanto a nível absoluto como na paisagem urbana de Miramar, este localiza-se numa área de pouca variação topográfica, existindo uma amplitude máxima de 3 metros, entre a cota mais baixa e a mais alta do terreno.

A ruína existente é um testemunho físico de toda a história do edifício, sendo possível observar algumas das modificações realizadas na estrutura primitiva do edifício, como alterações na divisão interna dos compartimentos e a introdução de novos elementos construtivos diferenciados.

De todo o conjunto edificado existente no momento do seu encerramento, actualmente, conserva-se a maioria do edifício original, projetado por Jerónimo Ferreira Reis, na década de quarenta. As únicas excepções são a a sala de jantar, o volume das zonas de serviço e a volumetria do estacionamento e oficinas de manutenção. Como foi explicado anteriormente, a partir da década de setenta, as várias intervenções realizadas no hotel alteraram profundamente a composição formal e estética destas volumetrias, que foram, posteriormente, demolidas.



081



082



083



084

081 | Escada do corpo central de articulação.

082 | Corredor de distribuição dos quartos, no piso térreo.

083 | Quarto.

084 | Corredor de distribuição dos quartos, no 1º piso.

Após o encerramento do hotel, todos os vãos do piso térreo foram ocultados com paredes de alvenaria, de forma a impedir o acesso ao interior do edíficio. A única excepção foi um dos vãos da antiga sala de estar, na fachada sul desse volume, por onde foi possível entrar na ruína. Este volume apresenta vários vestigios das intervenções realizadas no hotel, a partir dos anos oitenta, conservando as paredes de pedra, que se encontram revestidas com azulejos brancos, no alçado poente. O antigo volume das zonas de serviço mantêm a sua implantação original, apesar da reformulação total da sua compartimentalização interior.

O volume de articulação, que contém a zona de entrada e da escada principal, apresenta fortes sinais de degradação das lajes do piso superior, mantendo-se intactas todas as paredes que o definem e a escada de acesso ao 1º piso.

O volume dos quartos, ao contrário das zonas públicas, sofreu poucas alterações desde da sua concepção original. O piso térreo encontra-se em relativo bom estado de conservação, mantendo toda a estrutura de divisão dos vários compartimentos. Apesar de ser possível aceder ao 1º piso do volume dos quartos, o colapso da cobertura impossibilitou uma visita completa a este andar. No entanto, foi possível percorrer a sala técnica do 1º piso, junto às novas escadas, e parte do corredor central de distribuição dos quartos, tendo sido possível constatar a devastação causada por esse colapso.

Através da acesso vertical do volume dos quartos, foi possível entrar no pátio do hotel, que encontra-se encerrado devido à existência de uma parede da expansão da discoteca que não foi demolida.

O acesso ao piso da cave efectua-se através de um acesso exterior, localizado no pátio, não tendo sido possível verificar a existência do acesso interior, presente nas plantas originais do hotel. Devido à instabilidade da estrutura, não foi possível percorrer este espaço e proceder à verificação das medidas e da sua divisão interna. No entanto, através da realização de registos fotográficos, a partir de algumas janelas da cave, foi possível verificar a sua compartimentalização, a apartir do confronto com a planta existente deste piso.



085



086



087

085 | Encontro da estrutura original com os novos elementos em betão.

086 | Pilares de betão e laje no volume das zonas públicas.

087 | Pormenor da estrutura do telhado de duas águas.

Através do confronto dos registos gráficos realizados nas visitas de campo com a documentação dos arquivos, foi possível realizar uma análise dos elementos constructivos presentes no edíficio, permitindo estabelecer

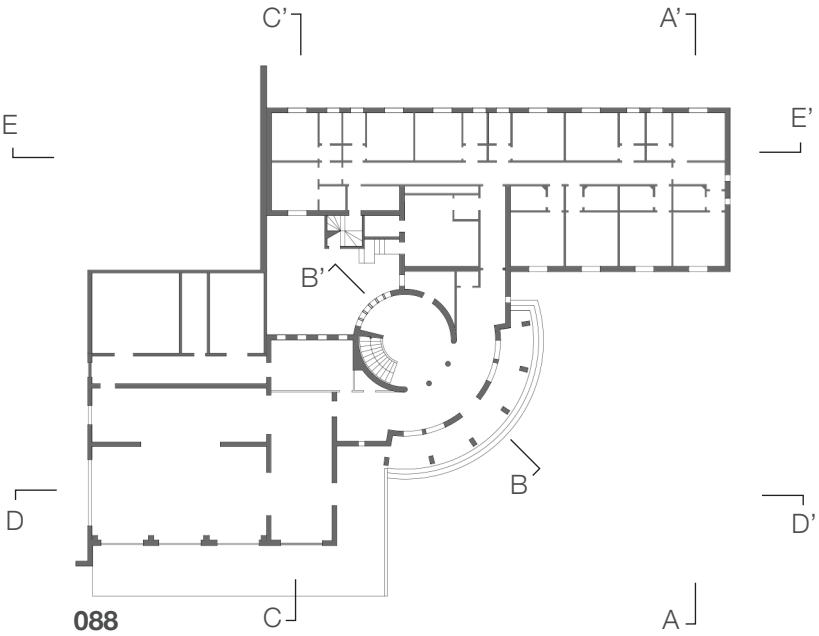
As paredes estruturais, interiores e exteriores, são paredes de alvenaria de granito, em perpianho, com 28 cm de espessura . A dimensão reduzida destas paredes explica-se pelo facto que "no início do século XX, nos casos onde ainda persiste o sistema constructivo tradicional, as paredes das fachadas tendem a diminuir de espessura, dentro de uma lógica de racionalização da construção."[1] Por outro lado, as restantes parades interiores não estruturais e de compartimentação são paredes de alvenaria, com variações de espessura, rebocadas e pintadas.

No volume das zonas públicas, persistem vários elementos constructivos adicionados durante as várias expansões dos anos oitenta, como por exemplo, os pilares de betão da intervenção dos anos oitenta.

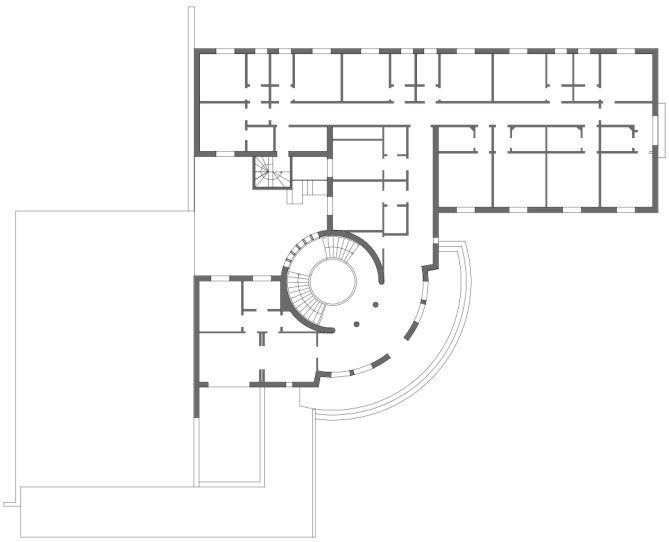
Ao nível das coberturas, persistem poucos vestigios dos elementos originais. O corpo de articulação é o único que preserva parte da sua cobertura, sendo que a cobertura do seu elemento mais alto encontra-se praticamente intacta. Como foi referido antes, a cobertura da volumetria dos quartos desabou, caíndo sobre a estrutura interna do piso. Para uma melhor compreensão do sistema de coberturas, a fotografia foi um instrumento imprescendível para poder visualizar estes elementos inacessiveís. Deste modo, foi possível estabelecer que tratam-se de telhados de duas àguas, com asna simples, sem nível, *"*constítuida por paus rolados, apoiados nas empenas das paredes de meação (...) sobre esta estrutura encontra-se pregado o varedo".[2]

1 FREITAS, V. (Coord.) (2012) *Manual de Apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos. Porto: Greca, Artes Gráficas*, pág. 37

2 Idem, pág. 46



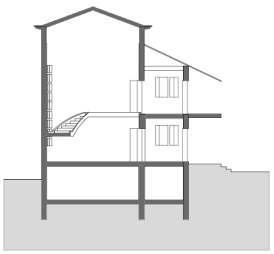
088



089



090



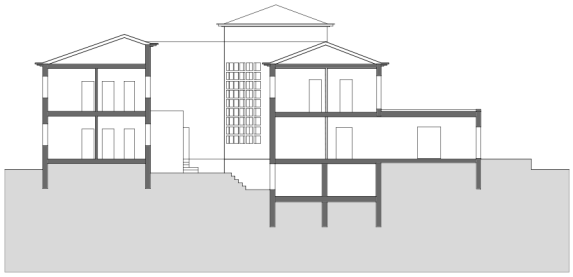
091

088 | Desenho de levantamento do piso térreo.

089 | Desenho de levantamento do 1º piso.

090 | Corte AA’

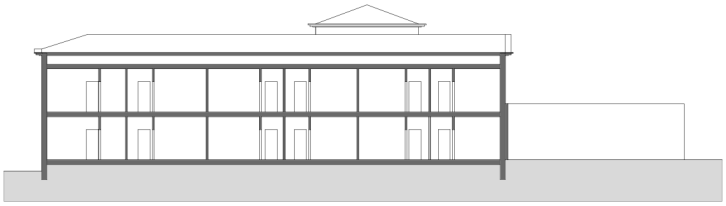
091 | Corte BB’



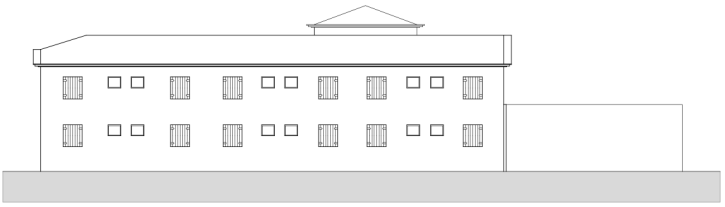
092



093



094



095



096

092 | Corte CC’

093 | Corte DD’

094 | Corte EE’

095 | Desenho de levantamento do alçado nascente.

096 | Desenho de levantamento do alçado Sul.

IV. O PROJECTO

4.1. | O Processo de Trabalho
4.2. | A Proposta Final

4.1. | O PROCESSO DE TRABALHO

"Uma arquitectura provém de uma sucessão de investigações, de hipóteses e de respostas cuja validade necessita de ser testada e que, pouco a pouco, se aglomeram para se encaminhar para uma forma. Mas não posso falar - e provavelmente ninguém o pode - de um método preciso, ou de uma ordem com regras".[1]

Após uma primeira fase de estudo e apreensão do enquadramento e escalas do edifício, do terreno e do lugar, deu-se início ao exercício prático de intervenção na ruína. Ao longo do discurso desenvolvido neste capítulo, pretendeu-se expor as várias fases de evolução da proposta e apresentar os principais temas e intenções. Desta forma, o propósito final deste trabalho, foi a elaboração e estabilização de um conceito de intervenção que refletisse os vários temas e problemas que surgiram ao longo do desenvolvimento deste exercício prático.

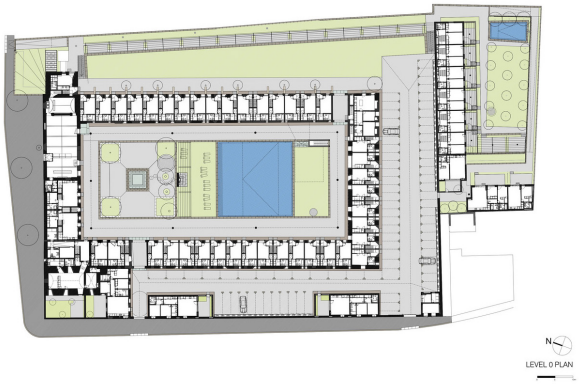
Conforme referido anteriormente, desde o encerramento do hotel foram apresentados vários projectos e soluções com vista à reabilitação ou reutilização deste importante equipamento. No entanto, algumas destas propostas assentam predominantemente na rentabilização económica do terreno, sem qualquer consideração pelo valor da ruína existente e da sua envolvente próxima, resultando numa descaracterização do lugar, semelhante ao que aconteceu durante o processo de expansão realizado durante a década de oitenta. Deste modo, pretendeu-se que um dos objectivos do presente exercício prático fosse a elaboração de um projecto que conciliasse o peso de uma proposta economicamente rentável com os valores e a escala da ruína e do ambiente urbano em que se insere.

Os vários estudos realizados sobre o hotel revelaram que, desde a sua concepção original, o edíficio sofreu múltiplas transformações, de forma a responder às exigências de cada época. Assim, assumiu-se como uma das premissas iniciais de abordagem ao projecto a reabilitação do edíficio original e a sua ampliação.

1 MACHABERT, D. & BEAUDOUIN, L. (2009) Álvaro Siza, uma questão de medida. - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudoin., pág. 204



097



098



099

097 | Perspectiva do Convento das Bernardas.

098 | Planta do Piso Térreo do Convento das Bernardas.

099 | Perspectiva do Hotel Six Senses Vale do Douro.

Num primeiro momento de aproximação ao trabalho prático, o desafio inicial foi a consolidação e estabilização de um programa a aplicar. Antes de qualquer investigação sobre as condições existentes da ruína e do lugar, houve uma vontade de manter o tipo de programa original, um hotel. Após os vários estudos e análises apresentados anteriormente, foi possível compreender as diferentes dinâmicas ligadas ao turismo presentes neste lugar. Desde logo, foi evidente a importância histórica deste edíficio enquanto hotel para o desenvolvimento de uma narrativa de turismo e lazer em Miramar. Por outro lado, o seu enquadramento geográfico e o crescimento contínuo da actividade turística na região, foram outros dos factores de validação da escolha do programa. Apesar do aumento da oferta de alojamento neste território, a sua grande maioria corresponde à categoria de alojamento local[2], existindo a falta de um equipamento hoteleiro, no seu conceito tradicional, com todos os serviços e equipamentos inerentes.

Embora o tipo de programa a aplicar na intervenção já estivesse estabelecido, as especificidades e escala do mesmo ainda não estavam definidas. Instintivamente, foi imediata a importância e dimensão que os espaços comuns iriam ter num equipamento deste género. Além disso, a proporção da área disponível evidenciou a importância que o desenho das áreas exteriores e das transições entre os vários espaços iriam possuir na criação de um conceito geral abrangente. Deste modo, procedeu-se à análise de vários projetos da mesma tipologia, de forma a estabelecer alguns princípios programáticos e de escala. Apesar das diferenças de escala e das caracteristicas da envolvente em que se inserem, durante esta fase, foi pertinente o estudo do projecto do Convento das Bernardas, de Eduardo Souto Mouro, e, o Hotel Six Senses Vale do Douro, de Luís Rebelo de Andrade.

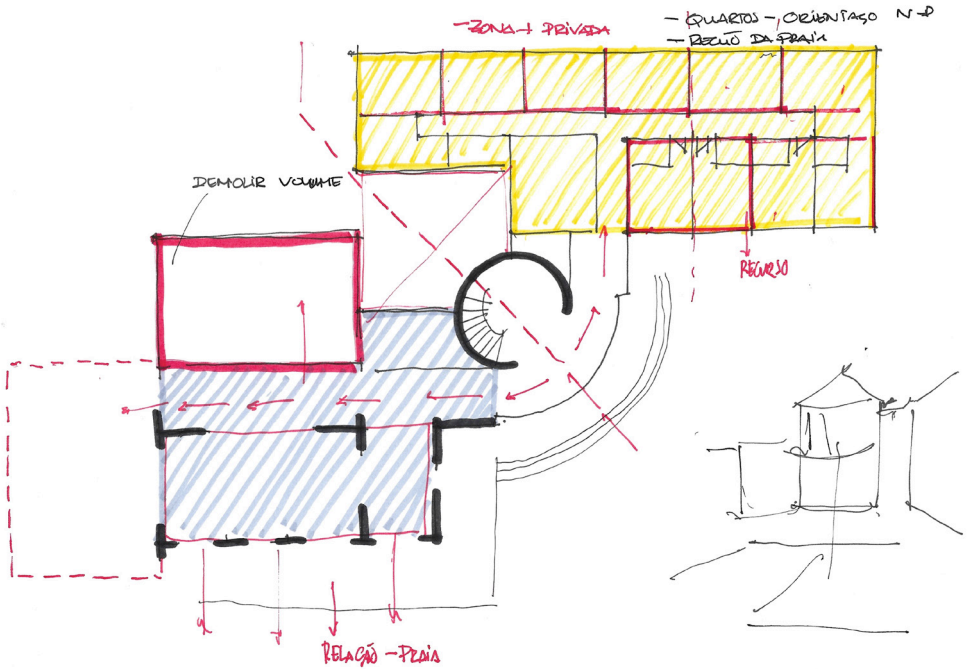
A inexistência de um cliente especifico e o facto de tratar-se de um trabalho de âmbito académico possibilitou uma enorme flexibilidade e liberdade nas escolhas programáticas e formais deste exercício. No entanto, também foi necessário proceder com cautela, de forma a não perder o controlo da escala da proposta, o que levaria a uma descaracterização completa da ruína e da sua envolvente próxima.

Nesta fase do trabalho, a analíse dos vários projectos propostos para o hotel revelou-se um importante instrumento de trabalho. Apesar de se referirem a contextos de intervenção distintos, a compreensão destes projectos permitiu estabelecer príncipios basícos e uma série de problemas e questões a desenvolver.

---

2 A categoria de alojamento local engloba os estabelecimentos "que prestam serviços de alojamento temporário, nomeadamente a turistas, mediante remuneração desde que não reúnam os requisitos para serem considerados empreendimentos turísticos."

http://business.turismodeportugal.pt/pt/Planear_Iniciar/Como_comecar/Alojamento_Local/Paginas/default.aspx



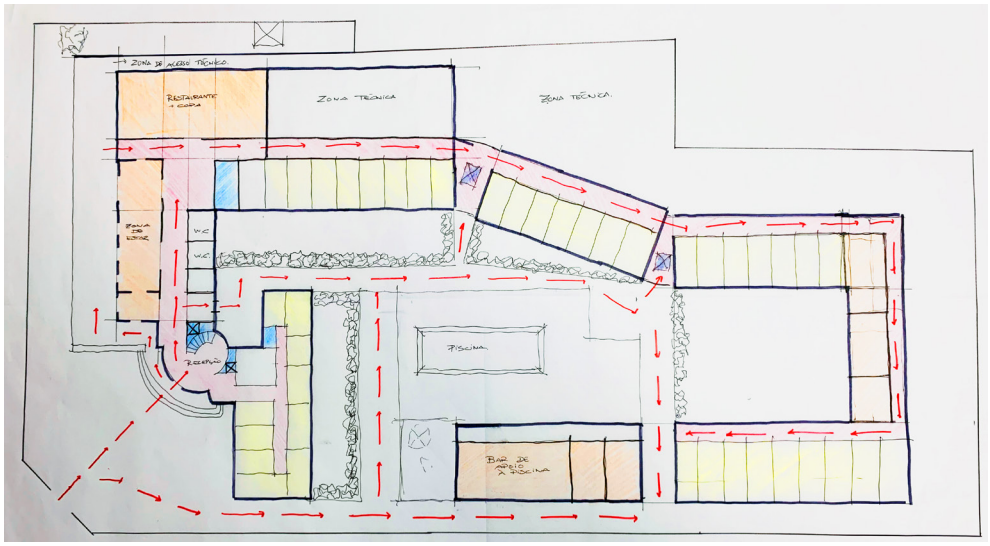
100 | Esquema da ruína.

Deste modo, as premissas base para o exercício prático nasceram das preocupações observadas anteriormente, tais como: proteger as zonas comuns exteriores dos ventos fortes - característicos desta região costeira -; a concepção de espaços com diferentes níveis de privacidade, conforme o seu carácter; o limite máximo de cota das novas volumetrias - o limite de cota do telhado do volume dos quartos -, de forma a respeitar a escala e proporções do edíficio original e obter um melhor enquandramento na sua envolvente mais próxima.

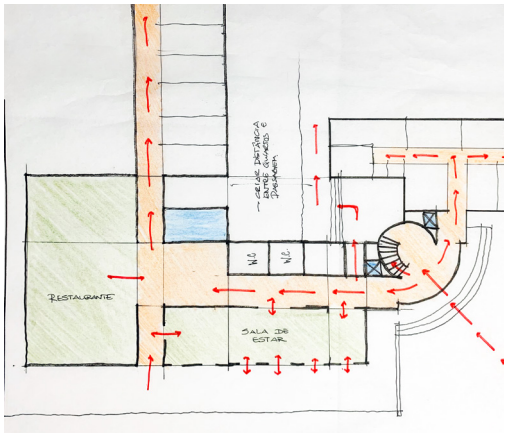
A primeira fase de aproximação ao exercício prático focou-se no confronto entre os princípios de intervenção estabelecidos anteriormente, as condições da ruína e do terreno, e, o programa definido. Inicialmente, devido à dimensão do lote, procurou-se estabelecer alguns limites de intervenção dentro do terreno, de forma a não perder o controlo sobre a escala da proposta. No entanto, este critério foi imediatamente abandonado devido às limtações que impunha sobre o desenvolvimento de um conceito geral.

Foi fundamental definir uma estratégia de intervenção para a pré-existência, de forma a poder estabelecer todos os conceitos gerais de acção deste trabalho. Desde da primeira aproximação ao edíficio, existiu uma vontade de valorização da ruína e da sua memória, sem nunca esquecer a necessidade de adaptá-la aos requisitios modernos de conforto.

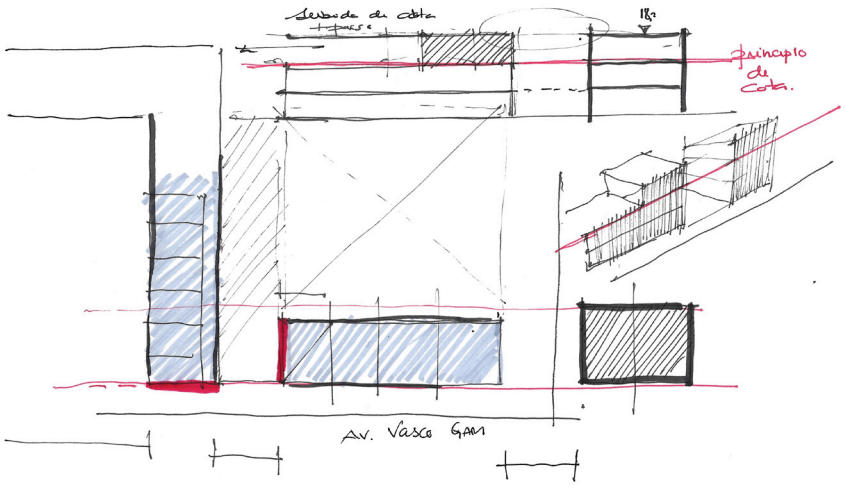
Uma das questões de maior debate relativamente à pré-existência foi se seria vantajoso conservar os príncipios originais de distribuição programática. Após o estudos da relação entre os vários espaços e com cada vez mais convívio com a ruína, ganhou força a vontade de manter os princípios estabelecidos. No caso do momento de entrada original, a sua localização existente é a que faz mais sentido, tendo em conta a sua relação com a pequena praça junto à praia, a monumentalidade desse espaço e o carácter de excepção formal da sua volumetria; nas zonas comuns, orientadas para poente e com maior relação com a praia e a paisagem, tornou-se evidente o benefício desta implantação. Com este tipo de premissas estabelecidades, avançou-se para uma fase de exploração da forma das novas volumetrias.



101



102



103

101 | Solução volumétrica periférica.

102 | Estudo de circulações e da sala de jantar.

103 | Estudo da relação de cotas e com a envolvente.

"A forma é sempre qualquer coisa em aberto, que pode transformar-se, mudar e, que, ao fim de um certo tempo, alcança os seus limites."[3]

Considerando a dimensão e configuração do terreno, o primeiro gesto de desenho, algo intuitivo, concretizou-se numa ocupação periférica do lote, criando uma volumetria que ocupasse o terreno de forma a criar um grande pátio interior, onde se localizariam as zonas de lazer exteriores (piscina, bar, ...). Após refletir sobre as proporções e escala desta solução formal, levantaram-se fragilidades no confronto com a pré-existência.

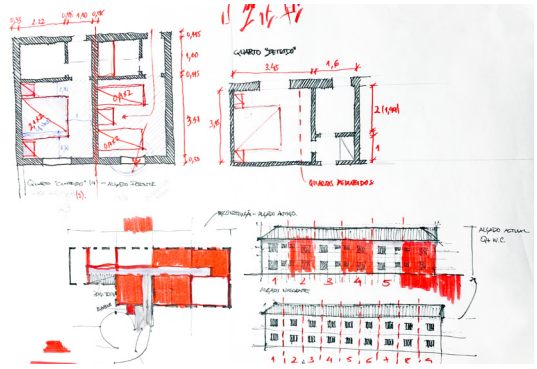
Houve também uma vontade de "reconstruir" o espaço da sala de jantar antiga - demolida anteriormente -, de forma a atribuir ao alçado orientado para a praia, o traçado original da força das duas volumetrias que o compõe.

Apesar das fragilidades da primeira solução, definiu-se o pátio como um dos temas do projecto, funcionando como elemento de diferenciação ocupacional e de hierarquização dos vários níveis de privacidade.

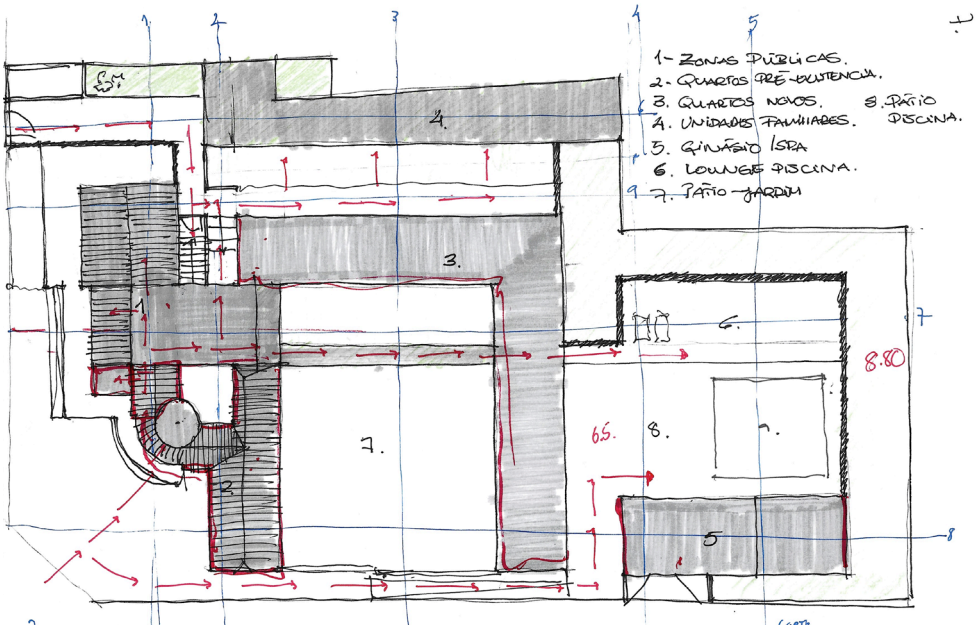
A fase seguinte caracterizou-se pela procura e definição de uma melhor solução volumétrica para a proposta. Deste modo, a maqueta tornou-se um instrumento de trabalho fundamental, permitindo um maior controlo da escala e proporção da proposta e do confronto entre a ruína e os novos volumes. Durante este período, houveram avanços, recuos e hesitações na procura dessa definição, mantendo sempre o princípio da escala definido. Assim, chegou-se a uma proposta equilibrada e proporcional, dentro dos parâmetros de acção estabelecidos. Esta solução permitiu definir dois pátios - um para os quartos e outro para a piscina e zonas de lazer -, permitindo criar zonas de ocupação diferenciadas.

No volume com maior relação com a Av. Vasco da Gama, percebeu- se que seria necessário criar um dialógo com o edíficio vizinho, de forma a criar continuidade no alçado da rua, sendo este um dos arruamentos principais de Miramar. Imediatamente, compreendeu-se a necessidade de alterar alguns dos príncipios formais estabelecidos anteriormente, nomeadamente a altura máxima das novas volumetrias.

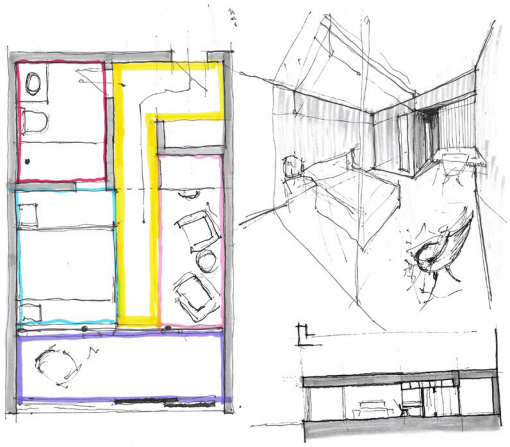
3 MACHABERT, D. & BEAUDOUIN, L. (2009) Álvaro Siza, uma questão de medida. - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudoin., pág. 210



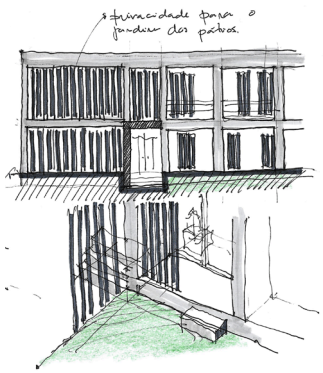
104



105



106



107

104 | Estudo dos quartos do volume existente dos quartos.

105 | Desenho de estabilização da proposta volumétrica.

106 | Desenho do módulo do quarto.

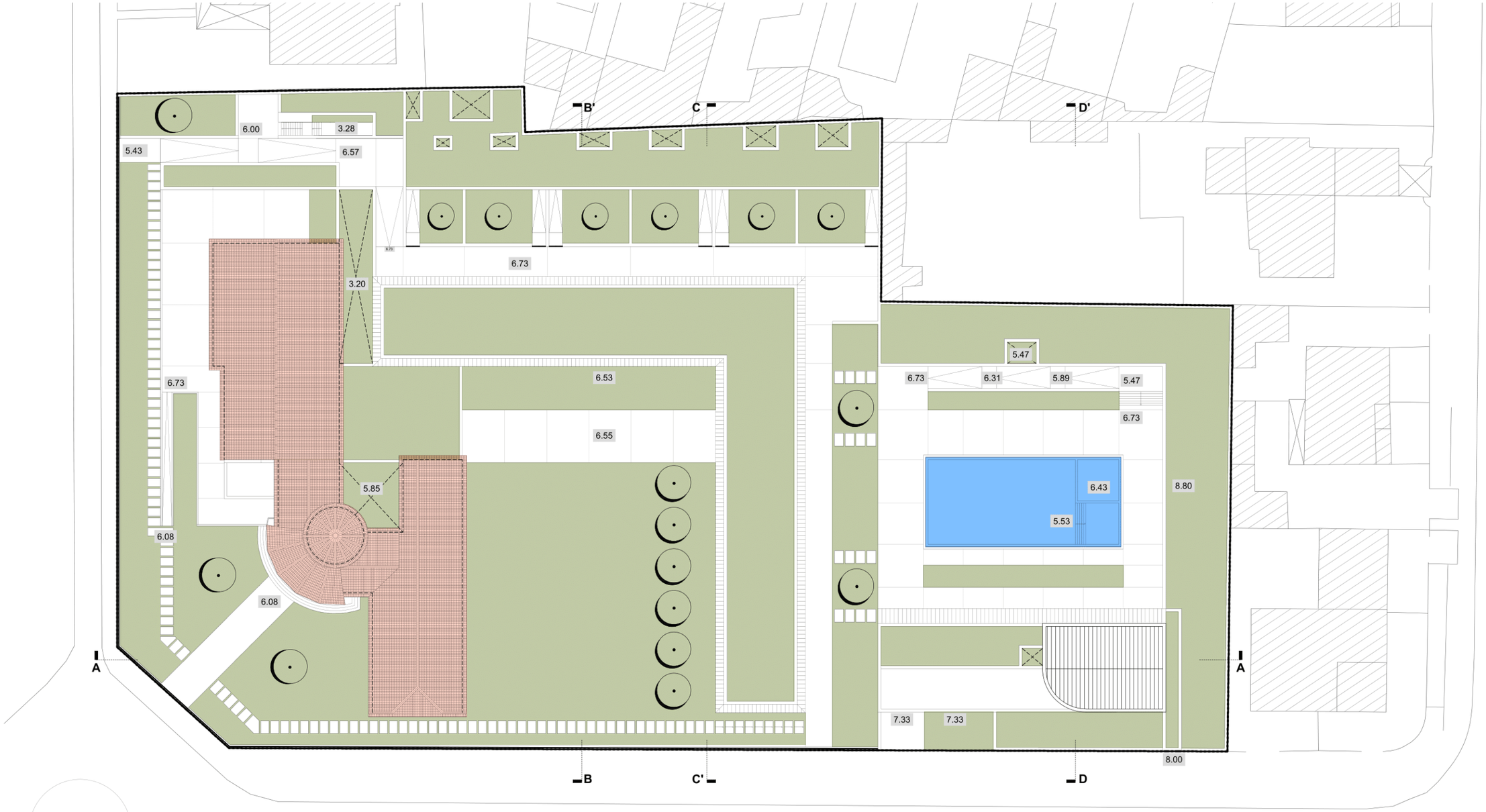
107 | Estudo dos elementos de regularização de privacidade no módulo do quarto.

Com a definição da volumetria dos quartos estabilizada, voltou-se o foco, em especial, para o problema que se observava no remate do espaço criado entre o novo volume e o casario da Rua Prof. Egas Moniz. Procurando atribuir alguma regularização e ordem a este espaço, optou-se pela introdução de uma nova volumetria, permitindo a introdução de um tema ocupacional diferenciado, dinamizando a abrangência do programa. Num primeiro momento, pretendeu-se introduzir salas de tratamento e um ginásio, equipamentos necessários num hotel destas proporções. No entanto, após alguma reflexão, percebeu-se que esta não seria a melhor opção a inserir neste local. Consequentemente, decidiu-se introduzir uma nova tipologia de quartos, que procurasse estabelecer uma vivência diferenciada em relação às restantes tipologias. Devido à implantação e ao carácter diferenciado desta tipologia, decidiu-se estabelecer alguma autonomia entre esta volumetria e o restantes volumes. Consequentemente, surgiram questões ao nível das circulações e da privacidade a introduzir.

No começo do presente exercício prático, ficou estabelecido a vontade de manter o carácter e distribuição ocupacional da pré-existência. No entanto, foi necessário proceder a um estudo da habitabilidade dos quartos existentes, confrontando a sua dimensão com os requisitos modernos de conforto. Num certo momento, idealizou-se a alteração da compartimentalização interior do módulo do quarto, de forma a libertar e abrir o espaço. Ainda assim, procurou-se sempre manter as dimensões e carácter do corredor de distribuição dos quartos.

Até esta fase do trabalho, a implantação dos novos volumes criava um certo afastamente em relação à pré-existência, não existindo um momento de ‘toque’ directo entre o novo e a ruína, sendo que o espaço de transição era exterior. Com o desenvolvimento da proposta, foi pertinente estudar uma solução que concretizasse a transição entre o novo e o antigo. Na procura desta solução, um momento chave na estabilidade da proposta, houve alguma hesitação na concretização deste espaço e na definição das suas proporções e escala.

Após a definição das volumetrias, a última fase de desenvolvimento da proposta procurou encontrar um maior caracterização do desenho dos espaços interiores e das transições. A aproximação de escala implicou pequenas alterações no desenho de alguns espaços.



108 | Planta de Implantação. 1/500.

4.2. | A Proposta Final

"O arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formars, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância e havendo na acção do arquitecto possibilidade de escolher, possibilidade de selecção, há fatalmente drama".[1]

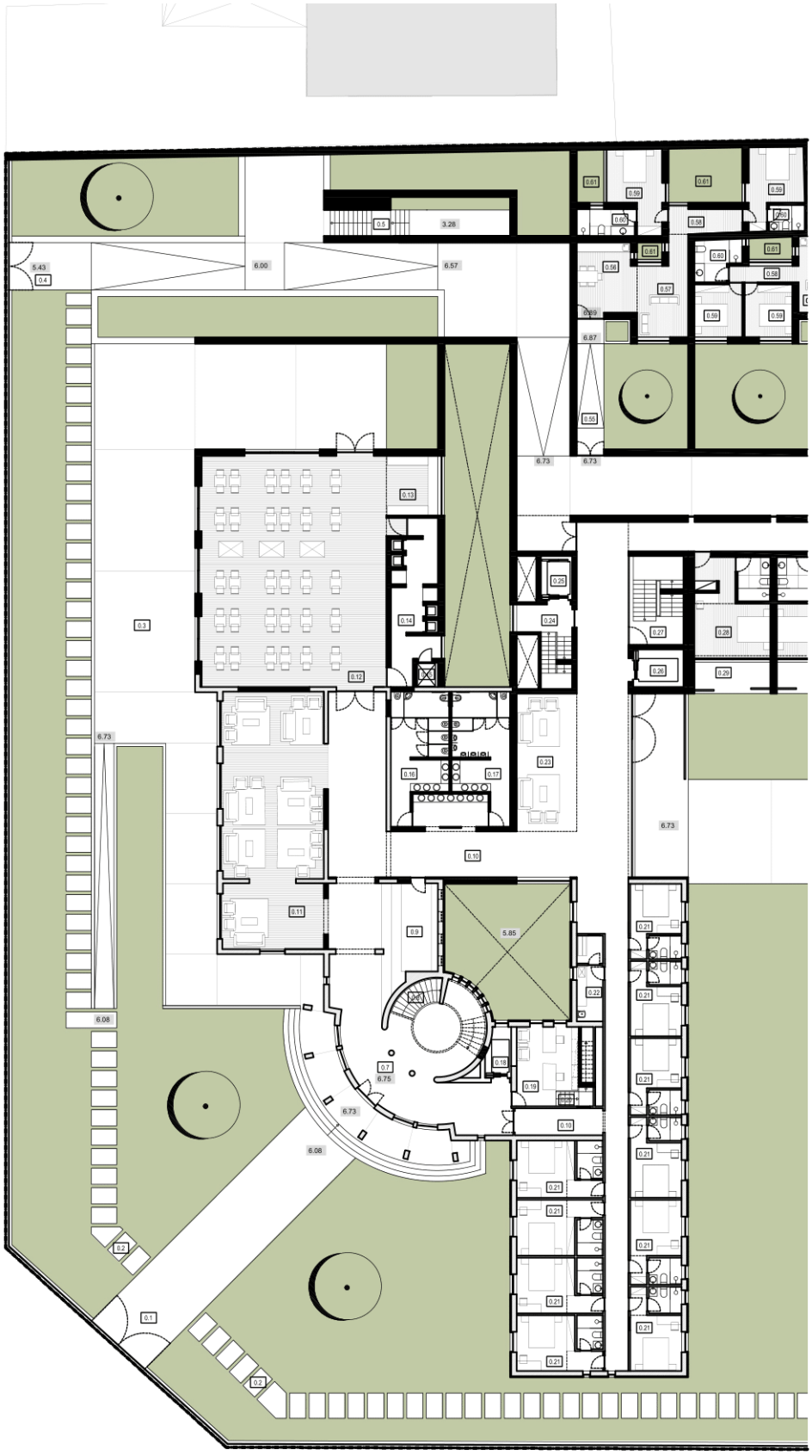
A proposta final agora apresentada resulta da convergência de todos os princípios enunciados ao longo da presente dissertação, numa procura de adaptação da pré-existência ao momento presente, e da sua articulação com um novo episódio volumétrico, que respeitasse os preceitos referidos anteriormente.

No desenvolvimento deste projecto, o estudo e compreensão da ruína e da sua envolvente urbana foi crucial para a produção de um desenho estável e que valorizasse este importante equipamento de Miramar. Assim, procurou-se enaltecer os elementos mais significativos do seu traçado original, ignorando todas as construções e transformações realizadas posteriormente, sem qualquer valor para esta nova fase de vivência do hotel.

Como foi referido anteriormente, o objetivo final deste trabalho era a consolidação de um conceito geral para a ruína e para o terreno, em harmonia com a sua envolvente mais próxima. Deste modo, dá-se por concluído este projeto no contexto do trabalho da presente dissertação. Apesar de se tratar de um exercício de âmbito académico, houve uma preocupação em aproximar ao máximo o projecto da realidade.

Como ponto de partida para a concretização da proposta, foi clara a intenção de utilizar a escala e proporções da pré-existência no desenho das novas volumetrias. Esta opção permitiu criar equilíbrio e harmonia no confronto entre a força dos novos volumes e o edifício original. Outra intenção muito forte, presente no desenvolvimento do desenho, foi a vontade de manter a leitura da morfologia do edíficio original, que atribui um carácter singular ao espaço onde se insere.

1 TÁVORA, F. (1962) *Da Organização do Espaço.* Porto: Edições do Curso de Arquitectura da E.S.A.P., pág. 85



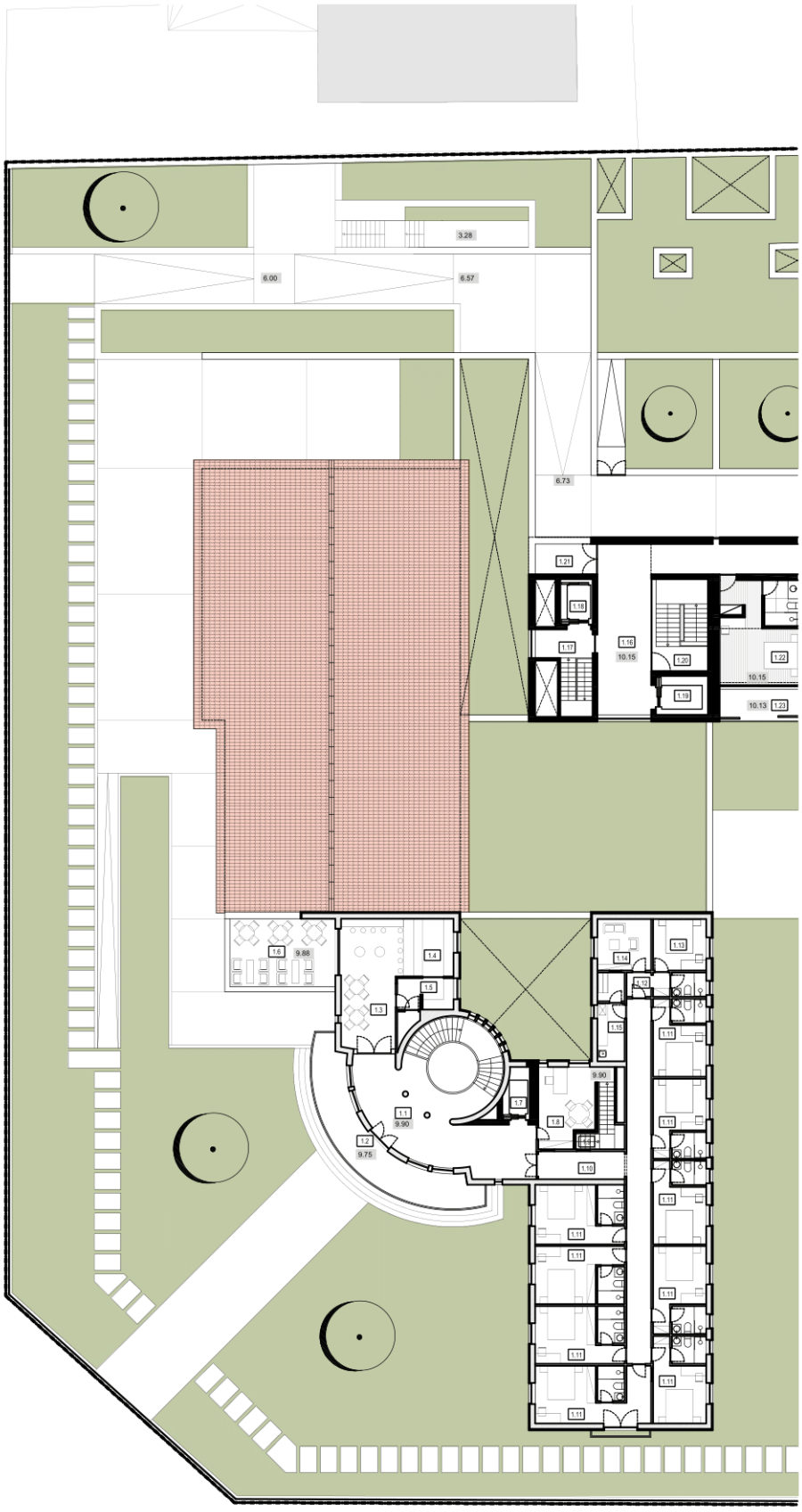
109 | Planta parcial do Piso 0 dos volumes existentes. Esc. 1/400

A estruturação da proposta resultou na configuração de três grandes momentos, caracterizados pelo seu aspecto funcional. Num primeiro momento, com maior relação com a praia, localiza-se a entrada principal do hotel e as principais áreas comuns, com maior liberdade de utilização; um segundo momento, a zona dos quartos, que se configura num grande pátio e procura tirar proveito da orientação da sua implantação; e, por último, um momento onde foram introduzidos programas ligados ao lazer, com maior afastamento da praia.

Na concretização da proposta, foi pertinente manter o momento de entrada principal do edifício, pelas razões referidas anteriormente. De forma a respeitar as acessibilidades necessárias para pessoas com mobilidade reduzida, foi idealizado um acesso secundário, que permite alcançar a plataforma de implantação do piso térreo, ligeiramente elevada em relação à cota do terreno.

No entanto, numa óptica de transformação da escala de todo o complexo, tornou-se pertinente proceder à alteração da localização do espaço de recepção. Originalmente, este encontrava-se na continuação da entrada principal, no volume central de articulação, sob as escadas de acesso ao piso superior. Devido à proporção e configuração deste espaço, relocalizou-se a recepção na àrea das antigas casas de banho públicas. Esta opção permitiu uma adaptação da escala deste espaço ao novo volume de ocupação do hotel. Devido ao desalinhamento visual entre o momento da entrada principal e a recepção, criado por esta alteração, o desenho do balcão foi um elemento crucial para construir uma indicação intuitiva da localização deste espaço. A libertação do espaço de recepção no volume central e das suas dependências, permitiu introduzir um elevador, que possibilita o contacto com o piso superior.

Contíguo ao espaço de recepção, manteve-se o carácter ocupacional dos espaços existentes. A antiga sala de convívio e o bar do piso térreo foram transformados numa grande sala de estar, que procura tirar proveito das excelentes condições da sua orientação solar e da relação que têm com a praia. Numa ordem de valorização da ruína, manteve-se a estrutura das paredes de pedra existentes, procedendo a pequenas alterações, de forma a regularizar o espaço.



110 | Planta parcial do Piso 1 dos volumes existentes. Esc. 1/400

Ainda neste volume, efectuou-se a reconstrução da volumetria da sala de jantar. Este gesto volumétrico surgiu da vontade de criar equilibrio e proporcionalidade na alçado poente, com maior relação com a praia, que se encontrava descaracterizado desde da demolição deste espaço. Tal como no projecto original, manteve-se o pátio exterior de circulação, que funciona como elemento de ligação dos vários espaços, procendendo à reconfiguração dos seus limites. Assim, foi possível criar uma nova zona de estar exterior, que funciona como uma extenção da sala de jantar, protegida dos ventos fortes da região e aberta para a paisagem. Devido à sua localização, este espaço foi idealizado para o usufruto de qualquer visitante de Miramar, configurando os seus acessos de acordo com este critério.

No volume dos quartos existentes, após um confronto das dimensões que configuram os módulos com os requisitos modernos de conforto, optou-se por manter a compartimentalização existente, numa perspectiva de valorização da memória do edíficio. No entanto, foi necessário realizar alterações pontuais na configuração de alguns dos módulos.

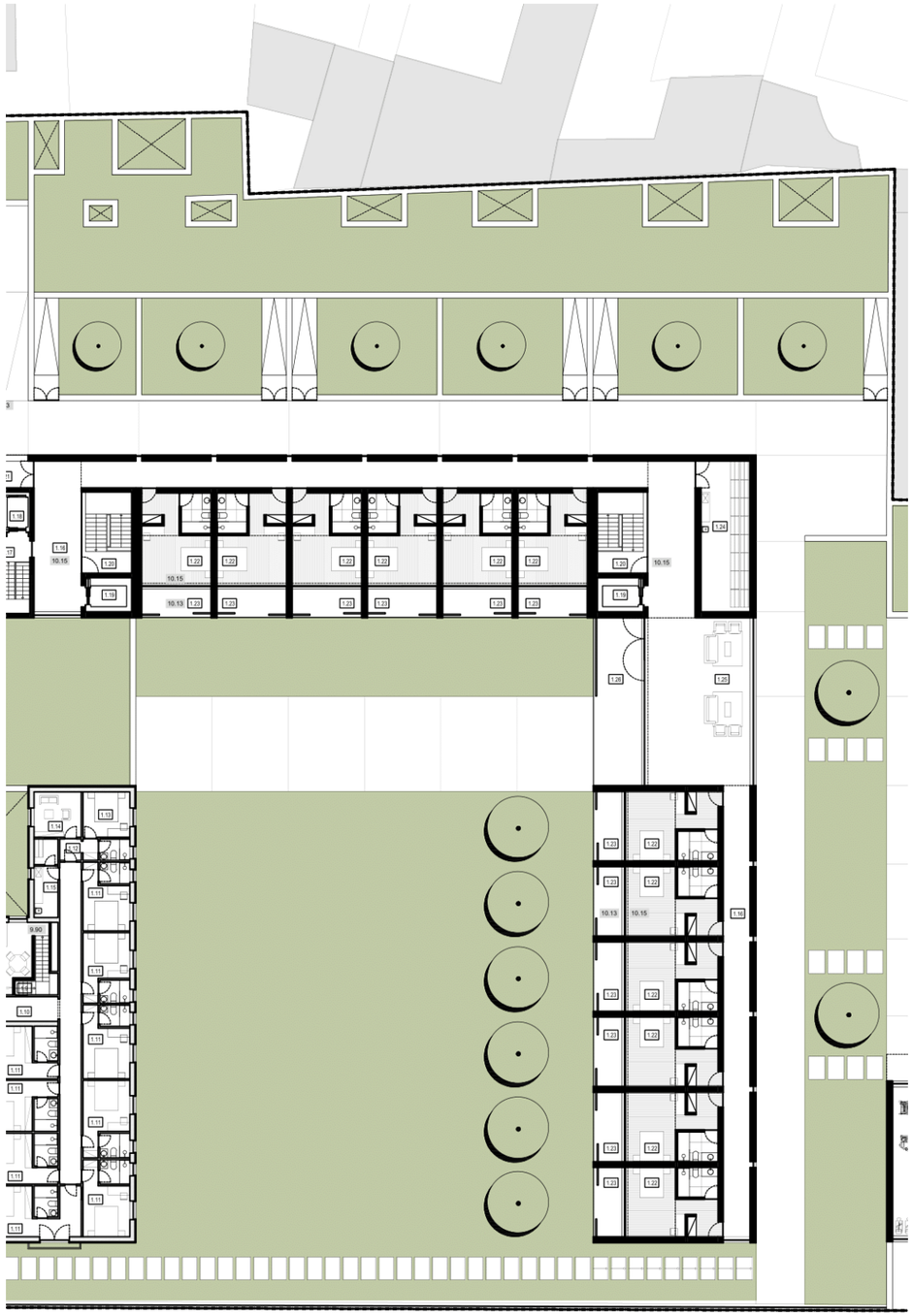
No 1º piso deste volume, a excepção volumétrica localizada sobre o corpo das zonas públicas, continha inicialmente uma suíte dupla com um amplo espaço exterior. A nova configuração do hotel resultou numa alteração do carácter funcional deste espaço, sendo idealizado um pequeno bar, diferenciado pelo seu diálogo com a paisagem.

Numa fase inicial do projecto, decidiu-se demolir o volume das zonas de serviço originais do hotel, sem qualquer valor simbólico, que se encontrava profundamente descaracterizado. Numa primeira fase, idealizou-se a configuração de um espaço exterior de transição entre a ruína e as novas volumetrias. No entanto, com o avançar da proposta, tornou-se evidente a sua concretização como momento de transição entre o novo e o antigo. Assim, introduziu-se um tema presente nas circulações de todo o complexo, procurando criar espaços de distribuição, que funcionariam como momentos de pausa e estar na transição entre as diferentes volumetrias. Devido ao carácter específico destes espaços, a questão dos alinhamentos e indicações visuais foram muito relevantes na sua definição.

UM HOTEL NA “PRAIA DAS ROSAS”
REABILITAÇÃO DO HOTEL DO SOL (MIRASSOL)



111 | Planta parcial do Piso 0 dos novos volumes. Esc. 1/400



112 | Planta parcial do Piso 1 dos novos volumes. Esc. 1/400

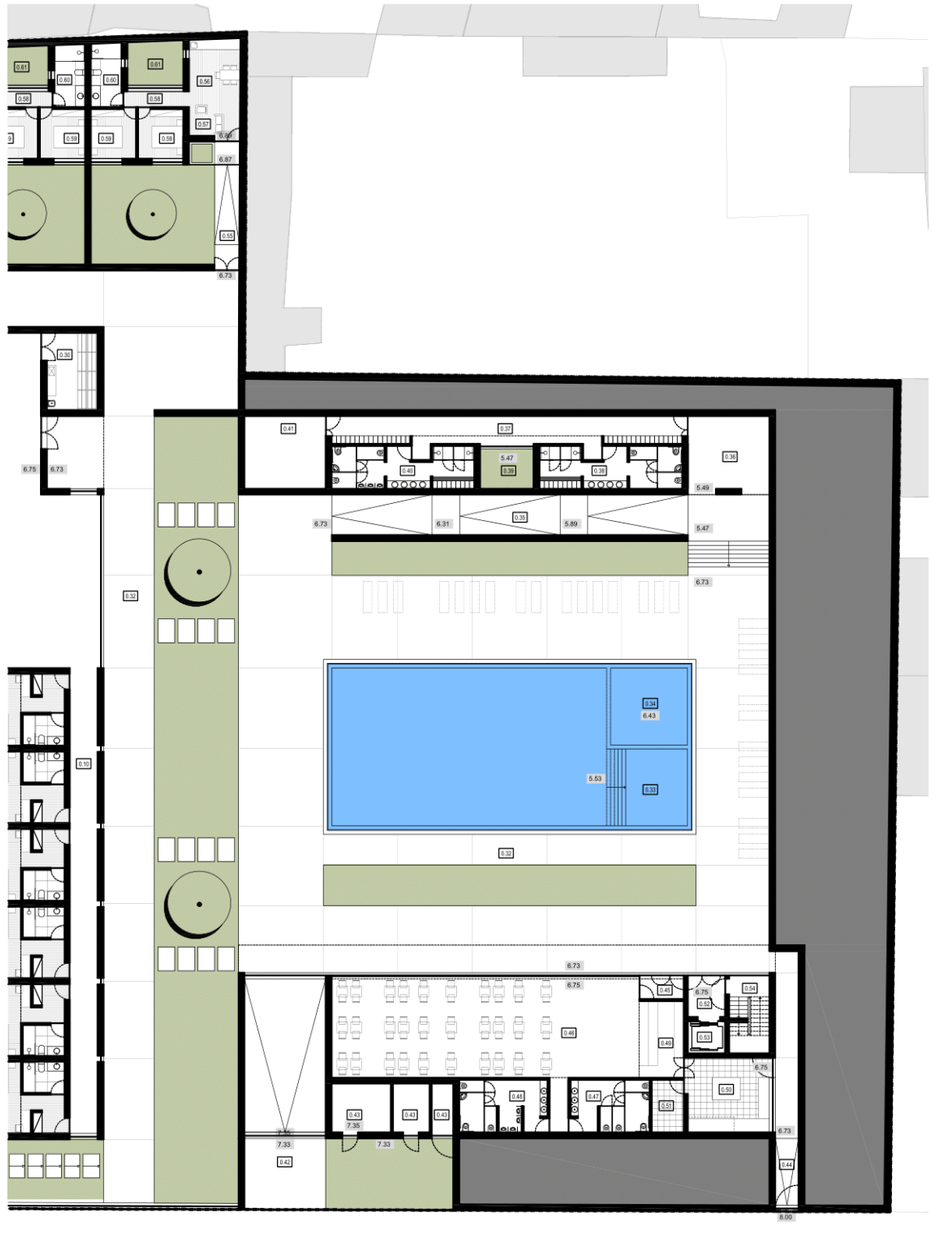
O novo volume dos quartos reflete a escala e proporções já presentes no volume existente da mesma tipologia, numa procura de estruturação e estabilidade da pátio exterior definido pelo encontro destes corpos. As dimensões existentes permitiram a introdução de 6 quartos, por piso, em cada braço deste volume. A lógica de distribuição resulta dos princípios enunciados anteriormente, alternando a intimidade dos corredores de entrada para os quartos, com a abertura dos grandes espaços de transição. Este volume procura abrir-se para o pátio que o define, sendo que os seus alçados tardoz possuem rasgos de luz minimalistas, produzindo um contraste entre a austeridade dos corredores de distribuição e os quartos.

Na definição da tipologia dos quartos desta nova volumetria, procurou-se criar uma organização simples e fluída. Deste modo, o quarto define-se a partir de um espaço de entrada, que estrutura diferentes zonas de vivência. No desenho do módulo, a importância do espaço exterior esteve sempre presente, refletindo-se nas dimensões que lhe foram atribuídas. Outra preocupação foi a regularização da privacidade, introduzindo em todos os quartos, portadas de correr de madeira, que permite ao próprio utilizador regular este princípio. Este tema foi introduzido noutras zonas da proposta. No piso térreo dos quartos, permite-se o acesso ao pátio exterior, no entanto, introduziu-se algum afastamente, baseado no jogo de cotas da implatação do piso com a cota do terreno.

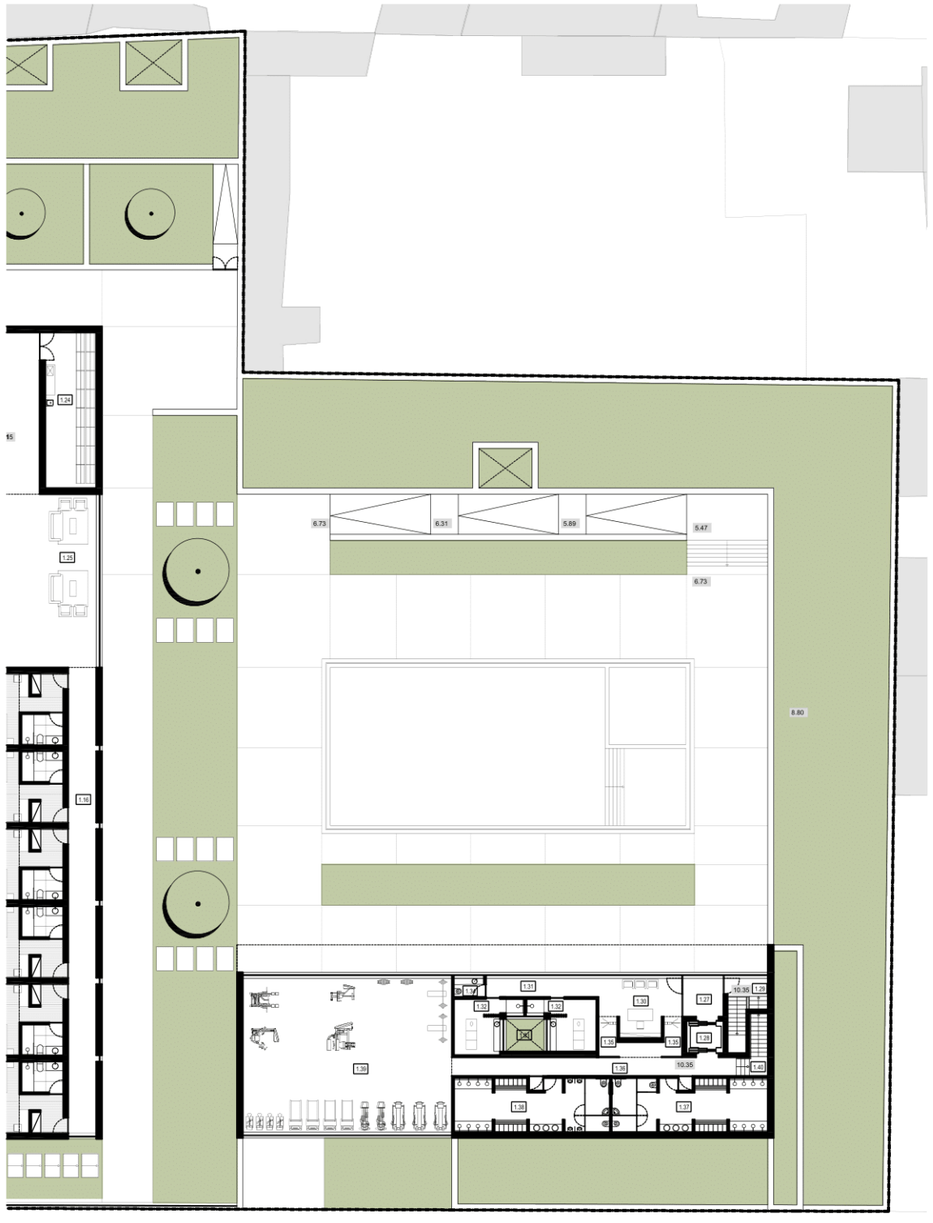
Devido ao carácter mais intimista do volume de remate do casario da Rua Prof. Egas Moniz, introduziu-se uma nova tipologia habitacional - os apartamentos -, que procurou refletir esses mesmo princípios. Ao contrário dos acessos aos restantes quartos, neste volume procurou-se criar uma aproximação mais controloda, apesar da permeabilidade entre este espaço e o hotel. Por outro lado, a configuração da tipologia permitiu um certo nível de autonimização em relação aos serviços do hotel, o que levou à introdução de um acesso secundário, a partir da Esplanada de Miramar, que servisse este corpo, mas não exclusivamente. A configuração dos pátios deste volume, que caracterizam cada momento deste projecto, assumem uma proporção mais próxima da escala familiar.

O último momento da proposta, com maior afastamento da praia, concretiza-se num pátio definido pelo volume com maior relação com a Av. Vasco da Gama e o muro de suporte, do jardim elevado. Seguindo a ordem de estruturação ocupacional definida na estabilização da proposta, esta zona contém equipamentos como a piscina, o bar da piscina, o ginásio e salas de tratamento.

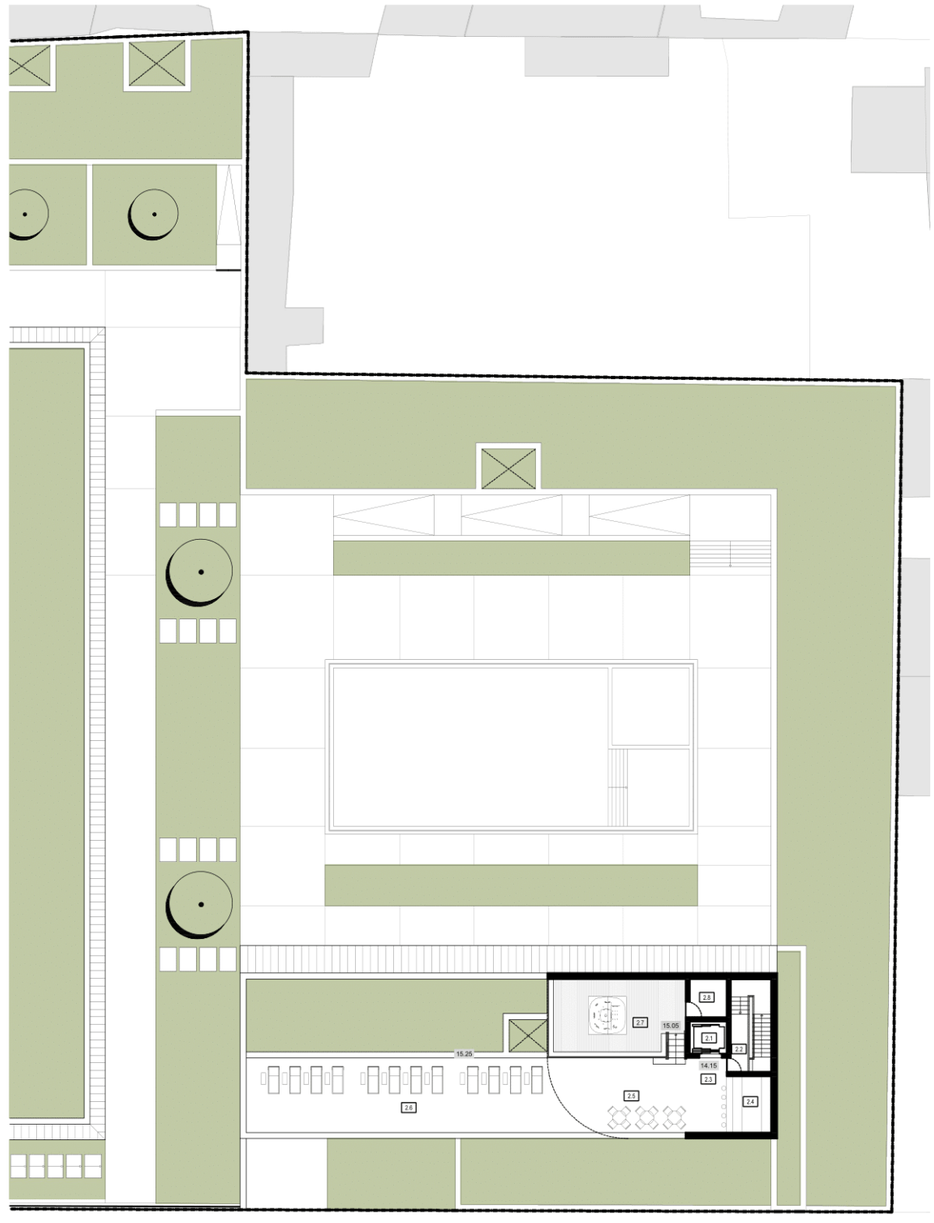
UM HOTEL NA “PRAIA DAS ROSAS”
REABILITAÇÃO DO HOTEL DO SOL (MIRASSOL)



113 | Planta parcial do Piso 0 do volume do lazer. Esc. 1/400



114 | Planta parcial do Piso 1 do volume do lazer. Esc. 1/400



115 | Planta parcial do Piso 2 do volume do lazer. Esc. 1/400

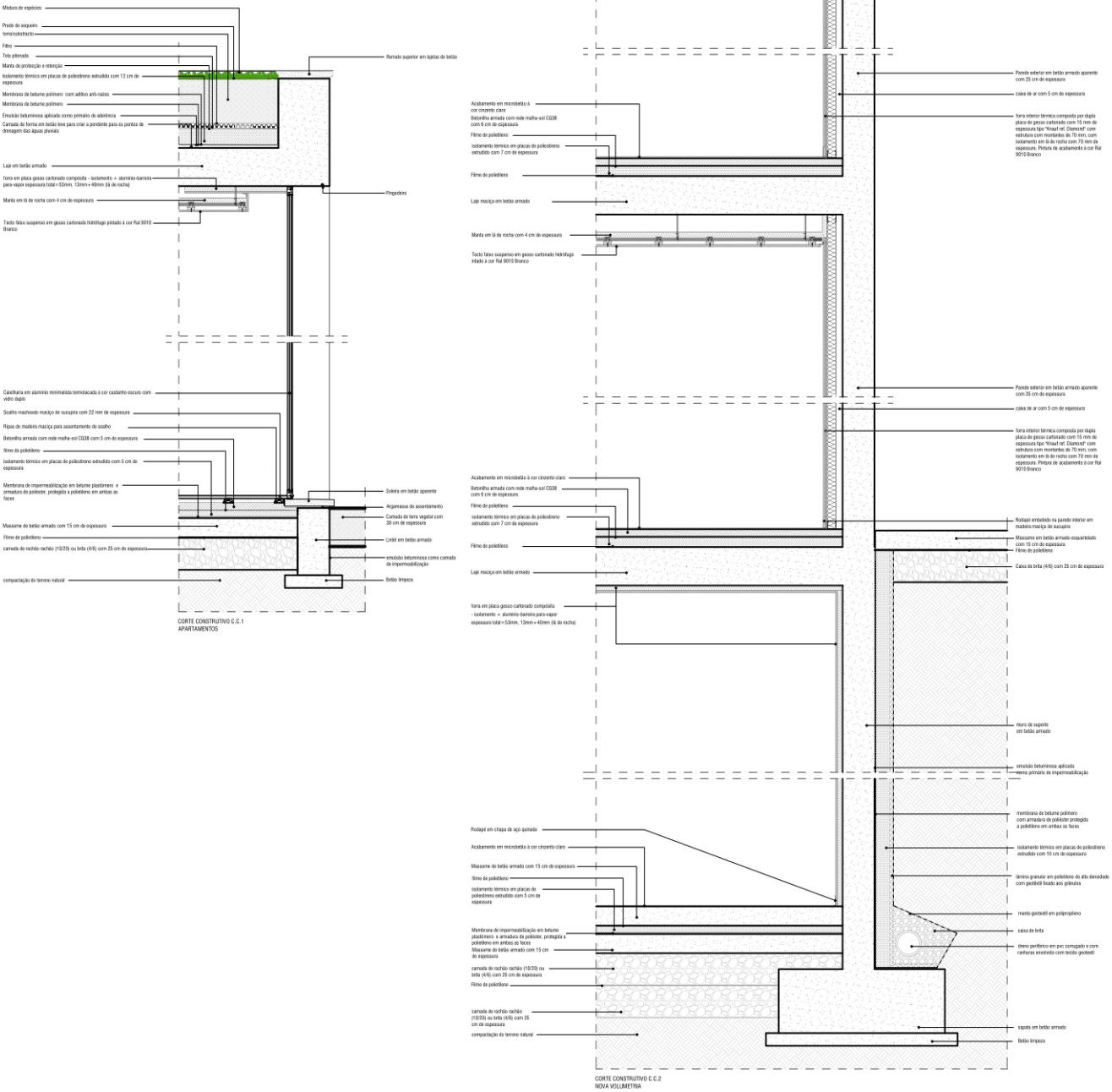
Devido ao carácter deste espaço, foi necessário estrutura-lo de forma tornar a sua ocupação o mais confortável possível, mantendo a mesma cota de implantação do restante complexo. Como foi referido anteriormente, neste volume existe uma quebra do princípio de escala estabelecido, de forma a criar continuidade de alçado com o edíficio vizinho. No último piso desta volumetria, foi idealizado um espaço de estar, com um carácter singular, que permite uma apreensão da paisagem única.

Seguindo um princípio de estruturação de diferentes zonas ocupacionais, o piso da cave contém todas as áreas técnicas e de apoio ao funcionamento logístico do hotel, e, o estacionamento, com acesso directo no volume dos equipamentos da piscina.

No limite norte do lote onde se insere o hotel, existia um posto de transformação antigo. Este tinha um carácter arquitectónico, bem como técnico, desajustado às realidades actuais. Deste modo, optou-se pela sua demolição e pela construção de um novo equipamento, que ficará integrado no novo volume junto à piscina, dando cumprimento a todas os regulamentos e legislações aplicáveis, nomeadamente, no acesso directo pelo exterior pelo domínio público.

Relativamente às soluções constructivas adoptadas no presente exercício prático, optou-se por três sistemas construtivos diferenciados.

Na pré-existência, nas fachadas do corpo central de articulação, optou-se por manter a presente linguagem arquitectónica, caracterizada pela pedra à vista. No entanto, de forma a garantir um nível de conforto, definiu-se a aplicação de sistema constructivo de correcção térmica pelo interior, tendo como base a utilização de uma caixa de ar, com a aplicação de uma forra, caracterizada por aplicação de dupla placa de gesso cartonado, aplicada sobre estrutura em perfis de aço galvanizado do respectivo sistema, sendo aplicado isolamento térmico, entre montantes verticais, conforme se define nos pormenores constructivos. No volume existente dos quartos e na ampliação da zonas comuns do hotel, optou-se por uma correcção térmica pelo exterior, com a aplicação de um sistema constructivo denominado de "ETICS" ou "ITE", sendo este caracterizado pela aplicação pelo exterior, sobre as alvenarias existentes, de um sistema composto por isolamento térmico pelo exterior, com acabamento final em reboco acrilico, à palustra, conforme demonstrado de forma exaustiva nos respectivos pormenores constructivos. Por outro lado, definiu-se que se iria manter o sistema constructivo existente, quer ao nível das lajes intermédias, quer ao nível da cobertura, sendo estes, actualmente, em estrutura de madeira. No entanto, optou-se pela melhoramento, quer acústico, quer térmico, com a implementação de materiais de isolamento.



116 | Cortes construtivos das novas volumetrias. Esc. 1/50

Nas novas volumetrias propostas optou-se pela quebra da ordem constructiva até agora enunciada, com a utilização de betão aparente, à cor branco, sendo que, as correcções térmicas e acústicas serão realizadas ao nível interior, pela aplicação do mesmo sistema interior presente no corpo central de articulação da pré-existência. Ao nível das lajes de separação de pisos, optou-se pela utilização de lajes maçicas de betão, sendo aplicado isolamento térmico e acústico, de forma a oferecer um nível de conforto expectável para um equipamento desta natureza.

A aplicação dos acabamentos finais dos pavimentos permitem uma diferenciação conforme o carácter ocupacional. Nas zonas de caractér mais privado optou-se pela utilização de soalho de madeira de sucupira, procurando atribuir uma caractér mais intimista. Por outro lado, nas zonas de não permanência e procurando a diferenciação de materiais, optou-se por um material mais austéro, com a utilização de microbetão, na cor cinzento. Este material evidenciasse pela sua aplicação contínua, sem juntas de construção, criando uma superficie mais homogénea e de carácter minimalista.

Nas coberturas das volumetrias existentes, manteve-se o mesmo sistema constructivo de coberturas inclinadas, em telha cerâmica. Nas novas volumetrias, de forma a evidenciar um carácter diferenciador, optou-se pela implementação de coberturas ajardinadas, conferindo ao novos corpos uma linguagem arquitectónica singular e “verde” e, ao mesmo tempo, atribuindo um indíce de conforto, quer térmico, quer acústico, caracterizador deste tipo de sistema constructivo, sendo este colmatado com a aplicação periférica de zonas com um sistema de cobertura em zinco, em junta agrafada.

Ao nível da cave existente, concluisse que a área era insuficiente para dar cumprimento necessário ao programa necessário a aplicar num equipamento desta dimensão. No entanto, o pé-direito existente não cumpria a necessária altura regulamentar, desta forma, no presente projecto, optou-se pelo refundamento das fundações existentes e pela necessária expansão em termos de área, de forma a implementar todos os compartimentos técnicos necessários, bem como, o estacionamento indispensável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"To me, the presence of certain buildings has something secret about it. They simply seem to be there. We do not pay any special attention to them. And yet it is virtually impossible to imagine the place where they stand without them. These buildings appear to be anchored firmly in the ground. They make the impression of being a self-evident part of their surroundings and they seem to be saying: 'I am as you see me and I belong here'

I have a passionate desire to design such buildings, buildings that, in time, grow naturally into being a part of the form and history of their place"[1]

Devido à natureza deste trabalho, é impossível determinar este momento como a conclusão do desenvolvimento da proposta. Como foi enunciado no início do presente exercício prático, o propósito final seria a consolidação de uma proposta de intervenção que respeitasse os princípios formais expostos ao longo deste trabalho, existindo uma maior preocupação com a estabilização deste conceito, anunciando, sempre que possível, algumas noções constructivas. Deste modo, o projecto ao qual se chegou, tornou-se uma síntese dos preceitos estabelecidos no estudo do edíficio e do lugar, tal como tinha sido estabelecido inicialmente.

Espero ter conseguido expor a importância deste edíficio para a construção da narrativa de lazer presente em Miramar, tornando-se indissociável da vivência deste espaço. Deste modo, dou por concluído o trabalho da presente dissertação, com sentimento de objectivo cumprido.

1 ZUMTHOR, P. (2006) *Thinking Architecture.* Basel: Birkhauser. pág.17-19

Referências Bibliográficas

PROCESSOS DE ARQUIVO

Processo de alienação e cedência a qualquer titulo de Candida Rodrigues Guerra, António Maria de Abreu e Bacelar. (1917) - 15945

Obra municipal de urbanização da Praia de Miramar. (1909-1942) - 18063

Obra municipal de planta topográfica da Rotunda de Miramar, junto da Avenida Vasco da Gama e acima do apeadeiro. (1934) - 18065

Obra municipal de projecto de terraplanagem, pavimentação e muro de suporte para a construção de um esplanada na Praia de Miramar. (1946-1947) - 18127

Obra municipal de projecto de instalação de quatro fontanários e construção de um reservatório na Praia de Miramar. (1937-1946) - 18085.

Obra municipal de construção da Esplanada de Miramar. Processo de empreitada. (1947-1951) - 18129.

Processo de Obras particulares em nome de Alberto Ferreira Pinto Bastos. (1945) - 71666.

Processo de Alvará Sanitário em nome de Aníbal Francisco Saraiva Soares. (1970-1971) - 82623

Processo de Alvará Sanitário em nome do Hotel do Sol. (1949-1950) - 85026

Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado. (1969-1970) - 99796

Processo de Obras Particulares em nome de Francisco Joaquim Alves Carvalho Macedo. (1975-1984) - 104507

Processo de Obras Particulares em nome da Sociedade de Expansão e Turismo 'Praia das Rosas'. (1958) - 213811

Prospecto Turístico de Miramar. (1960) - 298655

LIVROS

ARROYO, A., et al. (1909). *Mea Villa de Gaya - Guia Ilustrado do Concelho de Gaya.* Porto: Guia Ilustrado de Portugal

AMENDOEIRA, A. (1994). *Vila de Arcozelo. História e Monografia.* Arcozelo: Edição do autor com o patrocínio da Junta de Freguesia e Câmara Municipal.

BEINHAUER, P. (2012) *Atlas de detalhes constructivos.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

CADAVEZ, C. (2017). *A Bem da Nação: as representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940.* Lisboa: Edições 70

COSTA, F. (2007). *S. Miguel de Arcozelo - Notas Monográficas.* Vila Nova de Gaia: Junta de Freguesia de Arcozelo.

DIONÍSIO, S. (1994) *Guia de Portugal - Entre o Douro e Minho. Douro Litoral - Vol. IV.* - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

FREITAS, V. (Coord.) (2012) Manual de Apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos. Porto: Greca, Artes Gráficas.

LEAL, A. (1990). *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estadístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, vilas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Cota d’Armas.

LOBO, S. (2006). *Pousadas de Portugal : reflexos da arquitectura portuguesa do século XX.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra

MARTINS, L. (2004). *Espaços de lazer e de turismo no noroeste de Portugal.* Porto: Edições Afrontamento.

MACHABERT, D. & BEAUDOIN, L. (2009) *Álvaro Siza - Uma questão de medida - Entrevistas com Dominique Machabert e Laurent Beaudoin.* Casal de Cambra: Caleidoscópio.

PEREIRA, P. (2014) *História da Arte Portuguesa - Volume III.* Lisboa: Círculo de Leitores.

TÁVORA, F. (1962) *Da Organização do Espaço.* Porto: Edições do Curso de Arquitectura da E.S.A.P.

ZUMTHOR, P. (2006) *Thinking Architecture*.Basel: Birkhauser.

DISSERTAÇÕES

FREITAS, J. (2010). *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve.* Tese de Doutoramento em História - Especialidade de História Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

SILVA, A. (2001). *A Praia de Miramar e o Litoral de Gaia. Contributo para o conhecimento da sua evolução urbanística.* Tese de Mestrado em Geografia "Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território". Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto

LOBO, S. (2012). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª república à democracia.* Tese de Doutoramento em Arquitectura - Especialidade de Teoria e História. Departamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

ARTIGOS, CONFERÊNCIAS E SUPORTE DIGITAL

DIAS, J. (2005). *Evolução da Zona Costeira Portuguesa: Forçamentos Antrópicos e Naturais.* Revista Encontros Científicos - Turismo, Gestão, Fiscalidade.

ROCHA, M. (1997). *Fundação da Capela do Senhor da Pedra em Gulpilhares: um espaço centralizado junto ao mar.* Revista Poligrafia: nº6

CUNHA, L. (2010). *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios.* Fluxos e Riscos: nº1

S.A. (1917) *Hoteis*. Revista de Turismo: nº30

LISBOA, J. (1919) *O Turismo em Portugal - A Magna Questão Hoteleira.* Revista de Turismo: nº66

MILHEIRO, E., SANTOS, J. (2005). *O turismo em Portugal: que passado? Que futuro?.* Aprender: nº30

GONÇALVES, C. (2005). *Portugal, Territórios e Turismo.* X Colóquio Ibérico da Geografia. Évora.

FREITAS, J. (2007) *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado.* Revista da Gestão Costeira Integrada: nº7

MATOS, A.; BERNARDO, M.; SANTOS, M. (2011) *A Sociedade Propaganda de Portugal e o Congresso de Turismo de 1911.* ROLLO, M (Eds.) Congresso Internacional I República e Republicanismo - Atas. Lisboa, Assembleia da República - Coleção Parlamento.

MARQUES, J. (2015) *Reconstituição biográfica dos arquitectos representados na exposição de 1953: Exposição de Homenagem ao mestre Marques da Silva e alguns dos seus discípulos.* Fundação Marques da Silva.

Habitar Portugal - *Reconversão do Convento das Bernarda.*
http://www.habitarportugal.org/pt/projecto/reconversao-do-convento-das-bernardas/

Archdaily - *Convento das Bernardas/ Eduardo Souto Moura.*
https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura

Archdaily - *Reabilitação e Hotel Six Senses Vale do Douro / Luís Rebelo de Andrade.*
https://www.archdaily.com.br/br/940777/reabilitacao-e-hotel-six-senses-vale-do-douro-luis-rebelo-de-andrade

Lista de Imagens

001 | Mapa de Vila Nova de Gaia.
Elaborado pelo autor

002 | Centro de Arcozelo, com a Antiga Igreja Paroquial de Arcozelo, a Igreja Matriz de Arcozelo e a Capela de Santa Maria Adelaide.
Fotografia do autor

003 | Parque de Santa Maria Adelaide e início do Corredor Verde do Espírito Santo.
Fotografia do autor

004 | Mapa da freguesia de Arcozelo.

Elaborado pelo autor

005 | Capela do Espírito Santo.
Fotografia do autor.

006 | Capela de Santa Maria Adelaide.
Fotografia do autor.

007 | Capela da Aguda.
Fotografia do autor.

008 | Alameda do Senhor da Pedra.
Fotografia do autor.

009 | Antiga EN109.
Fotografia do autor.

010 | Mapa dos limites geográficos de Miramar.
Elaborado pelo autor.

011 | Praia de Miramar e a Capela do Senhor da Pedra.
Fotografia do autor.

012 | Ribeiro do Espírito Santo, junto à linha férrea.
Fotografia do autor.

013 | Ribeiro do Espírito Santo, junto à praia de Miramar.
Fotografia do autor.

014 | Planta de Miramar.
Modificado pelo autor a partir de base de CAD.

015 | Planta de Urbanização da Praia de Miramar

Obra Municipal de Urbanização da Praia de Miramar - 18063, pág.3

016 | Rua Luís de Camões.
Fotografia do autor.

017 | Avenida Vasco da Gama, a nascente da linha férrea.
Fotografia do autor.

018 | Avenida Vasco da Gama, a poente da linha férrea.
Fotografia do autor.

019 | Rua Abreu Bacelar.
Fotografia do autor.

020 | Planta de Miramar, durante a década de 1930.
Obra Municipal de Urbanização da Praia de Miramar - 18063, pág. 10

021 | Esplanada de Miramar.
Fotografia do autor.

022 | Planta de Urbanização da Quinta do Senhor da Pedra.
Processo de Obras particulares em nome de Alberto Ferreira Pinto Bastos - Quinta do Senhor da Pedra, pág. 5

023 | Rua Prof. Egas Moniz.
Fotografia do autor.

024 | Avenida Fernão Magalhães.
Fotografia do autor.

025 | Vista aérea de Miramar e da sua envolvente próxima.
Google Earth.

026 | Folheto publicitário de Miramar, encomendado pela Junta de Turismo de Miramar, realizado por Jaime Isidoro, pintor portuense.
Prospecto Turistico de Miramar, pág. 1

027 | Praia de Miramar, nos anos sessenta.
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/53488/?q=praia+miramar

028 | Capela do Senhor da Pedra, a partir do Hotel do Sol.
Fotografia do autor.

029 | Alameda do Senhor da Pedra.
Fotografia do autor.

030 | Antiga EN109.
Fotografia do autor.

032 | Club de Golf de Miramar.
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/53484/?q=golfe+miramar

033 | Sport Clube Alberto de Sousa - Parque da Gândara.
https://parquedagandara.com

034 | Mapa de Equipamentos de Miramar.
Elaborado pelo autor.

035 | Apeadeiro de Miramar.
Fotografia do autor.

036 | Capela de Miramar.
Fotografia do autor.

037 | Casa-Oficina Oliveira Ferreira.
https://www.publico.pt/2019/11/06/local/noticia/casaoficina-jose-oliveira-ferreira-gaia-vai-requalificada-1890899#&gid=1&pid=1

038 | Principais centros de actividade túristica, no noroeste português.
MARTINS, L. (2004). *Espaços de lazer e de turismo no noroeste de Portugal., pág. 162*

039 | Cartaz publicitário da Sociedade de Propaganda de Portugal.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2018/07/sociedade-propaganda-de-portugal.html

040 | Cartaz publicitário da Sociedade de Propaganda de Portugal.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2018/07/sociedade-propaganda-de-portugal.html

041 | Sede da Sociedade de Propaganda de Portugal, em, Lisboa.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2018/07/sociedade-propaganda-de-portugal.html

042 | I Congresso Nacional de Turismo (1936), em Lisboa.
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/1936/N243/N243_master/N243.pdf

043 | António Ferro.

044 | Hotel Avenida Palace.

045 | Vidalgo Palace Hotel.

046 | Cartaz da exposição do Concurso do Hotel Modelo.
LOBO, S. (2012). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª república à democracia, pág. 433*

047 | Vagão da exposição itinerante do Concurso do Hotel Modelo.
LOBO, S. (2012). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª república à democracia, pág. 433*

048 | Pousada de Santa Luzia (1942), Arq. Miguel Jacobetty Rosa.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/01/primeiras-pousadas-de-portugal.html

049 | Pousada de Santo António (1942), Arq. Rogério de Azevedo.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/01/primeiras-pousadas-de-portugal.html

050 | Pousada de Santiago (1945), Arq. Miguel Jacobetty Rosa.
https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/01/primeiras-pousadas-de-portugal.html

050 | Perspectiva da Pousada de São Gonçalo (1942) Arq. Rogério de Azevedo.
PT DGPC: SIPA FOTO. 00065013, J.V.M, 1953.

051 | Pousada de São Gonçalo - Planta do 1º Andar (1942), Arq. Rogério de Azevedo.
Panorama. Revista portuguesa de Arte e Turismo. Edição mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, ano 2, n.º 11. 1942.

052 | Pousada de São Gonçalo - Planta do Rés-do-chão (1945), Arq. Rogério de Azevedo.
MOPC-DGEMN. Pousada de Turismo de Bela Vista – Marão, ao kilometro 85.400 da EN5 1ª”. Fotografia Alvão. Colecção particular de Ana Alves

053 | Pousada de São Gonçalo - Corte (1945), Arq. Rogério de Azevedo.
MOPC-DGEMN. Pousada de Turismo de Bela Vista – Marão, ao kilometro 85.400 da EN5 1ª”. Fotografia Alvão. Colecção particular de Ana Alves

054 | Perspectiva do Hotel do Sol, nos anos 40.
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

055 | Perspectiva do alçado sul e nascente, do volume dos quartos, nos anos 40.
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

054 | Perspectiva do Hotel do Sol, nos anos 40.
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

055 | Perspectiva do alçado sul e nascente, do volume dos quartos, nos anos 40.
Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner

056 | Planta do 1º Piso. Projecto Original.
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 15

057 | Planta do Piso Térreo. Projecto Original
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 17

058 | Alçado Poente. Projecto Original.
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 18

059 | Alçado Sul. Projecto Original.
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 17

060 | Interior da sala de estar, anos 50.

061 | Festa de Inauguração do Hotel - Sala de Jantar. 1 de Junho de 1957.
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/series/60993/?q=hotel+mirassol

062 | Planta do Piso Térreo. *Projecto do Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*
Processo de Obras Particulares - Sociedade de Expansão e Turismo Praia das Rosas, pág. 5

063 | Planta do 1º Piso. *Projecto do Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*
Processo de Obras Particulares - Sociedade de Expansão e Turismo Praia das Rosas, pág. 6

064 | Planta do 3º Piso c/ bar panorâmico. *Projecto Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*
Processo de Obras Particulares - Sociedade de Expansão e Turismo Praia das Rosas, pág. 8

065 | Alçado Poente. *Projecto Arq. António Júlio Teixeira Lopes.*
Processo de Obras Particulares - Sociedade de Expansão e Turismo Praia das Rosas, pág.

066 | Hotel do Sol, na década de 1970.
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/66112/?q=hotel+miramar

067 | Hotel do Sol, na década de 1970, com a Capela do Senhor da Pedra, ao fundo.
https://arquivo.cm-gaia.pt/units-of-description/documents/53487/?q=hotel+miramar

069 | Planta do Piso Térreo.
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 20

069 | Planta do 1º Piso. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis.*
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 21

070 | Alçados. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis.*
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 23

071 | Cortes. *Projecto do Arq. Jerónimo Ferreira Reis*
Processo de Obras Particulares em nome de Benigno Freitas Vasconcelos Delgado, pág. 22

072 | Planta do Piso Térreo. *Discoteca e Expansão.*
Processo de Obras particulares em nome de Francisco Macedo, pág. 61

073 | Planta do 3º Piso. *Discoteca e Expansão.*
Processo de Obras particulares em nome de Francisco Macedo, pág. 63

074 | Alçado sul. *Discoteca e Expansão.*
Processo de Obras particulares em nome de Francisco Macedo, pág. 67

075 | Artigo sobre o hotel no jornal ‘Comércio do Porto’.
Processo de Obras particulares em nome de Francisco Macedo, pág. 56

076 | Vista aérea de Hotel do Sol, anos oitenta.
Centro Portugues de Fotografia

077 | Perspectiva do Hotel do Sol, início dos anos 2000.

078 | Síntese da evolução constructiva do hotel.
Elaborado pelo autor.

079 | Alçado tardoz do volume dos quartos.
Fotografia do autor.

080 | Perspectiva das salas comuns do hotel.
Fotografia do autor.

081 | Escada do corpo central de articulação.
Fotografia do autor.

082 | Corredor de distribuição dos quartos, no piso térreo.
Fotografia do autor.

083 | Quarto.
Fotografia do autor.

084 | Corredor de distribuição dos quartos, no 1º piso.
Fotografia do autor.

085 | Encontro da estrutura original com os novos elementos em betão.
Fotografia do autor.

086 | Pilares de betão e laje no volume das zonas públicas.
Fotografia do autor.

087 | Pormenor da estrutura do telhado de duas águas.
Fotografia do autor.

088 | Desenho de levantamento do piso térreo.
Elaborado pelo autor.

089 | Desenho de levantamento do 1º piso.
Elaborado pelo autor.

090 | Corte AA’
Elaborado pelo autor.

091 | Corte BB’
Elaborado pelo autor.

092 | Corte CC’
Elaborado pelo autor.

093 | Corte DD’
Elaborado pelo autor.

094 | Corte EE’
Elaborado pelo autor.

095 | Desenho de levantamento do alçado nascente.
Elaborado pelo autor.

096 | Desenho de levantamento do alçado Sul.
Elaborado pelo autor.

097 | Perspectiva do Convento das Bernardas.
https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura

098 | Planta do Piso Térreo do Convento das Bernardas.
https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura

099 | Perspectiva do Hotel Six Senses Vale do Douro.
http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/1936/N243/N243_master/N243.pdf

100 | Esquema da ruína.
Elaborado pelo autor.

101 | Solução volumétrica periférica.
Elaborado pelo autor.

102 | Estudo de circulações e da sala de jantar.
Elaborado pelo autor.

103 | Estudo da relação de cotas e com a envolvente.
Elaborado pelo autor.

104 | Estudo dos quartos do volume existente dos quartos.
Elaborado pelo autor.

105 | Desenho de estabilização da proposta volumétrica.
Elaborado pelo autor.

106 | Desenho do módulo do quarto.
Elaborado pelo autor.

107 | Estudo dos elementos de regularização de privacidade no módulo do quarto.
Elaborado pelo autor.

108 | Planta de Implantação. 1/500.
Elaborado pelo autor.

109 | Planta parcial do Piso 0 dos volumes existentes. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

110 | Planta parcial do Piso 1 dos volumes existentes. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

111 | Planta parcial do Piso 0 dos novos volumes. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

112 | Planta parcial do Piso 1 dos novos volumes. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

113 | Planta parcial do Piso 0 dos volumes do lazer. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

114 | Planta parcial do Piso 1 dos volumes do lazer. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

115 | Planta parcial do Piso 2 dos volumes do lazer. Esc. 1/400
Elaborado pelo autor.

116 | Cortes construtivos das novas volumetrias. Esc. 1/50
Elaborado pelo autor.

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Um Hotel na "Praia das Rosas": Reabilitação do Hotel do Sol (Mirassol)

Ismael Filipe Moura e Sousa

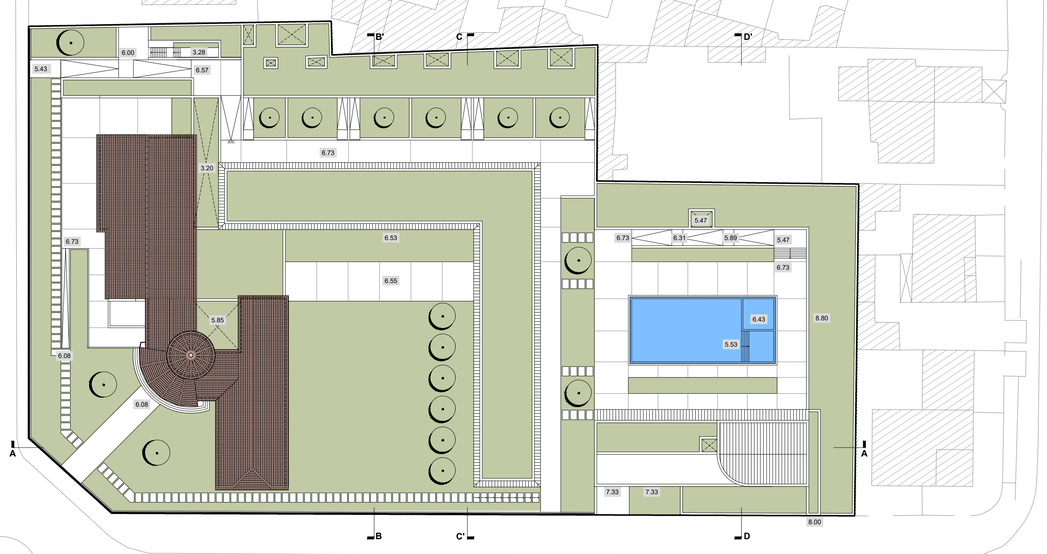
ANEXOS

Desenhos finais de projecto à escala

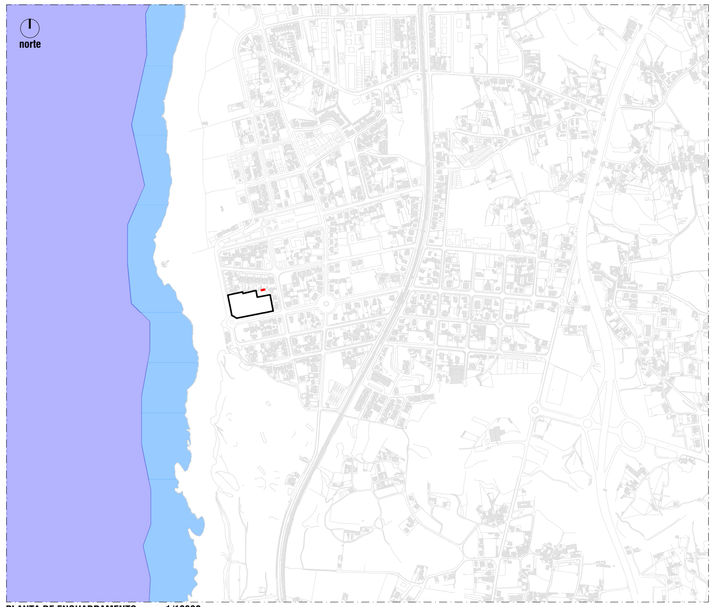
M

2021

norte



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO - esc. 1/500



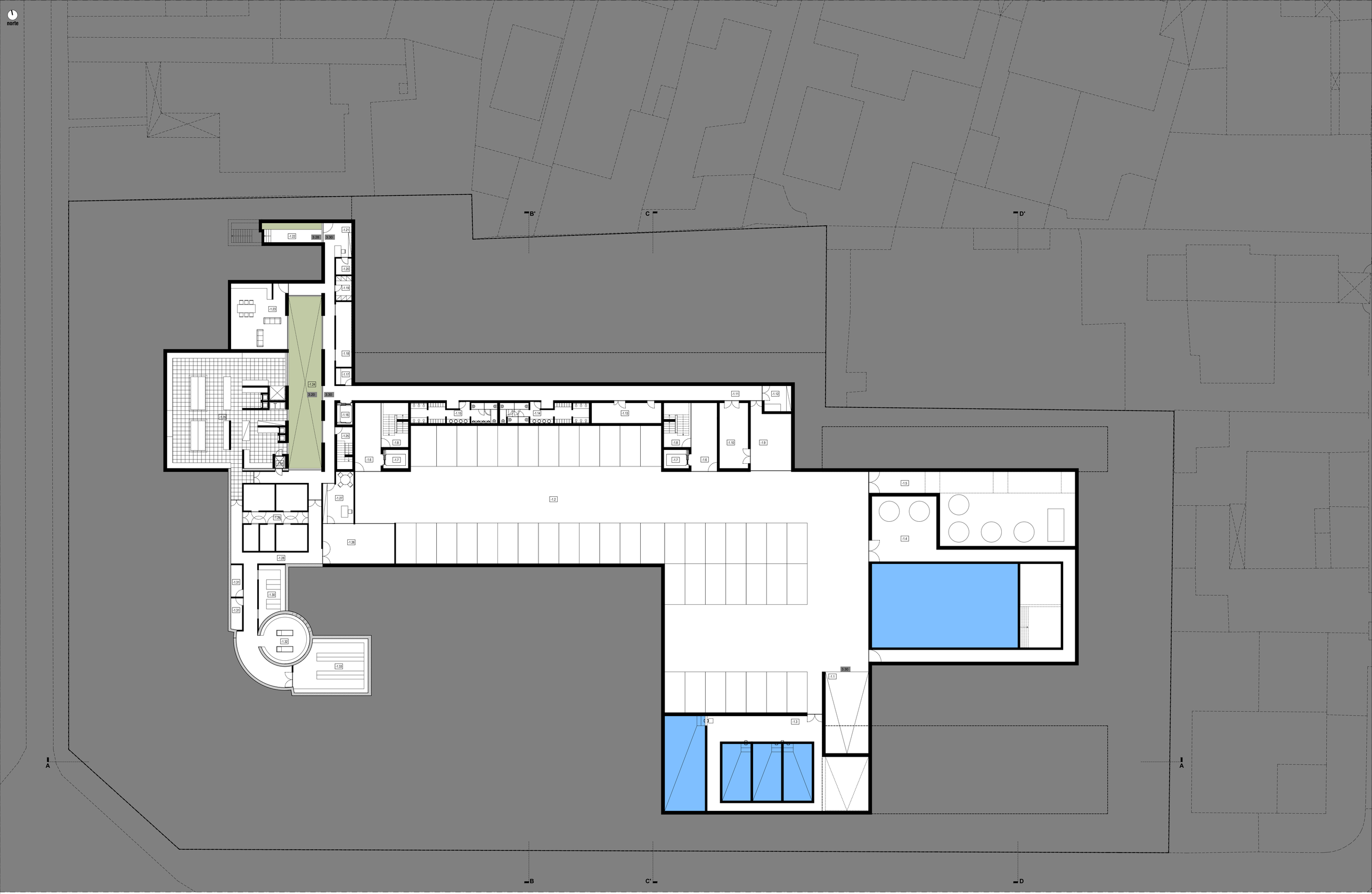
PLANTA DE ENQUADRAMENTO - esc. 1/10000

01

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa
Esc. 1/500 e 1/10000

1 5

norte



PLANTA DO PISO -1 (CAVE)

LEGENDA DOS COMPARTIMENTOS:

-1.1 - Acesso automóvel... -1.2 - Estacionamento... -1.3 - Cisternas de Abastecimento de água e incêndio... -1.4 - Casa das máquinas da piscina e galeria técnica... -1.5 - Central térmica... -1.6 - Átrio de distribuição - acesso pisos superiores... -1.7 - Elevador... -1.8 - Acesso vertical... -1.9 - Estacionamento automóvel de serviço... -1.10 - Casa dos lixos... -1.11 - Circulação serviço... -1.12 - Oficina manutenção... -1.13 - Lavandaria... -1.14 - Balneários/vestiários pessoal - Feminino... -1.15 - Balneários/vestiários pessoal - Masculino... -1.16 - Elevador serviço funcionários... -1.17 - Arrumo limpeza -1.18 - Arrecadação mobiliário... -1.19 - Sala de quadros... -1.20 - Sala segurança... -1.21 - Acesso serviço / Controle de acessos... -1.22 - Escada exterior de serviço funcionários... -1.23 - Sala de Pausa de funcionários... -1.24 - Pátio... -1.25 - Escada de serviço funcionários... -1.26 - Carga e descarga de produtos alimentares... -1.27 - Gabinete administrativo - controle de entradas e saídas de produtos alimentares... -1.28 - Circulação serviço... -1.29 - Câmaras frigoríficas - Carnes, peixes, legumes, congelados, ovos e produtos lácteos... -1.30 - Despensa de dia... -1.31 - Despensas de apoio -1.32 - Garrafeira... -1.33 - Despensa geral... -1.34 - Elevador serviço cozinha... -1.35 - Cozinha - copa suja, copa trem de cozinha, setores de preparação, setor de confeção, setor de conservação, empratamento, padaria e pastelaria

02

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa

Esc. 1/200

0 1 2 5

norte

B'

C

D'

A

A

B

C'

D

PLANTA DO PISO 0 (RÉS-DO-CHÃO)

LEGENDA DOS COMPARTIMENTOS:

0.1- Entrada pedonal principal... 0.2 - Percursos exteriores em lajetas em betão... 0.3 - Espaço exterior - Zona de Lounge e circulação... 0.4 - Entrada secundária pedonal - Acesso funcionários e apartamentos exteriores... 0.5 - Escada exterior de serviço funcionários - acesso piso -1... 0.6 - Circulação exterior... 0.7 - Átrio de entrada e distribuição... 0.8 - Acesso vertical - Piso 1... 0.9 - Recepção... 0.10 - Circulação... 0.11 - Sala de estar... 0.12 - Sala de Refeições e de pequenos almoços... 0.13 - Serviço pequenos almoços... 0.14 - Copa de apoio... 0.15 - Elevador serviço cozinha... 0.16 - Instalação sanitária Feminina... 0.17 - Instalação sanitária Masculina... 0.18 - Elevador... 0.19 - Serviços administrativos... 0.20 - Escada serviço - Serviços administrativos... 0.21 - Quarto existente

0.22 - Arrumo limpeza/Arrecadação de mobiliário... 0.23 - Zona de estar... 0.24 - Escada de serviço funcionários... 0.25 - Elevador de serviço funcionários... 0.26 - Elevador... 0.27 - Acesso vertical... 0.28 - Quarto... 0.29 - Zona exterior do quarto... 0.30 - Arrumo limpeza/Arrecadação de mobiliário... 0.31 - Circulação exterior entre Alas... 0.32 - Circulações exteriores... 0.33 - Piscina Adultos... 0.34 - Piscina crianças... 0.35 - Acesso exterior - Balneários Piscina... 0.36 - Átrio de entrada... 0.37 - Circulação... 0.38 - Balneários/vestiários feminino... 0.39 - Pátio... 0.40 - Balneários/vestiários Masculino... 0.41 - Arrecadação material - Piscina... 0.42 - Acesso automóvel ao piso -1... 0.43 - Posto de transformação... 0.44 - Entrada exterior de serviço... 0.45 - Átrio de entrada... 0.46 - Restaurante/Bar

0.47 - Instalação sanitária Feminina... 0.48 - Instalação sanitária Masculina... 0.49 - Balcão/Atendimento... 0.50 - Cozinha... 0.51- Despensa geral... 0.52 - Átrio entrada e distribuição... 0.53 - Elevador... 0.54 - Acesso vertical... 0.55 - Rampa de acesso aos Apartamentos... 0.56 - Cozinha/zona de refeições... 0.57 - Sala de estar... 0.58 - Circulação... 0.59 - Quarto... 0.60 - Quarto de Banho... 0.61 - Pátio

03

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa

Esc. 1/200

0 1 2 5

norte

PLANTA DO PISO 1

LEGENDA DOS COMPARTIMENTOS:

1.1- Átrio de distribuição... 1.2 - Varanda... 1.3 - Bar... 1.4 - Balcão de Atendimento... 1.5 - Copa e despensa... 1.6 - Lounge exterior... 1.7 - Elevador... 1.8 - Gabinete da Administração... 1.9 - Acesso vertical... 1.10 - Circulação... 1.11 - Quarto existente... 1.12 - Suite... 1.13 - Zona de dormir... 1.14 - Zona de estar... 1.15 - Arrumo limpeza/Arrecadação de mobiliário... 1.16 - Circulação... 1.17 - Escada de serviço funcionários... 1.18 - Elevador de serviço funcionários... 1.19 - Elevador... 1.20 - Acesso vertical... 1.21 - Varanda... 1.22 - Quarto... 1.23 - Espaço exterior quarto... 1.24 - Arrumo limpeza/Arrecadação de mobiliário... 1.25 - Zona de Estar... 1.26 - Espaço exterior - Varanda... 1.27 - Átrio de distribuição... 1.28 - Elevador... 1.29 - Acesso vertical principal... 1.30 - Recepção/Atendimento
1.31 - Circulação... 1.32 - Massagens... 1.33 - Pátio... 1.34 - Instalação sanitária... 1.35 - Zona de controle de acessos... 1.36 - Circulação... 1.37 - Balneário/Vestiário Feminino... 1.38 - Balneário/Vestiário Masculino... 1.39 - Sala de Máquinas/Zona de Fitness... 1.40 - Acesso vertical secundário - Piso 2

04

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa
Esc. 1/200

0 1 2 5

norte

B'

C

D'

6.73

A

A

B

C'

D

15.25

15.05

14.15

2.1

2.2

2.3

2.4

2.5

2.6

2.7

2.8

PLANTA DO PISO 2

LEGENDA DOS COMPARTIMENTOS:

2.1 - Elevador... 2.2 - Acesso vertical... 2.3 - Zona de distribuição... 2.4 - Bar... 2.5 - Zona de estar... 2.6 - Lounge... 2.7 - Jacuzzi exterior... 2.8 - Zona técnica jacuzzi

05

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa

Esc. 1/200

0 1 2 5

norte

B'

C

D'

6.73

A

A

B

C'

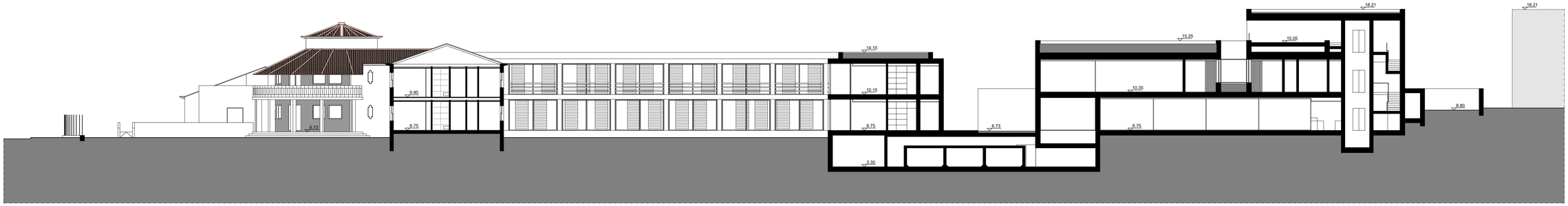
D

06

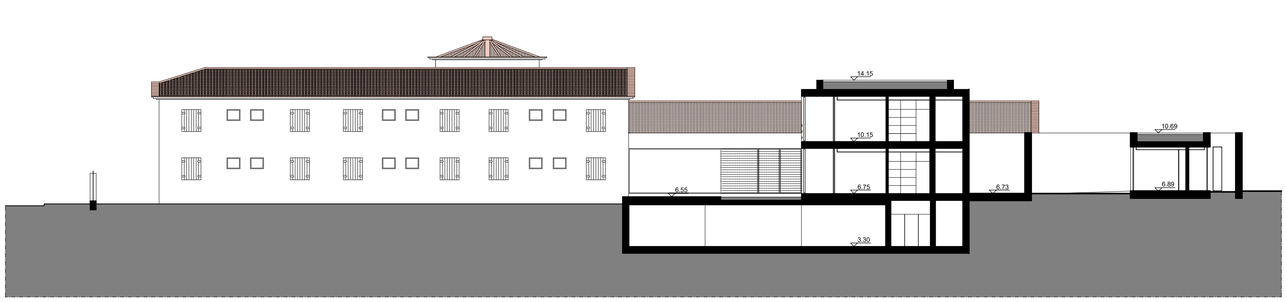
PLANTA DA COBERTURA

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa
Esc. 1/200

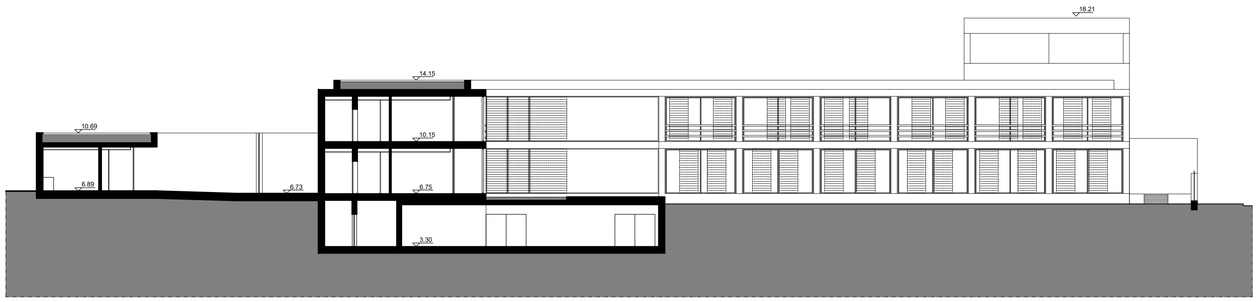
0 1 2 5



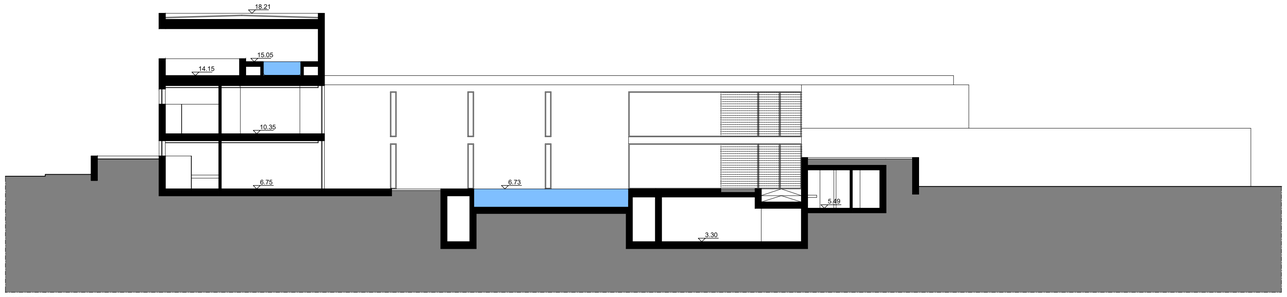
CORTE A.A'



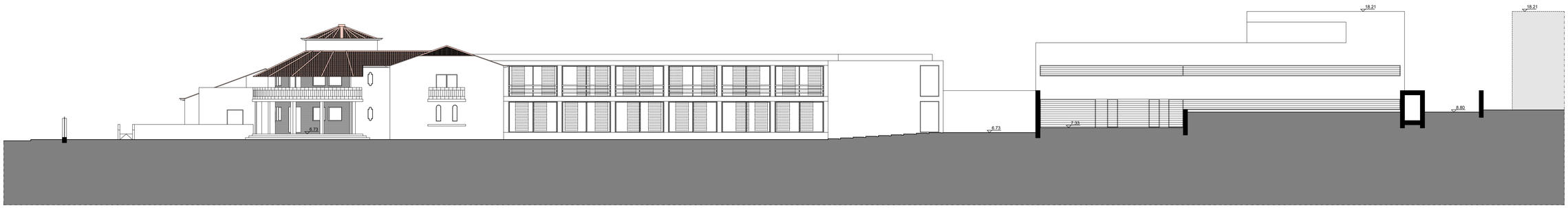
CORTE B.B'



CORTE C.C'



CORTE D.D'



ALÇADO SUL



ALÇADO POENTE

07

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto | Dissertação de Mestrado
Ismael Moura e Sousa
Esc. 1/200

0 1 2 5